

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**A CULTURA DA INFÂNCIA NAS IMEDIAÇÕES DO BAIRRO SANTA
FELICIDADE DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ: A ARTE EM CENA**

LAYLA MARIANA MAIANTE PINTO

MARINGÁ

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**A CULTURA DA INFÂNCIA NAS IMEDIAÇÕES DO BAIRRO SANTA
FELICIDADE DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ: A ARTE EM CENA**

Dissertação apresentada por LAYLA MARIANA
MAIANTE PINTO, ao Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade
Estadual de Maringá, como um dos requisitos
para a obtenção do título de Mestre em
Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientador(a):

Prof^(a). Dr(a).: VERÔNICA REGINA MÜLLER

MARINGÁ
2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central – UEM, Maringá – PR., Brasil)

P659c	<p>Pinto, Layla Mariana Maiante</p> <p>A cultura da infância nas imediações do bairro Santa Felicidade do município de Maringá : a arte em cena / Layla Mariana Maiante Pinto. -- Maringá, 2013. 146 . : il. color.</p> <p>Orientador: Prof.a Dr.a Verônica Regina Müller. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.</p> <p>1. Cultura infantil. 2. Cinema. 3. Relação adulto-criança. 4. Educação social. I. Müller, Verônica Regina, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.</p> <p>CDD 22.ed. 370.115</p>
-------	--

LAYLA MARIANA MAIANTE PINTO

**A CULTURA DA INFÂNCIA NAS IMEDIAÇÕES DO BAIRRO SANTA
FELICIDADE DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ: A ARTE EM CENA**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Verônica Regina Müller (Orientador) – UEM - Maringá

Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz – UNOESTE – Presidente Prudente

Prof. Dr. Geovanio Edervaldo Rossato – UEM - Maringá

Maringá, 28 de março de 2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas que estiveram ao meu lado nesta etapa de minha vida, em especial a minha mãe Lucia e meu pai Mario pela compreensão e apoio, minha irmã Layce pelo amor sincero, e meu noivo Johann Willians Antonechen pela paciência e incentivo prestado à minha pessoa.

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial meus pais Lúcia e Mario, que estiveram ao meu lado em todas as alegrias bem como em todas as dificuldades que enfrentei em minha trajetória acadêmica, muito obrigada por serem presentes e se preocuparem comigo. À vocês eu dedico o meu amor incondicional. Ainda tenho que destacar os meus agradecimentos a minha irmã Layce por fazer parte de cada momento, agradeço o seu apoio. Estendo os agradecimentos a todos da minha família que mesmo distantes fazem parte da minha história.

Não poderia deixar de agradecer a minha segunda família, Dona Graça, Aline e Johann que sempre me apoiaram em minhas decisões, me dando força nos momentos de angústias. Em especial gostaria de falar o quão importante o meu noivo Johann foi neste processo, ele me ajudou, apoiou, me incentivou todos os dias desta caminhada. Obrigada por ser tão companheiro, paciente, carinhoso, enfim, por estar fazendo dos meus sonhos grandes realizações.

À professora Dr^a Verônica Regina Müller pela dedicação, apoio, confiança e paciência prestada a minha pessoa, obrigada por compartilhar os valiosos conhecimentos e por tornar este sonho do mestrado uma realidade, à você sou grata pelos ensinamentos, pelos conselhos e pelas conversas sinceras.

Aos professores Dr^o Geovanio Edervaldo Rossato, Dr^o Luiz Antônio Afonso Giani, Dr^o Adriano Rodrigues Ruiz, pelas contribuições neste trabalho.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

Às crianças e seus pais ou responsáveis que não mediram esforços para participarem da pesquisa, e por contribuir de forma grandiosa, alegre e divertida em todos os encontros realizados.

À escola do bairro Santa Felicidade que nos proporcionou utilizar o espaço para os encontros da pesquisa.

Ao pessoal do PCA e do Grupo de Estudo “Infância, Adolescência e Juventude”:
Cássia, Luisa, Maria Angelita, Wagner, Maristela, Paula, Renata, Alexandre, Rangel,
Lara, Marcelo, Antena, Marilze, Patrícia, Rosely que muito contribuíram com este
trabalho, mediante as discussões, debates, contato com arte e trocas de vivências e
experiências.

Às minhas amigas Luciana, Angélica, Thaís, Juliana, Deiva e Amanda que de perto
ou de longe enviaram energias positivas em todo o processo, vocês estão no meu
coração.

À todos que fizeram parte deste momento tão importante da minha vida, seja por um
simples sorriso, apoio, dedicação, meus sinceros agradecimentos.

***Na vida, tudo tem seu tempo
E cada tempo uma característica tem
Precisamos viver nosso tempo
E deixar que os outros vivam também...***

***Criança tem que ser criança
Ter pureza, inocência e sonhar
Não há no mundo pecado maior
Do que sonhos de criança tirar...***

***Criança tem que ser respeitada e amada
E assim, aprender a respeitar e amar
Criança não aprende com discurso
Mas com o que está a vivenciar...***

***Criança tem que ser criança
Pular, correr e brincar
Não há no mundo tristeza maior
Do que criança, pela infância, não passar...***

***Na vida de todo mundo, a infância
É o melhor tempo que se tem
Se vivemos bem esse tempo
E se deixamos que vivam também!***

Mena Moreira

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Aspectos importantes na vida da crianças e adultos

Quadro 2: Atividades corretas e incorretas

Quadro 3: O ser criança

Quadro 4: O brincar na visão do adulto

Quadro 5: Atividades que adultos e crianças realizam juntos

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

DEF - Departamento de Educação Física

UEM – Universidade Estadual de Maringá

PCA – Programa Multidisciplinar de Estudos, Pesquisa e Defesa da Criança e do Adolescente

PR – Paraná

GP – Grupo Focal

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

I.C – Indústria Cultural

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1: Vista por satélite do bairro Santa Felicidade e da escola do bairro.... 22
- Figura 2: Vista por satélite das imediações do bairro Santa Felicidade.....23

PINTO, Layla Mariana Maiante. **A CULTURA DA INFÂNCIA NAS IMEDIAÇÕES DO BAIRRO SANTA FELICIDADE DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ: A ARTE EM CENA.** 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Verônica Regina Müller. Maringá, 2013.

RESUMO

A presente pesquisa trata de uma proposta envolvendo o cinema como estratégia para o entendimento da cultura infantil nas imediações do bairro Santa Felicidade no município de Maringá- Paraná. Tal estudo teve como objetivo principal desvelar características da cultura infantil local enfatizando as relações estabelecidas no cotidiano entre crianças e adultos. Na pesquisa qualitativa fez-se uso do grupo focal para o trabalho de campo. Ao todo, foram três encontros realizados nos meses de abril e maio de 2012, totalizando 17 sujeitos participantes. Para a investigação de campo foram utilizadas fontes áudio-imagéticas, dando enfoque aos filmes que abordam a infância, as relações familiares e comunitárias sendo eles: O menino maluquinho (1994), Fantástica fábrica de chocolates (2005), e, Animais unidos jamais serão vencidos (2010). A partir das transcrições do grupo focal, analisaram-se as categorias: socialização, relação de poder, liberdade e acesso à cultura. A análise envolveu teorias sobre cultura, cultura infantil, sociologia da infância, cinema, relação adulto-criança, cotidiano e educação. Como resultado da investigação obtivemos que a cultura infantil nas imediações do Santa Felicidade reproduz em muitos aspectos a cultura dos adultos, isso devido ao processo de adultocentrismo existente nas relações familiares e comunitárias. Entretanto, salienta-se que mesmo neste âmbito as crianças conseguem se articular enquanto grupo social no brincar, reproduzindo e produzindo novos aspectos na cultura local. Os resultados da pesquisa foram apresentados aos participantes em um encontro com as crianças e adultos envolvidos, bem como os participantes foram levados a uma sessão no cinema no shopping, sendo mais uma possibilidade de contato com a cultura cinematográfica.

Palavras-chave: Cultura infantil; Cinema; Relação adulto-criança.

PINTO, Layla Mariana Maiante. **THE CULTURE OF CHILDREN IN THE IMEDIATIONS OF SANTA FELICIDADE NEIGHBORHOOD OF THE CITY OF MARINGÁ: THE ART SCENE.** IN # 146. Dissertation (Master of Education) - University of Maringá. Advisor: Veronica Regina Müller. Maringá, 2013.

ABSTRACT

This study is a cultural proposal involving the cinema as a strategy to understand the culture of the neighborhood children in imediations of Santa Felicidade in Maringá - Paraná. This study aims to reveal the main characteristics of local children's culture emphasizing relationships established everyday between children and adults. In qualitative research became the focus group for the field work. In all, there were three meetings held in April and May 2012, totaling 17 individuals. For the field research sources were used audio imagery, focusing on films that address childhood, family and community relationships being: *The Nutty Boy* (1994), *Fantastic Chocolate Factory* (2005), and *Animals united will never be losers* (2010). From the transcripts of the focus group, were analyzed the following categories: socialization, relationship power, freedom and access to culture. The analysis involved theories about culture, children's culture, sociology of childhood, cinema, adult-child r, education and daily life. As a result of the investigation we found that the in the vicinity of Santa Felicidade plays in many aspects of adult culture, due to this process adultcentrism existing at family and community relationships. However, it is noted that even in this context children can be articulated as a social group at play, reproducing and producing new aspects of local culture. The survey results were presented to participants in a meeting with children and adults involved, well as taken to a movie in a mall, with a possibility of more contact with the film culture.

Keywords: Children's Culture; Cinema; Adult-child Relationship.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 MÉTODO.....	17
1.2 O CAMPO E SUAS IMEDIAÇÕES.....	21
2 O COTIDIANO DE ADULTOS E CRIANÇAS DA ESCOLA DO SANTA FELICIDADE: TRANSCRIÇÕES DO GRUPO FOCAL	26
3 A CULTURA DA INFÂNCIA E A CRIANÇA DAS IMEDIAÇÕES DO SANTA FELICIDADE	80
4 CENAS DO COTIDIANO: A CARACTERIZAÇÃO DA CULTURA INFANTIL LOCAL	86
4.1 A FAMÍLIA.....	86
4.2 A COMUNIDADE	106
4.2.1 AMIZADE: VALOR INESTIMÁVEL PARA AS CRIANÇAS.....	117
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	124
ANEXOS	130

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão trata da relação adulto-criança de modo a aprofundar o conhecimento acerca da cultura infantil, por meio de filmes direcionados à infância, contando com a interpretação destes pelas crianças e adultos residentes nas proximidades do Bairro Santa Felicidade do município de Maringá-PR, mais precisamente dos alunos e pais ou responsáveis da Escola Municipal Professora Benedita Natália Lima.

O estudo visou integrar crianças e adultos em uma atividade cultural, envolvendo fontes áudio-imagéticas (filmes), como estratégia para compreender as relações sociais entre pais e filhos com o intuito de identificar as particularidades da cultura infantil e analisá-las a partir de referenciais teóricos específicos das ciências humanas.

O interesse por tal pesquisa surgiu pelo encantamento que as crianças transmitem. Desde o início do meu caminho acadêmico na graduação estive envolvida com crianças, seja em estágios ou projetos. Com a conclusão do curso em Educação Física optei por seguir a carreira pedagógica. Enquanto professora na rede Municipal de Maringá – Paraná o contato direto com as crianças instigou-me a aprofundar os conhecimentos na área aliando ao meu trabalho.

Durante a prática pedagógica estabeleceu-se um vínculo com a população local, oportunizando o estudo na comunidade e daí nasceu o interesse por desenvolver uma pesquisa de campo naquele lugar. Estudar as crianças, entender o que gostam e ouvi-las, auxilia no processo de conhecimento de uma cultura. Para tanto, decidimos utilizar o cinema para entender as relações estabelecidas no cotidiano local. Quanto ao interesse pela temática do cinema surgiu primeiramente pela participação (durante a graduação) no Projeto de Pesquisa intitulado “As fontes áudio-imagéticas como recurso de pesquisa e ensino em Educação Física¹”, o qual possibilitou uma aproximação com os estudos da indústria fílmica e sua relação com a sociedade. Já a curiosidade sobre a cultura infantil local foi motivada pela

¹ Projeto de pesquisa com início em 2008 do Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), coordenado pela professora Ms. Deiva Mara Delfini Batista Ribeiro.

participação no Projeto de Pesquisa “Infância, adolescência e juventude²” pelo aprofundamento nas questões relacionadas à infância.

Objetiva-se, portanto neste estudo, desvelar características da cultura infantil local enfatizando as relações estabelecidas no cotidiano entre crianças e adultos da região do Santa Felicidade.

A teoria sobre cultura, cultura infantil, sociologia da infância, cinema, relação adulto-criança, cotidiano e educação subsidiam este estudo. Partindo de tais teorias deve-se considerar as transformações sociais ocorridas a partir da Modernidade, os avanços científicos e tecnológicos que alavancaram a ciência e impactaram o mundo. Para Bauman (1989), as transformações sócio-estruturais do período atingiram sua maturidade como projeto cultural, com o avanço do iluminismo e depois como forma de vida socialmente consumida com o desenvolvimento da sociedade industrial.

No que diz respeito à teoria da infância, salienta-se que de acordo com Ariès (1981) na Europa os conceitos envolvendo criança foram sendo modificados, a criança antes vista como adulto em miniatura assume nesse período outro status, por conta da disseminação de uma nova ideia de infância, que compreendia a proteção e o cuidado para com as mesmas, que é resultado, dentre outras influências, da valorização familiar ocorrida na época. A mesma autora nos relata que tal valorização adaptaria a família aos moldes de comportamento e relações sociais desejados pelos poderes dominantes (MÜLLER, 2007). Outro aspecto a destacar da modernidade europeia e que se reflete no Brasil por influência dos mesmos é que ao mesmo tempo em que se tinha o cuidado com a criança, registravam-se vários índices de crianças abandonadas por suas famílias.

As crianças pertencem à instituições, quais sejam, família, escola, igrejas, médicas, dentre outras. Segundo Müller (2007) este período de intensas transformações sociais mudam a visão familiar em termos sociais.

[...] As famílias devem adequar-se à ordem social e ao progresso econômico da nação, da qual o filho é o futuro; o soldado de amanhã, defensor da pátria, reprodutor da raça, cidadão de direitos e deveres na exitosa sociedade vindoura. [...] A infância passa a ser o centro e o porvir. A criança é o herdeiro dos frutos do trabalho dos

² Projeto de pesquisa iniciado em 2004 do Programa Multidisciplinar de Estudos, Pesquisa e Defesa da Criança e do Adolescente (PCA) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e é coordenado por Dr^a Verônica Regina Müller.

pais e também da sociedade que está sendo construída e deve ser conservada [...] (p.65).

Desta forma, apesar da criança ser o centro da família e o futuro da sociedade vindoura, ela passou a ser controlada pelos adultos em seus gestos, ações, enfim em toda sua vida cotidiana, com as novas formas de organização da sociedade a partir deste período, a qual assumiu um novo posicionamento³ e interferiu na vida dos sujeitos sociais. Com o advento da industrialização, o homem passa a ser visto como uma mercadoria e fonte de acúmulo de capital, segundo Horkheimer e Adorno (1991) a revolução industrial gerou intensas modificações na estruturação da sociedade, que se instaurou como dominante e se encarregou de “dotar padrões” para o mercado mundial, inclusive no que diz respeito à cultura e a arte.

Para entendermos a relação da arte com o mercado, nos aprofundamos na teoria Frankfurtiana para explicar a “indústria cultural”, termo que surgiu para substituir a expressão cultura de massa. Em tal contexto estão inseridas as mais diversas produções culturais, inclusive o cinema que segundo autores como, Fabiano (2001), Cunha (2002) e Silva (2012), tornou-se enquanto arte objeto de consumo e fonte de fruição, auxiliando no processo de adaptação a ordem vigente.

Fabiano (2001, p.140) reforça que a indústria cultural tem função remanejadora e adaptativa “da produção cultural como liquidação da própria cultura”, entretanto, destaca que vista de um ponto crítico, a cultura também pode ser elemento emancipatório. Apesar de o cinema na contemporaneidade ser objeto de fruição mercadológica, também pode representar um dispositivo para crítica da atual sociedade, se considerarmos os elementos de emancipação contidos nas produções fílmicas. Neste sentido, utilizar o cinema na pesquisa, oferece uma possibilidade de entendermos as relações sociais, assim como a cultura infantil presente na mesma. Silva (2004) alerta para a necessidade de que assumamos uma postura crítica frente aos conteúdos transmitidos pela indústria cultural, no caso os filmes, de forma a visualizar as produções para além de meras mercadorias, ou seja, como ricas produções culturais da humanidade. Enfatizar os elementos emancipatórios das produções fílmicas pode valorizar a cultura e a arte, os quais podem subsidiar uma reflexão e posteriormente a crítica às relações vigentes. Portanto, trabalhar a relação

³ Esse novo posicionamento se refere à sociedade regida pela industrialização, na qual as produções tornaram-se mercadoria, portanto o consumo passa a fazer parte da vida dos sujeitos (MARX, 1985).

adulto-criança/ cultura infantil/cinema pode oportunizar a crítica ao sistema vigente, além de possibilitar uma problematização frente às questões concernentes à cultura infantil.

Quanto à infância, ressalta-se, a importância de considerar a criança enquanto ser social pleno (BORBA, 2005; SARMENTO, 2008), de visualizar as crianças enquanto produtores de cultura. Tal afirmação nos leva a assumir que as crianças são dotadas de capacidade de ação, participação e ressignificação, produzindo culturas em suas relações (BORBA, 2005). E ao serem consideradas sujeitos sociais, devem-se levar em conta alguns aspectos primordiais, como o tempo e o espaço em que convivem. No caso, os espaços da família e da comunidade fazem parte do cotidiano das mesmas. Os estudos sobre o cotidiano se mostram imprescindíveis para o entendimento da convivência das crianças no meio, mostrando aspectos referentes às suas relações nos diferentes espaços.

Logo, a problemática para a pesquisa pode ser evidenciada da seguinte forma: Como se caracteriza a infância nas proximidades do Bairro Santa Felicidade do município de Maringá/PR?

Partimos para o campo com as seguintes hipóteses:

- As relações familiares ocorrem com base no autoritarismo por parte dos adultos;
- A cultura existente se apresenta na forma de consumo de massa, anulando o acesso à cultura enquanto arte;
- Os adultos e crianças possuem percepções diferentes de realidade;
- A cultura infantil local em alguns aspectos reproduz a cultura dos pais ou responsáveis;
- Não há articulação do grupo social das crianças;
- Há uma organização política de adultos na comunidade

1.1 MÉTODO

Neste trabalho, o campo refere-se a crianças de ambos os sexos, na faixa etária entre 4⁴ à 10 anos, estudantes da Escola Municipal Professora Benedita Natália Lima (Anexo D) do Município de Maringá-PR, localizada na Avenida

⁴ Dentro do grupo participante da pesquisa, temos a N. (04 anos), que não é estudante da escola, porém é irmã de uma estudante e por isso participou da investigação.

Guedner, 3476, Bairro Santa Felicidade, bem como os pais, mães ou responsáveis (idade entre 29 e 69 nos) das crianças da escola que foram convidados juntamente com elas para participar da investigação. Ao todo, foram 17 sujeitos participantes da pesquisa, número definido pelo interesse na participação nos três encontros realizados nos meses de abril e maio de 2012.

A pesquisa foi dividida em três momentos, que se referem as três intervenções realizadas com as crianças e seus responsáveis no ambiente escolar em horários diversificados, pois utilizamos os fins de semana e o evento da “Escola Aberta” para os encontros propostos nesta investigação.

O primeiro encontro ocorreu no dia 15 de abril nas dependências da escola durante o I Evento Escola Aberta do ano de 2012. Neste dia, 10 pessoas participaram da proposta cultural com o filme “Fantástica fábrica de chocolates” (2005). A utilização deste filme teve o propósito de introduzir as discussões sobre a relação adulto-criança bem como conhecer as atividades que as crianças gostam de realizar. Por ser o primeiro dia percebemos que os pais e as crianças estavam apreensivos. No entanto, antes de iniciar as discussões, foi explicitado sobre a metodologia do grupo focal e recordados os objetivos da pesquisa. Prosseguiu-se a intervenção, primeiramente com a sessão do filme e na sequência o trabalho com os grupos focais, respectivamente das crianças e dos adultos em separado. Após as discussões com o grupo das crianças, iniciava-se o grupo dos adultos, enquanto isso, as crianças brincavam explorando o ambiente, com atividades lúdicas propostas por uma professora convidada. Ao término do primeiro encontro era possível ver o brilho nos olhos das crianças em realizar uma atividade diferenciada no final de semana, mas, sobretudo, parecia que o que mais lhes alegrava, era estar acompanhadas por seus pais ou responsáveis na mesma atividade.

No segundo encontro realizado em 29 de abril de 2012 os responsáveis adultos e as crianças totalizaram 14 participantes. Neste dia não ocorreu outra atividade na escola, apenas a proposta cultural com o filme “Menino maluquinho – o filme” (1994). As atenções estavam focadas na atividade proposta e as pessoas se fizeram presentes por vontade própria. Foi enviado um convite para os pais e as crianças sobre a realização do segundo encontro. O filme assistido tinha como intuito instigar o debate sobre as atividades que uma criança pode realizar e como é a relação das crianças com outras crianças ou com adultos. Após a sessão de cinema foi realizada a reflexão sobre o filme e suas particularidades.

Nosso último encontro cultural foi em 05 de maio de 2012 com o filme “Animais unidos jamais serão vencidos” (2010), neste participaram ao todo 13 pessoas. A proposta do dia era discutir sobre as relações em comunidade, seja entre crianças, entre adultos ou sobre a relação adulto-criança, enfatizando a importância de vivermos em comunidade. O encontro foi realizado em um sábado à tarde, por opção das pessoas participantes, pois o mesmo estava marcado para o dia seguinte, um domingo, porém um dos adultos avisou que não tínhamos energia elétrica, fomos nos falando e decidimos fazer no sábado. Diante do ocorrido, viu-se o comprometimento dos participantes com a pesquisa, os quais não mediram esforços para que o encontro acontecesse naquele fim de semana. Assim, pais e crianças assistiram ao filme e após realizamos as intervenções. Destaca-se que como os participantes já conheciam a metodologia do grupo focal sentiram-se mais à vontade durante as discussões, exemplo disso foi na duração do debate, o qual ocorreu por um tempo prolongado. Ao final do encontro, ainda expuseram diversas experiências de vida, angústias e como a pesquisa fez com que eles se aproximassem dos filhos⁵.

O roteiro de observação e da entrevista semiestruturada (Anexo E) foi pautado em caracterizar e descrever os elementos das culturas infantis e a relação criança-adulto no espaço escolar e na comunidade, buscando detectar como elas se relacionam, considerando como categorias principais a cultura infantil e a relação adulto-criança. Conforme Minayo (2004, p.99), a entrevista semiestruturada deve ser um instrumento de pesquisa facilitador de abertura, de ampliação e de aprofundamento da comunicação, possibilitando ao entrevistado dispor sobre um tema proposto sem condições prefixadas e sem a necessidade de obedecer a uma sequência rígida.

Outro recurso utilizado na pesquisa de campo foi à técnica de Grupo Focal (GF), a qual foi empregada durante as entrevistas, com crianças e adultos separadamente. Os três encontros foram filmados, sendo que não tivemos a interrupção nas falas das crianças e dos adultos (Anexo I). O pesquisador teve o papel de mediar e/ou moderar as relações neste momento (GOMES, 2005).

⁵ Sobre a aproximação, alguns pais relataram que a pesquisa auxiliou na relação adulto-criança, pois possibilitou um diálogo sobre as temáticas abordadas em cada encontro. Alguns pais apresentaram que sentaram para brincar com as crianças e para ouvi-las.

Para Antoni *et al* (2001) no grupo os participantes podem trocar experiências, expor suas opiniões e detalhar sobre suas percepções, crenças e ações sobre a temática abordada, isso se mostra perceptível na fala de um dos participantes “[...] Você aprende um pouco né, um fala aqui e você aprende um com o outro, você vai ouvi aquele ali e fala pô esse tem uma ideia legal, você acaba aprendendo um com o outro” (E. 39 anos).

Assim, o trabalho com o grupo focal propicia a interação entre os participantes, constituindo uma espécie de “rede” por meio das interações do grupo. Gomes (2005) aponta que tal método possui uma condução flexível dos trabalhos e dos elementos investigativos da pesquisa (GOMES, 2005).

A pesquisa qualitativa em questão se sustenta na ideia da interpretação da realidade social, que segundo Minayo (2004) procura descrever, compreender, explicar e analisar a realidade social.

Pais (2003) ao relatar sobre metodologias qualitativas dentro da abordagem da “sociologia da vida cotidiana” coloca que durante a aplicação dos métodos qualitativos a investigação acontece como numa cascata, isto é, a pesquisa se elabora com o avanço das investigações sociais, o que evidenciou-se no momento da interpretação dos filmes, quando realizamos uma mediação com a realidade concreta das crianças e adultos participantes da pesquisa.

A socióloga Agnes Heller em suas obras “O Quotidiano e a história” (1972) e “Sociología de la vida cotidiana” (1977) enfatiza que na história do ser humano o cotidiano pode ajudar na explicação das relações sociais. O estudo da cultura da infância local perpassa a categoria teórica central do cotidiano, é partindo dela que se analisam as relações das crianças com os adultos e com outras crianças de modo a traçar e delinear características singulares da cultura.

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade [...]. A vida cotidiana é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias [...] (HELLER, 1972, p. 17).

Tal entendimento sobre o cotidiano nos auxilia no trabalho de campo, que segundo Neto (1994, p.54) é uma possibilidade de nos aproximarmos do que desejamos, partindo da realidade concreta. Neto destaca que “o campo torna-se palco de manifestação de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos”.

A coleta de dados foi realizada inicialmente por meio de observação e registros em diário de pesquisa. Iniciou-se no ano de 2011, as observações registradas no diário de pesquisa mostram o dia-a-dia das crianças e a relação com os adultos que o cercam. Observou-se as brincadeiras, sentimentos, conversas, ações e o olhar, tal processo era contínuo, das relações na escola e nas imediações do bairro.

As informações obtidas com as intervenções bem como os registros das observações do diário de campo foram analisadas e cruzadas com a fundamentação teórica, dando subsídio para a interpretação e discussão da temática. Vale salientar, que as gravações das vozes e imagens das crianças e dos adultos serão utilizadas somente para fins acadêmicos e serão destruídas após o término da pesquisa. As crianças e seus pais foram convidados a participar da pesquisa⁶ por meio de uma autorização, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexos B e C), que contém os objetivos da pesquisa, a forma como será desenvolvida, os dados do/a pesquisador/a. Ainda, enfatiza o sigilo garantido, tanto dos nomes das crianças, quanto de seus pais ou responsáveis, e também da utilização de suas imagens. Ficou estabelecido que durante a pesquisa, os participantes poderiam desistir da participação a qualquer momento da investigação.

1.2 O CAMPO E SUAS IMEDIAÇÕES

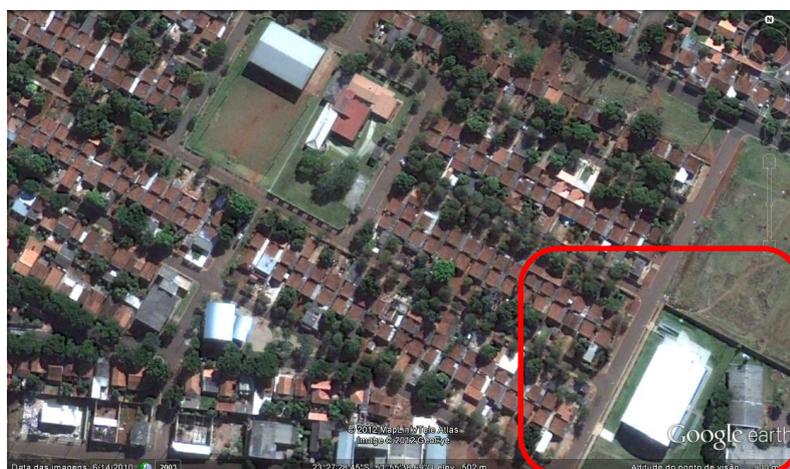
O bairro Santa Felicidade localiza-se na periferia de Maringá, e foi construído pelo poder público local para famílias que moravam em situações precárias ou em sub-habitações, como medida de desfavelamento no município. Ao término da construção no final da década de 1970 e início de 1980, o Núcleo Habitacional Santa Felicidade compreendia 246 casas destinadas aos moradores da antiga favela do cemitério. Esta reorganização espaço-social realizada pela prefeitura local não deu

⁶ Parecer favorável do Comitê de ética da Universidade Estadual de Maringá, autorizando a realização da pesquisa com seres humanos (Anexo A).

escolhas aos moradores que foram relocados para o bairro Santa Felicidade (ARAÚJO, 2005).

Segundo a autora, por cerca de dez anos as famílias foram controladas e vistoriadas pelo poder público local, o qual limitava a ação dos moradores desta região. A limitação compreendia em vistorias sobre o zelo para com os imóveis, sobre a permanência dos moradores nas casas e o cumprimento de cláusulas do contrato assinado por ambas partes. O local escolhido para a construção das casas era considerado a periferia, por estarem a uma distância razoável do centro da cidade.

É na periferia da cidade que se encontra a desigualdade deste município. Hoje, o bairro Santa Felicidade é uma comunidade cercada por outros bairros, todavia, destaca-se que as condições das famílias continuam as mesmas. Exemplo disso são as observações realizadas deste local. Foi possível evidenciar que no Núcleo Habitacional Santa Felicidade as ruas são estreitas (Fig. 1), com poucas árvores e pouca iluminação no período noturno. As pessoas transitam no meio das ruas, pois não tem calçada em todas as casas, as moradias são diferenciadas se comparadas aos bairros vizinhos. Em um único terreno residem várias famílias, sendo que alguns possuem parentesco. Outro aspecto relevante é o transporte público, o ônibus não passa dentro do bairro, ele somente transita pelas ruas que rodeiam o mesmo, devido ao estreitamento das ruas. Ainda observou-se que as crianças brincam nas ruas e em uma quadra perto da creche, e as atividades lúdicas mais presentes, são futebol e pipa.



ESCOLA

FIGURA 1 – Vista por satélite do bairro Santa Felicidade e da escola do bairro

Fonte: 2012 Europa Technologies Image (Google Earth)



FIGURA 2 – Vista por satélite das imediações do bairro Santa Felicidade
 Fonte: 2013 Europa Technologies Image (Google Earth)

A realidade econômica do bairro é precária, muitas famílias se mantêm com doações de entidades e com auxílio do poder público, como o *Bolsa Família*. A partir do trabalho de Araújo (2005, p.29) sobre a realidade local, destaca-se que a vida da população local é “[...] permeada por dificuldades econômicas, restrições quanto à moradia e situação de segregação sócio-espacial [...]”.

A visibilidade do bairro pela população do município está associada à violência e ao tráfico de drogas. Entretanto, não evidenciam as potencialidades do bairro, apenas julgam alguns moradores do Santa⁷ por suas ações, muitas vezes ligadas ao tráfico, generalizando os aspectos negativos.

Atualmente, novos direcionamentos quanto à reorganização urbana estão sendo feitos na cidade, o poder público local mediante recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), está direcionando uma proposta de relocação envolvendo novamente os moradores do bairro Santa Felicidade. A proposta é a readequação dos terrenos e ampliação da metragem dos mesmos. Isso porque, atualmente o bairro que possui mais de 30 anos de existência está situado em uma região nobre da cidade, cercado por condomínios de luxo e as especulações imobiliárias na cidade veem o bairro como um empecilho nos negócios imobiliários, impedindo a ampliação deste ramo nas redondezas (GALVÃO E ROCHA, 2010).

O poder público local novamente apresentou uma proposta de transferência de mais de 130 famílias do bairro para um Conjunto Habitacional construído as

⁷ Termo referente ao bairro Santa Felicidade, algumas pessoas o chamam de “Santa” ou “Vilinha”.

margens do Contorno Sul da cidade. Conforme relatos informais de adultos e crianças do bairro, algumas famílias já estão se mudando para o novo conjunto, entretanto, os moradores mais antigos do bairro se recusam a sair, pois não concordam com as decisões do poder público municipal e não querem repetir o ocorrido na década de 1970.

Todo este processo caracteriza-se pela “[...] mobilidade física, condicionada por uma mobilidade forçada pela lógica do modo de produção capitalista, estabelece demandas criadas pelo próprio sistema, onde os distanciamentos sociais são partes constitutivas das relações socioespaciais” (GALVÃO E ROCHA, 2010, p.145). Tal processo de mobilidade dos moradores do Santa Felicidade aconteceu em duas etapas, a primeira etapa na década de 1970 e a segunda está acontecendo atualmente. A mobilidade tende a refletir no cotidiano da comunidade em estudo, seja na organização espacial ou até na produção da cultura local.

As crianças participantes da pesquisa são também dos bairros vizinhos, mas estudam no colégio do bairro Santa Felicidade, o que nos faz considerar como campo centralmente o Núcleo Habitacional Santa Felicidade bem como os bairros ao seu redor. O campo e suas imediações são imprescindíveis para o entendimento da realidade local, das relações estabelecidas, e, sobretudo, do cotidiano. Todos os aspectos apontados auxiliam no aprofundamento das reflexões sobre a produção e reprodução da cultura infantil local.

Para atender a consecução dos objetivos o presente trabalho foi organizado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo, introdutório, teve como objetivo apresentar a proposta da pesquisa, apontar as categorias teóricas, expor a problemática da pesquisa assim como a sua justificativa. Na sequência, apresenta-se o método utilizado durante a investigação, destacando aspectos relevantes do trabalho de campo.

No segundo capítulo, intitulado “O cotidiano de adultos e crianças da escola do Santa Felicidade: transcrições do grupo focal” buscou-se mostrar a riqueza do trabalho de campo da investigação mediante as transcrições do grupo focal.

A terceira sessão expõe aspectos relacionados à cultura da infância, abordando a teoria sobre a temática e a existência de diferentes culturas. Ainda, nesta seção apresenta-se algumas particularidades das crianças do Santa Felicidade.

No quarto capítulo o foco está nas cenas do cotidiano do Santa Felicidade, busca-se delinear as características da cultura infantil local nos âmbitos da família e da comunidade pelas categorias socialização, relação de poder, liberdade e acesso à cultura.

Finalmente, temos o capítulo de considerações conclusivas, no qual mostramos resultados da pesquisa e as discussões acerca das categorias deste trabalho.

2. O COTIDIANO DE ADULTOS E CRIANÇAS DA ESCOLA DO SANTA FELICIDADE: TRANSCRIÇÕES DO GRUPO FOCAL

Esta seção contém na íntegra a transcrição dos três encontros com o grupo focal no Bairro Santa Felicidade, na ocasião da projeção dos filmes já citados. A decisão de constituir esta seção com tal característica foi motivada pela constatação da riqueza dos diálogos que podem ser usados para outros trabalhos que queiram analisar aspectos distintos aos analisados aqui e, ainda, porque a constituição das demais seções advém diretamente do conteúdo extraído de tais reuniões.

TRANSCRIÇÕES DO GRUPO FOCAL/CRIANÇAS

FILME: FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATES

DATA: 15-04-2012

SUJEITOS:

D. - 07 ANOS

P. - 07 ANOS

N. - 04 ANOS

M. - 06 ANOS

D. -10 ANOS

P. - 08 ANOS

O que o filme fez a gente pensar?

P. (07 anos): Na família

D. (10 anos): Na família, no amor, na amizade

D. (07 anos): Na alegria, no chocolate (expressou vontade).

Será que o filme fez a gente pensar nas nossas vontades?

M. (06 anos): nos esquilos!

E o esquilo era uma vontade dela?

M. (06 anos): acenou positivamente com a cabeça

P. (07 anos): do menino que com vontade de chocolate caiu no rio

P. (08 anos): e a menina que comeu chicletes

Então, a próxima pergunta que a professora quer saber de vocês é assim, no filme apareceram várias coisas que a gente tem em nossas vida, de vez em quando, qual foi a parte que pra vocês é bem parecido com o que vocês tem na sua vida?

P. (07 anos): a família! Porque é... eles se tornaram..eles se formaram todos uma família.

Ah! Então a questão da família você achou que foi importante pra você?

P. (07 anos): acenou a cabeça afirmativamente.

Quem mais, qual a outra parte do filme que fez lembrar da sua vida?

D. (10 anos): a amizade

A amizade! E quem foi amigo de quem ali?

M. (06 anos): Expressou pensamento

D. (10 anos): Willy Wonka e a...a família

M. (06 anos): Expressava-se o tempo todo pelo semblante duvidoso, envergonhado. Esqueci!

Esqueceu! Tem mais alguma parte do filme que a gente lembra?

M. (06 anos): Tem! (responde com palavra e gesto positivo com a cabeça).

Tem? Qual?

M. (06 anos):: coloca a mão na boca, envergonhada e pensativa.

D. (10 anos): a diversão também, a diversão também (tom mais alto).

Você acha que a diversão é importante para a criança?

Todos respondem: É!

E assim oh! Vocês são crianças, não são?

Todos respondem: São...somos, algumas acenam com a cabeça como sinal de positivo.

E a aquelas crianças são também crianças no filme, não são?

Todos respondem; São!

Então quais as atividades que as crianças, que vocês crianças realizam? No dia-a-dia?

D. (07 anos): coloca o dedo na frente do rosto e balança

P. (07 anos): o brincar

P. (08 anos): Todo envergonhado responde Sair!

D. (10 anos): é estudar também!

O que mais?

N. (04 anos): comer

P. (08 anos): brincar com os colegas

M. (06 anos): tomar café da tarde

E o que aquelas atividades, algumas atividades daquelas crianças que vocês não fazem?

P. (08 anos): um pouco sem jeito, ainda muito tímido responde, comer muito doce.

Nem precisamos de muito doce né!

M. (06 anos): Nós não precisamos de muito chocolate (ela estava tão sem jeito que o tempo todo estava ou com a mão na boca ou segurando mechas de seu cabelo).

E o que vocês acham, é alguma atividade que vocês fazem de bola, de brincar, de tudo isso que vocês falaram tem que mudar?

Ou vocês acham que está bom assim?

Todos acenaram com a cabeça que está bom assim, depois alguns falaram que sim, está bom.

E assim oh! Quais as atividades, o que vocês fazem que vocês acham correto que as crianças tem que fazer?

D. (07 anos): Levantou a mão e com brilho nos olhos respondeu: Brincar!

P. (07 anos): Estudar

D. (10 anos): se divertir

M. (06 anos):: Sair

E o que vocês acham que não é correto uma criança fazer?

Alguns erguem a mão para falar.

P. (08 anos): Agredir as pessoas

D. (10 anos): Não ficar muito trancado dentro de casa. **Oi?** Não ficar trancado dentro de casa.

M. (06 anos): Não...não xingar os mais velho.

P. (08 anos): não respeitar as pessoas

D. (07 anos): não bater, respeitar os mais velhos

Quem são os mais velhos?

D.(07 anos):: a mãe, o pai

P. (08 anos): as pessoas de mais idade

D. (10 anos): não os mais velhos, o próximo também

Muito bem

Tá! Quando podemos dizer que aqui na escola, no bairro, na igreja que a criança fez tudo certo?

Todos ficam pensativos

A gente fala: essa criança está de parabéns, ela fez tudo certo. O que ela faz pra gente falar assim?

D. (10 anos): Não bagunça

P. (08 anos): respeitar

D. (10 anos): tem que respeitar todo mundo

M. (06 anos): não bater

P. (08 anos): não xingar

E assim, vocês acham que os adultos, vocês são crianças, não são?

Todos confirmam

Vocês acham que os adultos fazem tudo certo também?

M. (06 anos): sim

D. (10 anos): tem horas que eles erram

P. (07 anos): tem uns que fazem tudo errado

M. (06 anos): eles pede pra fazer certo e faz errado

E assim, o que eles fazem de errado?

M. (06 anos): eles bate

P. (07 anos): eles xinga

D. (07 anos): agredi

Quem que eles agridem? A criança ou o adulto?

D. (07 anos): o adulto e a criança

O que mais? Que eles fazem em casa que vocês acham errado?

D. (10 anos): Beber

P. (08 anos): tem homem que fica...que fica bêbado e bate nas mulher dele

M. (06 anos): Tem gente que bate nos filho

Vocês assistiram a um filme hoje, não assistiram?

Sim

E vocês gostaram?

Gostamos..gostaram

E vocês já foram ao cinema um dia?

Alguns responderam sim, outros não

M. (06 anos): eu fui

Alguém nunca foi?

P. (07 anos) coloca as mãos no peito e diz: eu nunca fui

D. (07 anos): ergue o braço dizendo que não foi

D. (10 anos) diz que seu irmão já foi

D. (07 anos): eu já fui, mas eu ainda tava na barriga da minha mãe

D. (10 anos): já foi com 4 anos

Ele não lembra que foi então, né Diogo?

D. (07 anos): acena com a cabeça que não lembra. Eu só fui no circo!

Então só a Pâmela e o Diogo que não foram ou não lembra de ter ido ao cinema?

Vocês acham importante assistir filme?

Todos respondem: Sim

Porque?

M. (06 anos): porque nós aprende

P. (07 anos): porque tem filme que é de Jesus e a gente aprende muito

D. (10 anos): aprende muita coisa

É, e o que esse filme, o que vocês aprenderam com esse filme?

D. (10 anos): que a família é muito importante

D. (07 anos): do chocolate

Quais são as atividades que vocês fazem com os pais juntos?

M. (06 anos): Eu brinco com meu pais, eu brinco de morder o meu pai, eu mordo meu pai e ele me morde de brincadeira.

D. (10 anos): eu brinco de piada

P. (07 anos): eu nunca brinco com a minha mãe, minha mãe não tem tempo

Nunca brincaram com a mãe!

P. (07 anos) de mão dada com a irmã responde que não.

E o Pablo, brinca com o vô?

P. (08 anos): se esticando na cadeira responde que sim

Não só brincar, pensa nas atividades...

M. (06 anos): eu brinco com o meu pai, eu subo nas costa dele

P. (07 anos): a lavar louça

Vocês acharam importante a mãe, o pai, o vô estar junto assistindo o filme?

Eles responderam que sim

Isso então é para pensar nas atividades que vocês fazem juntos, ir no mercado junto, ajudar em casa.

P. (07 anos): eu nunca fiz com a minha família junto. Porque meu vô morreu e minha vó não quer mais fazer as coisa.

E com a sua mãe não?

P. (07 anos): a gente sai, a gente saiu um dia com a minha mãe e meu irmão.

E vocês acham que vocês enquanto crianças são felizes?

Todos respondem: sim ou somos.

São felizes, ou tem uma parte triste?

M. (06 anos): Tem dia que eu tô triste e dia que tô feliz.

TRANSCRIÇÕES DO GRUPO FOCAL/ADULTOS

FILME: FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATES

DATA: 15-04-2012

SUJEITOS:

I. (41 ANOS)

J. (69 ANOS)

A. (45 ANOS)

E. (39 ANOS)

O que o filme fez vocês pensarem?

A. (45 anos): No meu caso, em primeiro lugar a família, né, a família em primeiro lugar, o filhinho pensou na família dele e nós das nossa, é a minha opinião.

Tem mais alguém que gostaria de falar sobre o que o filme fez pensar, fez refletir?

I. (41 ANOS): Acho que é a mesma coisa (passando a mão no cabelo, envergonhada), a família acima de tudo né.

E. (39 anos): E a forma que os pai agiu com os filho, porque cada um age de uma forma, porque nem sempre tem cede tudo o que o filho que, você tem que ensina

eles a respeita regras, limites, educar, consegui as coisa com os outros, e sabendo adquire mas conserva, não deixa tudo solto.

Eu achei muito interessante essa relação do filme que ele traz as várias maneiras de educação que existe né, cada família tem a sua particularidade, a sua individualidade, é única, é no modo de educar a criança, né. Seu João queria falar?

J. (69 anos): Eu concordo com tudo isso aí.

O senhor concorda né. Então assim, quais as cenas do filme que vocês acham parecidas com o dia-a-dia de vocês? Tem alguma cena que chamou a atenção, que a gente fala aí nossa, as vezes eu faço isso! Que fez vocês pensarem, relacionarem com a família de vocês?

A. (45 anos): Eu a quarta, a quarta do menino um pouco rebeldinho (risos), eu vejo porque eu tenho a minha mais nova que é um pouco problemática nesse sentido.

É!

A. (45 anos): As vezes a gente acaba cedendo, e as vezes também estragando, acaba estragando um pouquinho a menorzinha de casa, cê que bajula mais e acaba estragando.

I. (41 anos): É mal de menorzinha, porque a minha pequenininha também, nossa senhora, as vezes pra você não dá uns tapas, você acaba cedendo, porque a bichinha é terrível.

A quarta que o senhor falou é da menininha que pedia tudo para o pai? Eram cinco crianças.

A. (45 anos): Era o quarto menino

O menino da televisão?

A. (45 anos): É o quarto (risos), o esticado (risos).

O seu João gostaria de falar alguma coisa, seu João?

J. (69 anos): É isso mesmo!

E. (39 anos): Eu acho que é assim, tem aquela hora que reuni toda a família, lá em casa sempre é assim, todo mundo junto, entendeu? Tá sempre presente, um

ajudando o outro, e tem a parte da rebeldia, eles querem te chantagear com uma coisa ou outra pra você ceder, aí você tem que ser um poquinho firme, as vezes você não quer, mas tem que ser, chora escondido, mas... (expressão de quem esteja fazendo isso).

O filme fala sobre crianças né, vocês um dia foram crianças, eu queria saber de vocês se as atividades das crianças de hoje, vocês acham que elas deveriam mudar? Assim, deveria mudar alguma atividade do dia-a-dia das crianças?

I. (41 anos): Acho que eles ficam muito, se dera, é vídeo game, é televisão, é não sei o que, tudo o que eles querem é só isso que eles querem, no mais que se chega da escola, eu posso jogar vídeo game? Daí você tem que ficar controlando. Daí você fala assim, porque você não vai jogar bola, aí esses dias eu peguei os meninos em casa sabe jogar? Vamos jogar pedrinha, a gente antes brincava de jogar pedrinha, aí eu fui ensinar eles a jogar pedrinha, entendeu! Aí eles falam vamos jogar pedrinha, aí a gente fica jogando de trilha, esses tipos de jogos pra usar a mente, eu fico fazendo isso em casa pra separar. Esse fim de semana nós nem ligamos a TV, fomos procurar outra coisa pra fazer, pra não deixar... Eu falo pro Daniel, se você ficar, só vai ficar isso na sua cabeça, não faz nada, aí eu..eu castigo assim, então não tem vídeo game, 15 dias sem vídeo game. É uma forma de você tirar deles e...e uma parte é bom e outra parte é ruim, a parte boa é assim, se eles ficam muito afim (fala enrolada). É uma forma de você..não ter que bater, não vai ter porque você não tá se comportando. É uma forma que dá pra você negociar com eles, entendeu. Não sei se é certo, mas é o que eu faço.

Vocês acham então que deveriam mudar algumas coisas?

I. (41 anos): Um fica por televisão..(risos). Eu..eu não tenho vídeo game, eu não tenho computador, eu falei que só vou comprar quando estiver maior, então elas chegam da escola vão brincar de boneca, elas só vão assistir televisão quando eu chamo pra dentro pra tomar banho é a hora que elas vão assistir televisão...(pausa)

J. (69 anos): o meu se deixar, ele fica direto na televisão (ponta de sorriso).

A. (45 anos): Se a gente ensina um monte de brincadeiras antigas, é gostoso né! Porque hoje não é mais assim, porque hoje eles não tem dificuldade de nada, tem tudo na mão! A tão pouco atrás, nas brincadeiras hoje se você vê uma menina

brincar com boneca é raro! Você não vê os menino fazendo carrinhozinho pra brinca, não vê os meninos brincado com carrinho, nada disso. Então se vê só essas coisa que...claro que já é outros tempos, não é o nosso, mas...tá tudo lá na frente já né? Sei lá, as brincadeira antiga, cê não vê nada.

I. (41 anos): As vezes nem dá pra fazer o que quê né!

E vocês acham assim, que as crianças, a gente pode dizer que elas fazem tudo certo hoje? Ou tem algo que a gente fala, aí você está fazendo errado! Esta questão do certo e do errado.

J. (69 anos): Tem horas que tem que falar que fez errado, e tem que falar que ele fez.

E. (39 anos): Acho que tanto eles fazem certo quanto fazem errado, porque as vezes ele acha que o que está sempre certo pra ele não é! Você como pai vai ter que aprender a dizer o não pra ele, mas na hora certa, não! Não é certo o que está fazendo, ou cê reverte, porque se for deixar, como ele tá querendo aquilo, porque eles vão achar que na cabecinha deles eles estão certo. Mas a gente como adulto, que tá ali pra educa, pra ensino, você tem que percebe, porque...pra mais na frente pode ser prejudicial pra ele né!

E o que vocês acham que eles pensam em relação ao adulto, porque vocês já foram um dia crianças, e eles são crianças, como vocês acham que eles pensam dessa decisão do certo e do errado. Vocês acham que a criança vê o adulto fazendo tudo certo?

Durante a explicação da pergunta teve pai que riu e outros que falaram tadinhos.

J. (69 anos): As vezes eles fala, pensa que a gente faz errado também ...(balança a cabeça de forma positiva)..eles pensa

E. (39 anos): Eles cobra..(risos). Você tá errando aí ô..(risos)..eles falam.

Eu perguntei pra eles também, de qual a importância de vocês estarem assistindo esse filme hoje, e perguntei a questão do cinema, se um dia eles já foram ao cinema, e eu gostaria de saber também de vocês se já foram ao cinema, vocês conhecem o cinema, se vocês tem acesso ao cinema? E se tem alguém aqui que nunca foi ao cinema?

J. (69 anos): Eu já fui já.

- A. (45 anos): respondeu positivamente com a cabeça
 E. (39 anos): Eu já fui, Maringá eu nunca fui, fui onde eu morava.
 I. (41 anos): Respondeu com a cabeça

Mas vocês tem acesso ao cinema, vocês vão ao cinema frequentemente?

- E. (39 anos): Frequentemente não..aqui eu nem fui ainda.
 I. (41 anos): Aii...expressou sorriso
 J. (69 anos): eu fui em 72..(risos).

O cinema é cultura, e assim como o Alex comentou, a educação e a cultura são peças chaves para uma educação social, de toda a sociedade, este é um espaço de cultura, e neste espaço tem a questão pai-filho-vô-familiares, de estar sempre junto com as crianças.

Então, queria saber se vocês tem pouco acesso a cultura, devido essa vida corrida que vocês tem?

- I. (41 anos) Pouco acesso.
 E. (39 anos): O cinema assim, a gente não foi porque, porque o cinema aqui não é gratuito, você tem que pagar. Então sair com a criança tem que ter um dinheiro disponível, pra tá, pra tá gastando, porque além do cinema, eles não vão querer só o cinema. Então antes se tem que pensar, entendeu? Aí você tem que pagar, aí você faz um programa que não é pago, que nem a gente vai no parque do ingá vamo todo mundo passeia e não é pago , é um lazer e é gostoso, pra fazer trilha, tem um monte de lugar pra andar, entendeu? As vezes você faz um tipo de passeio criativo com a família, mas não é vendo um filme é outra coisa entendeu? Ou então reuni todo mundo em casa, fica todo mundo junto, assisti um filme junto.

Essa é parte da próxima pergunta que já foi quase respondida por você! (risos)

Quais são as atividade que vocês realizam com eles?

- A. (45 anos): No meu caso, eu faço no meu tempo, o maior tempo possível pra estar junto com eles, eu digo pra eles o motivo de eu não parar em casa né, então já tem que...procurar sempre tá junto. Se eu saiu pra rua eles vão junto, se eu saiu para um culto evangélico eles vão junto, se eu saiu pra pescar levo todos comigo, e sempre onde eu estou eu quero que esteja sempre junto comigo, se é um almoço em família, se é um almoço na casa de um amigo, eu procuro maior parte possível estar junto.

Seu João!

J. (69 anos): Eu tô sempre em casa, tá sempre junto comigo. Chega da escola tá comigo em casa. As vezes ele gosta de sair suzinho, ele não sai muito tempo, eu tenho problema na perna, se fico sentado, daí tem que andar um pouco.

E. (39 anos): Que nem meu marido trabaia em outro estado, daí tava eu e eles em casa, nossa o Daniel tava entediado, porque tá dentro de casa, daí a gente pega e vai passear, fomo lá no centro, fomo lá no shopping, vamos passear, pra chegar em casa desestressado (risos). É porque eles ficam aí não tem nada pra eu fazer, não tem nada, daí eu falei vamos achar alguma coisa pra gente ir..meus outros filhos maiores assim brincam junto..daí faz brincadeiras e falam: vem mãe brincar junto, daí tem que ir né! Daí se fala depois eu termino isso aqui, vai lá brinca, entendeu? É assim, a gente tenta pra não fica, pra não se senti sozinho, sempre que você pode, você sempre tá junto, entendeu.

I. (41 anos): Tudo o que eu faço elas estão junto comigo, né, até trabalhar, as vezes eu vou elas vão comigo, tudo, tudo, tudo. Eu não sou muito de sair de casa, assim, mas aonde que eu vou elas vão comigo.

Então é assim, agora são as perguntas específicas de vocês, como eu já perguntei pra eles sobre a infância deles, eu gostaria que vocês falassem um pouquinho da infância de vocês, o que vocês lembram da infância de vocês, o que foi importante na vida de vocês?

J. (69 anos): Na minha infância, tem coisa da minha infância que eles não faz, brincar de carrinho eu começava a fazer carrinho de pau e saia andando no sítio e o mais era só brincava de corre, de pega-pega, esconde esconde (expressou um sorriso agradável).

A. (45 anos): Eu já era meio danado (risos) bastante...Bagunçava, brincava, corria, quebrava (risos), jogava, fazia um monte de coisas.. (risos)

E. (39 anos): na minha infância a gente brincava normalmente, de menina, as meninas brincavam de casinha, boneca, festinhas, essas coisas, e hoje eles não brincam né? Eu falo para minhas filhas vocês quase não brincaram de bonecas porque, eles estudavam, e você trabalhava fora, entendeu. Daí chegava..de uns dias pra cá eles nem sabem brincar direito, a gente brincava de amarelinha, isso eles ainda brincam lá fora entendeu? Aí com 12 anos você já começa a trabalhar fora, 13 anos, daí se não...só que eu falo pra eles, hoje em dia vocês não sabem brincar,

brincam daqui a pouco já estão brigando, não é assim, tem saber brincar com as pessoas, com o coleguinha, hoje em dia eu falo pra eles: tem muita maldade, hoje em dia por incrível que pareça vocês brincam um com outro e o pensamentos deles, não é assim acha que tudo que vocês vê na rua é assim , não é! Na vida real é totalmente diferente, eu falo pra eles. Antigamente, as pessoas brincavam e não tinha aquela malícia,..não sei o que namorar, não sei o que..não tem idade pra essas coisas, antigamente não tinha muito isso, hoje em dia brincam ali você já tem que tá de olho, o tempo todo fica observando, porque tem que tá muito visível ..tá muito ali, e eles acham que pode fazer o que tão vendo ali, nem sempre pode, tem que tá muito presente, observando, e na nossa época já não era tanto assim, entendeu, podia brincar, acontecia as coisa e o povo só ia saber ó..ó (gesto de estalos com a mão), daí você brincava, brincava de esconde-esconde, seja lá o que fosse mas era mais saudável do que hoje, você podia ficar mais a vontade, era mais gostoso, era mais saudável, eu acho!

I. (41 anos): A minha infância eu passei no sítio, então (sorriso) era gostoso, brincava bastante, né, não tinha é...sei lá como fala, mas é assim era uma infância...(fala confusa), eu tinha 17 anos quando eu fui embora do sítio, então era assim, não tinha televisão, não tinha luz elétrica, e quando veio pra gente, a gente andava um monte pra assisti televisão na casa de quem tinha, então era gostoso, chegava a noite a gente se reunia na área da casa e ia cantar, brincar de roda, essas coisa, hoje não tem disso.

A. (45 anos): Era terrerão né, era café, aqueles monte de café, dançava, pulava, fazia uma...lembra?

I. (41 anos): Qualquer coisinha era uma festa.

Vocês acham que a infância de vocês é parecida com a deles?

A.(45 anos): Eu acho que não.

I. (41 anos): Não.

Em nenhum aspecto? Ou em alguns aspectos é parecido, alguma coisa parecida?

J. (69 anos): Em alguns é parecido, mas outros não.

Qual coisa que é essa seu João, que o senhor fala que é parecido?

J. (69 anos): é por exemplo brinca, assisti televisão não, porque naquele tempo não existia...(fala enrolada).

E. (39 anos): acho que é a liberdade, na nossa cabeça a gente também queria crescer logo, mesma coisa são eles hoje em dia, eles dizem eu vou crescer logo, entendeu? Nós também queria crescer logo pra ver como ia ser, queria conseguir né, hoje em dia eles age da mesma forma só isso, eles também pensam do mesmo jeito, eles falam ai quando eu crescer e não sei o que.

A. (45 anos): Quer ser adulto logo né?

E. (39 anos): Quer ser adulto logo, então na nossa época a gente queria crescer, a gente queria ver o que ia acontecer né, porque queria trabalhar pra sobra dinheiro, porque você sempre queria fazer pra ir trabalhar, da mesma forma é hoje, eles que é ter liberdade, fica solto, agente queria aquela liberdade conseguir o que a gente queria e não tinha.

A. (45 anos): Na verdade era tudo censurado, era censurado, não era tudo que você podia, era...era criança mas tem muitas coisas que não podia nem passar perto, os pais não deixava, a mãe não deixava, hoje não, as crianças são tudo mais liberado, hoje eles fazem, eles fazem as coisas ai que na época da gente era tudo... (balanço negativo com a cabeça).

I. (41 anos): Eu não saia sozinho, Deus o livre na época sai sozinho por...por algum lugar, tem sempre que tá com o pai, com a mãe ou com o irmão mais velho, né e agora não né.

A. (45 anos): ...(risos e pode passear, e pode não sei o que, não sei o que, em vários lugares sozinho, não é?...acompanhado com alguns professores, não existia, não existia isso, os pais também não assinava. Eu mesmo perdi a oportunidade de estudos, até bem mais avançados na época por causa disso, era bem lá atrás e não autorizo que eu fosse ficar um pequeno período fora.

E assim, quais...vocês acham que existem coisas que seus pais faziam, diziam pra vocês que hoje vocês fazem com as crianças, que vocês repetem na educação deles?

A. (45 anos): Sim, muitas coisas que eu trago do..dos meus pais, dos meus avós antigo que eu procuro passar pra eles, em termos de educação, de...de tudo.

E em que aspectos?

A. (45 anos): Por exemplo, hoje a educação hoje, no caso...no caso da educação hoje eu acho que tá mais a vontade, mais solto, né? E antes não era mais severo, no caso principalmente de menina, porque eu só tenho menina, entendeu? Eu tenho quatro menina e tenho um menino, que é...eu tenho dois filhos adotivo. Então eu procuro passa bastante do que eu aprendi com eles, que é um espelho que vem berço né? Eu procuro passa pra eles isso aí na parte da educação.

J. (69 anos): Eu...eu ensino pro meu o que o meu pai não ensino, é porque eu não tive escola.

Então o senhor faz diferente?

É...eu vim aprende di escola aqui, aqui mesmo..aqui mesmo eu tive escola aqui.

E vocês tem alguma coisa que vocês repetem ou não repetem?

J. (69 anos): Eu mesmo falo pra ele assim, que ele tem que respeita o professor...(fala confusa)...que ele tem que ser um médico, advogado, professor.

A. (45 anos): Por exemplo, antigamente você deixava até de estudar pra poder ir trabalhar, hoje eu não faria isso com um filho meu, é lógico que não. O que eu procuro trazer lá de trás em termos de educação é procurar fazer ele aprende com os professore e não fica que nem a gente, cê entendeu? Porque muitas vezes a gente não teve a oportunidade que eles tem hoje, entendeu? Então a gente procura passar isso pra eles, mostra isso pra eles de um modo que os pais da gente fazia com a gente, por exemplo, os pais da gente era severo com aquilo ali (representação com as mãos), vai trabalhar porque você precisa comprar um sapato novo, e você tem que trabalhar pra comprar, antigamente era assim. Vocês que moraram na roça, eu também, eu fui colocar um sapato no pé daquele de borracha, de borracha, sabe quantos anos eu tinha, com quatorze anos.

I. (41 anos): Eu também...trabalhava o ano inteirinho pra comprar só em dezembro...eu comprava...todo mundo do sítio comprava a mesma coisa, na hora tava todo mundo igual (risos).

E assim, vocês acham que hoje vocês fazem mais atividades com eles do que os pais de vocês faziam com vocês?

Todos: Eu acho (acenam com a cabeça de forma positiva).

E. (39 anos): Porque naquela época os pais...eu falo...meus pais pelo menos não tiveram muita participação na minha infância.

I. (41 anos): Não...Eles não conversavam muito com a gente.

E. (39 anos): Tudo pra eles é a gente que se virasse, como meus pais não sabiam lê, eu aprendi lê e escreve sozinha né! Porque não tinha como eles me ajuda, eles não sabiam, como que eles iam me ensina a lê e escreve se eles também não sabiam lê e escreve, eles achavam que os pais dele não tinha colocado eles na escola...só que eles colocaram a gente na escola, então eu falo pros meus assim: hoje vocês tem chance de crescer na vida, que a gente não teve, porque a gente tinha com doze, treze anos estar trabalhando e estudando, hoje em dia vocês tem a chance de estuda, se forma e depois trabalhar, porque a família tá dando a estrutura pra vocês, tá te ajudando, e a gente já não tivemos essa chance, entendeu? O estudo que a gente tinha era muito sacrifício, entendeu? A gente aprendeu o que com nossos pais, a respeita as pessoas, luta pra sobreviver pra consegui as coisas, e a gente ensina os nossos filho de uma maneira diferente, mas fazendo eles respeita e consegui as coisas pelo esforço deles e não que venha na mão deles, você quer isso mas você vai ter que se esforça pra você ter também, se você for dar tudo o que eles pedi e eles não faze nada por merecer então não é vantagem, não estar acostumado a ter tudo na mão, não...você não vai trabalhar, mas você vai estuda, então o tempo que você está fazendo isso pra eles aprende, se dedica e cobra deles, tá com nota vermelha então tem que se aplica mais porque, eu não tive essa chance, então eu quero que você tenha entendeu? Então eu aprendi dos meus pais assim...o que eles não podi me dar, não é porque eles não fez comigo que eu não vou fazer com os meus filhos, eu quero sempre o melhor, acho que todos os pais querem o melhor pro filho, assim.

A. (45 anos): Os pais coloca os filhos na escola, antes tava tudo certo, hoje não se você dexa seu filho fora da escola tem o conselho que te cobra, antes não tinha nada que cobrava, né. Hoje então tá tudo mais fácil pro filho, eu acho assim hoje eles tem oportunidade mais...mais que o dobro que a gente teve.

E vocês acham que a relação de vocês adultos com as crianças, vocês consideram positiva ou existe algo que é negativo?

J. (69 anos): Eu acho que é positivo.

I. (41 anos): Eu acho assim, tem positivo e tem negativo. Eu ..eu no meu pensar, eu...eu..eu sou muito estressada (risos). Eu sou muito estressada, as vezes eu chego do trabalho e as crianças deixaram..então eu já começo né...Daí elas falam assim pra mim, principalmente a Pâmela, mãe você não falo que me ama ainda hoje, ela cobra, porque é assim eu acostumei ela desde pequenininha todo dia eu fala que eu amo, então o dia que eu não falo ela cobra, mãe você não falo que me ama hoje, você não me deu um beijo hoje, né.As vezes eu pego chega da escola eu chego e beijo e tal, daí não falo que ama e nada, daí chega de noite ela fala, é né mãe você não falou que me ama hoje, né. Daí eu falo aí fia é que a mãe..vocês estressa a mãe. Daí ela fala, Nicole não faz isso, se não vai deixar a mãe nervosa, deixa a mãe fala primeiro que ama nós. Então é assim, a gente tem a parte positiva e tem a parte negativa também, por que as vezes a gente chega cansada e acaba pondo (sinal de estar colocando de lado) lá eles também né..e eles sentem isso né.

E. (39 anos): OBS: Desde o início esta mãe estava com o celular nas mãos.

TRANSCRIÇÕES DO GRUPO FOCAL/CRIANÇAS

FILME: MENINO MALUQUINHO – O FILME

DATA: 29-04-2012

SUJEITOS:

D. - 07 ANOS

P. - 07 ANOS

N. - 04 ANOS

D. -10 ANOS

P. – 08 ANOS

F. – 05 ANOS

D. - 08 ANOS

A. – 05 ANOS

C. – 07 ANOS

O que o filme fez a gente pensar?

D. (08 anos): Alegria

P.(08 anos) : Que..que as crianças tava querendo lá...é

D. (08 anos):: Briga!

P. (08 anos: que briga o que rapaz! (risos) que ele tava querendo voa de avião. Dáí tinha três moleque, um de camisa azul, o outro lá tava querendo bater no outro..ele tava querendo subir na árvore do homi, daí ele solto os cachorros.

E tudo isso é o que pra você Pablo?

D. (10 anos): Diversão!

P. (08 anos): Do..do avião é diversão, mas do...do molequinho que tava coisando é bulling, porque ele tava invadindo a casa querendo roubar manga.

O que mais o filme fez vocês pensarem?

P. (07 anos): A amizade.

D. (08 anos): Amor

D. (10 anos): Mesmo se você perde o que mais gosta, nunca desistir (fala tímida).

F. (05 anos): Durante a entrevista não parava de falar.

Tem alguma parte do filme que vocês conseguem lembrar que faz parte da vida de vocês?

P. (08 anos): Futebol!

D. (08 anos): Futebol, brincadeiras.

D. (10 anos): Diversão.

P. (08 anos): Briga, a gente de vez em quando briga (sorriso).

F. (05 anos): Ver o avião.

D. (08 anos): subir na árvore.

P. (08 anos): Roubar manga.

D. (10 anos): Se divertir.

E tudo isso vocês fazem?

D. (08 anos): Eu subo na árvore, como manga com o meu pai, eu jogo bola.

C. (07 anos): Diversão, brincar

P. (07 anos): Diversão.

F. (05 anos): Estourar bexiga.

E tinha bexiga no filme?

D. (08 anos): Não! Rodar peão, eu gosto! Joga bola, faze... (fala confusa)

E tudo vocês fazem dentro da escola e fora da escola?

D. (08 anos): Sim

D. (08 anos): Acenou com a cabeça positivamente. Menos estourar bombinha.

Tem alguma coisa que tem no filme que vocês acham que não é certo criança fazer?

D. (08 anos): Roubar manga

D. (10 anos): Roubar.

P. (08 anos): Agredir as pessoa que nem eles estavam fazendo.

D. (10 anos): Ameaçar as pessoas.

P. (07 anos): Brigar.

Por quê?

D. (10 anos): Porque não é legal.

Quem que te ensinou que isso não é legal Daniel?

D. (10 anos): Minha mãe e meu pai também.

E quais as atividades que vocês acham que é correto crianças fazerem? Que é certo criança fazer?

D. (08 anos): Brincar.

P. (08 anos): Brincar.

D. (07 anos): Estudar, amizade.

D. (08 anos): Jogar futebol.

D. (07 anos): Amizade!!! Amizade!

P. (08 anos): Jogar peão.

E vocês acharam o filme interessante?

Todos: Sim!

Porque o filme foi interessante pra vocês?

D. (08 anos): Porque passaram coisas boas.

D. (10 anos): Porque..porque mesmo você perdendo as coisas boa, você não sabe o que vem pela frente.

D. (08 anos): Porque daí você pode ganhar outras coisa...muito mais boa.

A professora quer saber, se o filme faz a gente pensar na gente criança, o filme faz a gente pensar em criança?

D. (08 anos): Faz.

D. (07 anos): Faz.

E o que é ser criança pra vocês?

D. (08 anos): Brinca, se diverti.

D. (10 anos): Se diverti.

D. (07 anos): Fazer novas amizade.

O que é ser criança pra você Fabiano, o que é criança?

F. (05 anos): Colocou a mão no rosto envergonhado.

D. (08 anos): Ele não sabe responder.

N. (04 anos): Brincar de boneca.

P. (07 anos): Brincar de barbie.

D. (08 anos): Posso falar?

Pode falar

D. (08 anos): Ser criança é jogar bem, game, jogar bola, subi na árvore, comer manga, comer goiaba, estourar bombinha.

P. (08 anos): andar de skate.

D. (08 anos): É andar de bicicleta, andar de skate.

D. (10 anos): Pra mim ser criança é se diverti.

P. (08 anos) e D. (08 anos) começam a conversar.

P. (08 anos): Aquele carrinho..que eles tavam andando.

E vocês sabem o nome daquele carrinho lá?

D. (08 anos): Eu sei..pensativo...carrinho de rolimã.

Muito bem!

E o que é ser adulto pra vocês? O que é um adulto?

D. (08 anos): Ser adulto é assisti Tv, mexer no computador.

- D. (10 anos): É também se diverti...
- P. (08 anos): Também é joga bola.
- C. (07 anos): Trabalha.
- D. (07 anos): É ser uma pessoa grandi..né
- P. (07 anos): Trabalhar.

O que mais?

- D. (10 anos): É se forma.
- D. (08 anos): Jogar bola, eu vou com o meu pai joga bola.
- P. (08 anos): Que as pessoa grande também vai joga bola.
- D. (08 anos): Porque o meu pai joga bola comigo, ele me dá um monte de chapeuzinho. A gente brinca de lutinha (representa o movimento).

Vocês acham a pessoa adulta tem vontade de ser criança também?

Todos: Sim, tem...tem

Fazer as coisas que as crianças fazem?

- D. (08 anos): Sim.
- P. (08 anos): o Prô...subir na árvore.
- D. (10 anos): Se divertir.
- D. (08 anos): Come manga
- F. (05 anos): O prô, também paga conta.

Tudo isso é o adulto que tem que fazer? E o adulto tem filho?

Todos: Tem!

Qual é a responsabilidade, qual é o papel dele?

- P. (08 anos): Cuidar dos filho.
- C. (07 anos): Cuida da comida.
- P. (08 anos): Dá tudo que o filho quê.
- D. (10 anos): Não dá tudo não! Tudo não!
- P. (07 anos): Arruma comida pro filho.
- D. (08 anos): Meu primo de vinte anos ele joga bola, joga vídeo game, mexe no computador...

Então qual é a responsabilidade que um adulto tem que ter pra cuidar de uma criança, qual é a responsabilidade?

- D. (08 anos): Cuidar bem.
- D. (10 anos): Cuidar bem.
- P. (07 anos): Fazer carinho.
- D. (08 anos): Não tratar mal.
- N. (04 anos): Dar beiiiijo, quando dormi.
- D. (10 anos): Trata o filho como deve ser tratado.

É, e como que é tratar o filho como deve ser tratado?

- P. (08 anos): É fazer carinho.
- D. (10 anos): É ajudar.
- D. (08 anos): Ajudar nos trabalhos da escola, estudar pras prova.
- D. (10 anos): diverti, brincando com as criança.

Que mais que vocês acham que o pai tem fazer com os filhos? Vocês acham que os pais tem que fazer atividade com os filhos?

- D. (08 anos): Não.
- P. (08 anos): Tem sim, tem sim.
- F. (05 anos): Balançando o corpo responde, tem que faze dormi.
- D. (08 anos): Ele me ensina.

Quais são as atividades que os pais tem que fazer com vocês, que vocês gostariam que os pais fizessem junto com vocês?

- D. (08 anos): Brinca!
- F. (05 anos): Avião...avião.
- P. (08 anos): Até andar de foguete..(risos).
- D. (08 anos): Jogar peão.

Quais são as atividades que vocês não fazem com os pais e que vocês gostariam de fazer com eles? Danilo primeiro?

- D. (08 anos): Nenhuma...
- D. (10 anos): Joga bola, se diverti também.

- P. (08 anos): Não sei não.
 D. (08 anos): Ensina a roda peão.
 N. (04 anos): É dar carinho.
 P. (07 anos): Brincar.
 C. (07 anos): Brincar de boneca.

Eu quero saber pra quem não veio o encontro passado, o que que a mãe, o pai, ou a vó, ou o tio, quem cuida de vocês fazem junto com vocês, quais são as atividades?

- D. (08 anos): Ela ajuda a fazer minhas tarefa, a um monte de coisa, quando eu era pequeno ela me ensino a nada..é...só..

Ou o que ela faz hoje com vocês?

- D. (08 anos): Hoje ela, ela vai no parquinho, ela brinca comigo. Tem vez..só.

Quem mais?

Fabiano o que você faz com a sua mãe, com seu pai, com o vô?

- P. (08 anos): Com a mãe dele ele não faz nada.
 F. (05 anos): Minha mãe oh (sinal de cruz com os dedos, simbolizando que a mãe está presa na cadeia). Com meu pai, ele me ajuda a faze minha tarefa, ele brinca.
 D. (08 anos): meu pai brinca comigo!
 P. (08 anos): O Prô sabe porque ele fez assim (sinal com os dedos/prisão) aquela hora?

Eu sei

- D. (08 anos): O que?
 P. (08 anos): não pode falar.
 D. (08 anos): Brinca de dama.
 P. (08 anos): eu já brinquei com isso!
 A C. (07 anos) não lembrava de atividades que realiza com a mãe.
 C. (07 anos): Eu ajudo a cuidar da venda.

No final do filme, presta atenção!!

- P. (08 anos): Presta atenção na professora muleque!

No final do filme aparece que o menino ele não era maluquinho, ele cresceu e no final ele era uma pessoa feliz.

D. (10 anos): Alegre.

E vocês acham que a vida de vocês é alegre, é feliz?

Todos: é..é

F. (05 anos): acena com os dois polegares, sinal de positivo e com um belo sorriso.

Vocês acham que tem alguma coisa que falta na vida de vocês?

Todos: Nãooooo.

D. (10 anos): Pra mim não falta nada.

P. (07 anos): Pra nós não falta nada.

C. (07 anos): Pra mim também não.

F. (05 anos): Pra mim tá faltando as unha do Wolverine (WOLVERINE).

É um brinquedo isso?

F. (05 anos): É!

OBS: A A. (05 anos) não quis participar da entrevista, portanto ela ficou ausente durante o grupo focal.

TRANSCRIÇÕES DO GRUPO FOCAL/ADULTOS

FILME: MENINO MALUQUINHO – O FILME

DATA: 29-04-2012

SUJEITOS:

I. (41 ANOS)

J. (69 ANOS)

A. (45 ANOS)

E. (39 ANOS)

D. (29 ANOS)

M. (49 ANOS)

O que esse filme fez vocês pensarem? Refletir sobre alguma coisa, sobre a história de vida de vocês, o que esse filme fez vocês pensarem?

J. (69 anos): É...daquele menino maluquinho né...dos cahorro..porque quando eu era moleque tem umas arvrinha que a gente pegava as frutinha e o cachorro ia atrás (risos) e a gente subia e era cheio de espinho ainda.

Então fez o senhor lembrar da sua infância?

J. (69 anos): É..isso..é.

E vocês tem mais alguém que gostaria de falar?

D. (29 anos): Eu achei bem legal esse filme, gostei bastante e faz a gente lembrar que com coisas simples, sem brinquedo, sem televisão, sem nada a gente consegue brincar, né. E hoje em dia a gente vê que não é mais assim, as crianças não conseguem brincar sem ter algo eletrônico na mão, e antes a gente conseguia, né, na infância se diverti bastante.

E vocês gostariam de falar? Não é obrigatório falar, só quando quiser falar.

(risos)

M. (49 anos): Ah, eu achei assim que a gente fala assim que a gente prende muito os filhos e não sei o que, eu senti que eu prendi muito meus filho e ele nunca soube aproveitar na vida e a gente tem que deixar as criança a ficar mais a vontade, quebra as coisa, conversa, corriji, não fica só batendo, fica ponhando medo neles, porque o menino mesmo no filme deu pra mim entender assim.Eu deixo minha filha muito presa, eu não converso com ela, eu ponho ela de castigo e não, a gente tem que deixar a criança mais a vontade..né...

I. (41 anos): As vezes você fica com medo deles tira as coisa do lugar e você ter que arruma, acaba não deixando (risos).

M. (49 anos): Agora mesmo eu falei nossa Cassiani você tomo banho, se arrumo e tá tão suja né? Então, ela como, se lambuza e eu fico chamando ela de porquinha (risos).Eu acho isso aí errado a gente que nem eu mesmo me senti muito pequena quando eu vi o filme, porque eu prendo demais, né.

E. (39 anos): É complicado né, mas mesmo assim no filme tinha a liberdade, entendeu? Só que eles era feliz, brincava porque, eles brincava, só que mesmo assim eles tava corrigindo também entendeu? Eles prontavam alguma coisa, eles falava não, entendeu? Só que hoje em dia se a gente não põe limites, eles passa por cima da gente, então as vezes ai..apanham muito, mas se você solta igual ali,

antes tinha essa liberdade, dava pra ter, hoje em dia se você solta demais como tá o mundo hoje em dia é difícil, cê solta o filho, você tem que tá toda hora olhando o que tá acontecendo, circulando, porque se você fechar os olhos não consegue ter a rédea, então não vai...tem mais é que brincar, lá em casa eu faço isso assim, tem mais é aproveitar e brincar, se é um pouco no vídeo game ou televisão né, e brinca pra aproveitar a infância, porque eu não tive essa fase (gestos com a mão), assim de subir em pé de árvore, eu nem sei subi, porque eu morro de medo, entendeu? Assim com todas essas ...(fala confusa) então eles curte mais hoje do que a gente talvez antigamente, entendeu? Só que eles hoje em dia não sabe aproveita o espaço que tem, porque eles fica ali, querem faze tudo aquilo que não pode e que pode eles não querem nem sabe (Gestos com a mão, de não dar importância), eles querem o que ficar no vídeo game, aí então você tem que criar um né ambiente, os pais, a mãe, os irmãos, vamo hoje é sábado, domingo, vamo pega vamo brinca, vamo faze alguma coisa diferente, então a gente que tem como pais educadores tem que faze, mostra pra eles a forma diferente de vida, eu acho que é isso.

E quais as atividades que as crianças assim, realizam no dia-a-dia que são parecidas com isso aí?

M. (49 anos): A minha menina mesmo, a minha cama não fica arrumada, ela põe os brinquedos dela, pula em cima, vira calhambota, eu escuto tombo lá, daí eu vô lá vê se machuco ou..ii ela trapa em cima da cama, esses dia ela quase derrubo a minha televisão de cima do rack porque ela trepo em cima do coisa..é isso mesmo, ela mesmo é terrível dentro de casa, eu não deixo brincar na rua, mas dentro da minha casa..aí eu tenho o meu caçula que fala, nossa mãe a senhora nunca deixo eu faze isso e a Cassiani a senhora deixa? Porque essa aí não vai ponha eu no asilo (risos). Daí eu deixo ela fica mais a vontade dentro de casa, aí o meu menino chega do serviço, mãe quem mexeu no meu guarda roupa? Ah! Não sei de nada não, e foi ela que foi lá e reviro tudo...eu não vi nada. Quando era os meus outros três filho eu batia, ela não eu deixo mais a vontade, porque ela é uma pessoa muito carinhosa, não fica sem eu, né, e ela...o pai dela briga sai..ela fala nossa mãe é só nós duas né mãe, é só nós duas, então eu me sinto muito feliz com a minha filha e deixo faze o que ela quê dentro de casa, pega as panela pra brinca de cozinheira (risos), igual lá ponha a panela na cabeça, ela não põe lá no chão, põe água, quando vai vê tem até

arroz cru dentro da panela com água (risos), brincando, é gostoso né. Eu gostei do filme, porque me senti criança (brilho nos olhos), adorei.

D. (29 anos): Eu achei que mais parecido que eles, do que eu vejo entre os meus dois é o pega-pega, né, de eu vou te pega e um corre a trás do outro, né. O futebol já não tá muito presente em casa não, acho que por morar em apartamento tem muito...né não tem muito essa facilidade do quintal da casa, é mais isso.

E. (39 anos): Eles participam na escola de futebol?

Na escola a gente tem um conteúdo específico para cada ano, o esporte em sim não faz parte do currículo do primeiro ao quinto ano enquanto conteúdo, mas da quinta série, do sexto ano em diante, mas as atividades que envolve bola, tudo isso existe aqui na escola. Então, como é que eu trabalho com eles, eu faço, eu passo toda a parte do conteúdo, nas últimas aulas, na última aula do bimestre eu deixo eles livres pra brincar, porque a questão da liberdade de escolha da brincadeira é o que importante, que eles falam que é importante pra eles, né. E você vê a diferença, a gente tem que trabalhar a parte do conteúdo, porque a gente tem que passar nota, mas na hora que a gente deixa brincar, parece que surge...surge outras crianças assim.

Então continuando aqui, vocês consideram que hoje os pais de maneira geral eles se relacionam bem com seus filhos, o que vocês percebem assim na rua, na comunidade, na família?

M. (49 anos): Não! Tem mãe mesmo...tem pai que prefere.. prefere mandar o filho pra rua, prefere o filho maltrata o vizinho, e eles tavam nem ligando e se a gente..eu mesmo se eu vô fala, corriji...aqui mesmo no colégio eu fui duas vezes falar com uma criança ele me ponho abaixo de cahorro, eu olhei bem pra ele: Nossa! Na sua casa, sua mãe não te dá comida, te dá osso? Ele disse porque? Porque você é muito mal criado e sem educação. Aí a mãe mesmo veio falar pra mim, porque você falo isso pro meu filho? Eu já vi você passa na televisão, e pelo que eu vi o tratamento, você podia ensina o seu filho mais. Ela olho pra mim e disse: Você não tem nada a ver com isso! Tenho sim, porque a minha filha estuda aqui, perigoso agredi, ser agressivo com a minha filha, daí vão se entender aonde. Daí ela falo assim: O que você tem haver? Meus filhos, eu criei três filho homi e nunca me chamaram no colégio, porque eu falava, não bate nos filho dos outro. Aqui mesmo

eu vi uma mãe mandar, mete o porrete! Não, não é assim não! Eu acho que a mãe tem que falar pro filho: Filho vem aqui, fica afastado dele, que ele não é uma boa companhia. Porque eu acho que o pai ou a mãe não tá aqui todo dia, porque eu venho traze minha filha todo dia, eu vejo coisa ali que eu volto pra casa horrorizada, porque eu acho que a mãe mesmo tando perto o filho...que nem tem uma mãe mesmo que veio traze o filho aí fala cada palavrão pro filho quando tá entrando que eu falo assim, porque que não fica em casa, porque aqueles palavrão ali não é pra ensina. Então eu acho que a maioria dos pai mesmo, que nem oh! Não é me elogiar, não é ponha eu abaixo de cahorro melhor não, ela mesmo aí (gesto, apontando para uma mãe que estava presente), porque ela tá aqui, porque ela ama os filhos dela, esta aqui também, ela, ele, agora eu pergunto: Cadê as mãe que você convidou, que ra pra tá aqui pra ouvi coisa boa e não tá, tá em casa? Esses dias falo sobre droga não sei o que em uma reunião, a maioria das mãe veio, eu falei..eu fiquei sabendo que eu não vim, que não veio. Quem precisava vir pra dar entendimento não veio né? Ele mesmo é vô, tá ali entendendo pela palavra, ele nem filho não tem, é vô, é vô ou é bisneto?

J. (69 anos): Bisavô.

M. (49 anos): Então, ele tinha nada a ver e tá aí, agora que precisava tá ouvindo pra ensina o filho em casa, o jeito...não tá! Tá as que não precisa, ela aqui trabalha, trabalha, trabalha (apontando para as mãe presentes), né. Eu acho que as pessoa que precisava tá nessa reunião, na outra reunião, na última reunião que teve também que eu fiquei sabendo sobre droga também não veio, e outra coisa, o filho é terrível, eu tive um filho meu mais velho, agora...com dezoito anos ele fez uma dor de cabeça, mas eu conversei com ele, ele arrumo uma mulher excelente caso, agora ele tá bem, mas se eu jogasse ele pra rua, fosse amaldiçoado ele tava na rua, mas não, as mãe hoje em dia não tá sabendo cria os filho, igual a minha mãe ensino a cria, o que ela ensino...meus filho me chama de careta até hoje, nossa mãe, como a senhora é careta! Ah, eu só mesmo, hoje mesmo eu falei filho eu vô morre assim, depois você vai senti falta (risos). Porque as mãe tem que ser carinhosa com os filho, porque se a gente não ser carinhosa com os filho, conversa, ensina, o mundo lá fora for ensina, só ensina coisa errada. Um rapaizinho de dezenove ano não morreu assassinado que estudo neste colégio, porque ele chegava a fala pra mãe que ia dá um tiro na cara da mãe, então se mãe tivesse dado um conselho, conversado, talvez não tinha acontecido isso, né.

Mais alguém quer falar, sobre o relacionamento que vocês veem por aí, de pai e filho?

J. (69 anos): Esse menino que vocês vê aí ele mora comigo, a mãe dele deixou ele comigo e saiu de casa e a gente como colega assim, a gente conversa, as vezes ele pede pra sai, as vezes sai sem pedi, é tudo bom, eu gosto dele e ele gosta de mim, a gente conversa, tudo bem, é isso (risos).

D. (29 anos): Eu acho que hoje em dia os pais não estão conseguindo passar a ideia deles pro..não sei o que está acontecendo, os filhos não entendem o que os pai querem passa, porque a gente vê que quem está mandando na casa não são os pais, são os filhos, porque quando o pai põe uma..um passeio, o filho discorda e quem acaba tando na liderança é o filho e não o pai, né. Daí eu vejo também na escola que o pai chega pra buscar tendo compromisso tem que esperar, né, e quem acaba sempre tando na frente é o filho e quem deveria estar na frente é o pai, isso não é bom, né! Aí a gente vê que vai crescendo e eles vão achando, que nem lá em casa, D. as suas escolhas, se você escolher mal, vai ter respostas más pra você, se você fizer boas escolhas, vai ter um bom retorno, né! Daí eu vou colocando pra ele, aí a gente vai tentando mudar o que a gente vê, né, referente ao pai passa informação pro filho.

Eu queria saber, eles já falaram na outra reunião. Eu gostaria de saber da Maria Helena e da Débora, quais são as atividades que vocês fazem com seus filhos no dia-a-dia? Como que se dá o relacionamento de vocês com seus filhos?

D. (29 anos): Eu procuro assim, no final de semana que dá mais tempo né, toda sexta às vezes eu venho buscar meio-dia , a gente dá uma organizada na casa e é o dia da gente ir no teatro, ir lanchar, no parque.Aí no meio da semana a gente senta junto na atividade, brinco com eles, conto uma história para eles na hora de dormi, comemos junto, fazemos as refeições juntos, mais é isso...saio pra brincar no parque, fico olhando eles brincarem, o D. as vezes quer brincar de pega-pega eu vô brincar com eles, de corre, mas é isso mesmo.

M. (49 anos): Ah eu sempre levo ela tomar sorvete, passeia, aí nós vai no shopping, nós vai brinca, nós passa nos parquinho nós brinca, em casa eu largo meu serviço, ela ajuda a fazer o serviço rápido pra nós brinca de boneca, eu faço ropinha de boneca pra ela, nós brinca de luta, é assim, ela pra mim...mim é minha melhor

amiga (risos), ela só tem sete ano mas pela cabeça dela, ela é bem...bem mais madura, e ela é uma pessoa obediente, eu falo pra assim oh: cuidado com as suas coleguinha, escolhe suas coleguinha, cuidado no banheiro, ela sempre fala pra mim, ela conversa, se uma pessoa fala alguma coisa, ontem mesmo ela chego, sexta-feira ela falo um negócio pra mim, fia, só foi uma conversa, cê não dá ouvido não, você tem ouvi o que a professora fala, você tem que obedecer a professora, sua coleguinha fala demais, se ela fala que não gosta de você, pra quê fia, tem tanta gente que gosta de você, tem seu pai, tem seus irmão, as professora gosta de você, ela fala: então tá bom mãe.Ela é uma pessoa obediente, eu não tenho que reclama dela não, pelo menos pra mim, não sei se ela tem problema no colégio, pra mim não tem não, é minha melhor companheira.

Agora eu vou fazer as mesmas perguntas que eu fiz pra eles, o que é ser criança pra vocês? O que caracteriza uma criança para vocês hoje?

J. (69 anos): Eu acho pra mim que é muito bom, a gente que tem criança em casa...a gente percebe que é muito bom ter criança em casa, porque o tempo que eu fui criança era diferente, era mais rígido...(fala confusa), eu fui criado sem mãe, por eu ser criado sem mãe a gente ia levando a vida, explicando come que é as coisa, o que é bom e não é, o que pode e não pode, obedecendo, limpa a casa...(fala confusa) faze comida, porque a mãe dele fazia desde criança, então a gente começa a ensina desde pequeno...(fala confusa).

Mais alguém gostaria de dizer o que é ser criança pra vocês hoje?

E. (39 anos): Ser criança é ter...ser feliz, é ter liberdade com limites, né! E acho que...o ser criança eu acho que eu que gostaria de ser criança né, porque não tem tanta responsabilidade né? Ser criança você num..num pode cobrar tanto deles porque como a cabecinha deles é pequena, então eu acho que tem que deixar eles crescer por eles mesmo, não você impulsiona, força a barra, deixa eles cresce no nível deles, quer brincar, deixa eles curti bastante pra quando eles crescer e for um adulto, ser um adulto sem aquela cobrança, sem aí meu pai não deixava fazer isso, minha mãe não deixava, aí proibia tudo, então se tem..dá uma liberdade pra eles, oh, filho! Vamo...deixa solta...eu falo lá em casa: oh, aproveita agora que vocês podem brinca, corre, porque quando vocês fica adulto é totalmente diferente, a responsabilidade é bem maior, todo mundo cobra de você, querendo ou não a

sociedade em si cobra, porque enquanto é criança não, os pais tem que educa, lógico que eles vão cobra o que, que eles sejam boa criança, tenham bom comportamento, respeito uns aos outros, entendeu? Nem tudo que eles quiseram eles vão te, mas na medida do possível se for bom pra eles vão ter sim, se não for é um não e pronto e acabo. Tem que aprender a saber o que é um não e um sim, vai ter vai, não vai, não vai! Eu tenho cinco filhos e graças a Deus não tenho problema com nenhum, eu tenho uma filha de dezesseis ano e ela nunca me deu problema, né? Tenho um filho especial, o Daniel é gêmeos com ele, então eles aceitaram bem essa situação, ele fica muito sem a mãe por perto entendeu? Eu tive que viajar várias vezes pra outra cidade fazer tratamento e ele fica entendeu? E nunca tive esse problema, porque você deixa essa liberdade de eles se criança, então eu falo assim, eu falo pra eles lá em casa que vocês tem que curti, mas não significa que vocês vão fazer o que é errado e eu vou aceitar, entendeu? Vocês tem que entender o que é certo e errado, se tá errado tá errado e pronto! E assumi as responsabilidades desde agora, mas vocês tem que assumir as responsabilidades, se faz uma coisa errado, não por a culpa no outro, assume, fui eu que fiz, pra quê? Pra que cresça uma criança, brincando, feliz, mas com respeito e responsabilidade desde já, eu penso assim o que é ser criança.

Mais alguém quer falar o que é ser criança?

D. (29 anos): Eu acho que a criança hoje não tá tão assim aberta..eu acho que a criança hoje cresce assim...não consegue brincar tanto como ela brincava antes, devido ao tempo também que ela passa na escola, aí...aí tem criança que fica com babá, são crianças muito mais carentes ainda, aí eu vejo pelos meus que o ser criança deles hoje é mais limitado, tem que dormir mais cedo, tem as obrigações, então eles..vai passando o tempo e a gente não consegue colocar pra eles as brincadeiras, estimula a infância deles, eu acho que eles vão crescendo assim muito no mundo adulto e não consegue muito esta parte da infantilidade deles, com responsabilidades muito cedo também.

E agora o contrário, o que é ser um adulto pra vocês?

M. (49 anos):Noossa! Só preocupação. Tem se preocupar com tudo, 6:30 da manhã pra levantar, tem que fazer tanta coisa, chega 10 horas da noite não termino nada.

I. (41 anos): Você não para, você não desliga.

M. (49 anos): Dá dor de cabeça, tem que toma remédio, tem que fingir que não tá vendo nada, o outro provoca do lado, a gente finge que não é nada, se a gente oiá a gente briga, então eu gosto de faze desse jeito, tô virando véia, caduca, tô cega (risos), tem hora que pra se...essa responsabilidade igual eu sô, tem hora que..eu falei esses dia pro meu marido eu vô larga a Cassiani com você e vô mora sozinha, eu não guento trabaia tanto, 6 horas da manhã já tem que levanta, vô da li, corro da li, chega de tarde até dor nas perna eu tenho, inchaço e tudo, e eu não tinha isso. Se eu fosse se criança eu não tava preocupada (risos). É uma responsabilidade muito grande ser adulto.

E. (39 anos): Eu acho que ser adulto é bom, você pode pensar, cê tem... cê tem...como você...cê pensa, que nem uma criança não pode resolve, um adulto já tem essa liberdade, entendeu? De assumi os seus erro, de assumi a sua responsabilidade, então quando você é criança você quer se jovem, adulto. Então, quando você é adulto eu acho que cê tem que ve que você aprendeu bastante na vida, cada dia você vai vivendo, então cê tá aprendendo, então é bom também! Porque você sabe...você tem os filho, então cê tem que se adulto, te a cabeça sempre no lugar, porque..porque eles vão depende de você agora, então você tem que tá sempre com o pé no chão entendeu? Pra quê? Pra que você possa mostra pra eles que...que...quando eles cresce se um adulto com responsabilidade, se um adulto que não fique jogando pra trás, aí, eu não podia ter feito isso, eu não fiz. Então, você tem que vive o hoje sem pensa no amanhã, viva o dia de hoje, faça tudo que se tem direito pra depois não se arrepende. Eu acho que a gente se adulto também é bom, porque..porque você vai se adulto, depois vai fica idoso, vai fica mais...então você vai aproveita, então cê tem que sempre com o pé no chão vive aquele momento né? Então eu acho que é gostoso te um pouco de responsabilidade assim, porque eles vão depender disso de nós, então nós temos que cada dia viver esses momento e acho que...o pobrema do adulto é que ele acha pobrema em tudo, que as vezes nós ser humano somos falho né, todo mundo tem seus problemas né, se agente fo toda hora fica aí meu Deus, tô com isso, tô com aquilo eu acho que a gente tem que esquece um poquinho os pobrema e pensa assim, poxa, hoje...hoje mesmo na hora que a Layla ligo eu tava almoçando, porque eu já tinha ido leva a minha filha que tava doente, lé no médico, eu cheguei era...ia dá uma hora, fui faze o almoço, eu falei pra eles, oh, vô faze o almoço rapidinho pra mim ir pra lá, daí eles

tinha brigado em casa, aí eu sentei conversei com eles né! Aí, eu sai, deixei minha filha de doze anos sozinha com eles em casa, fico todo mundo lá e eu fui leva, meu esposo não tá aqui, tá em São Paulo, aí quando eu cheguei e falei que não queria ninguém brigando, brigaram, então a gente conversa depois, tudo bem, brigaram ok! O vídeo game e o computador é uma semana sem pelo que vocês fizeram pra vocês pensa no que vocês fizeram, porque eu pedi pra ter calma porque eu tô com a minha filha doente eu tive que leva ela no médico, aí o que que diz, nessa hora você tem que se adulto e sabe como reagi, entendeu? E não se explora, sai batendo, agredindo, vai fica nervoso e acaba complicando a situação. Eu falei assim, nós vamo sai, fiz o almoço, almoçamos, nós temo compromisso, almoça que a gente vai sai tá bom? Daí eles tá bom então. Aí, eles aceitaram bem a situação? Aceitaram , porque eu parei e perguntei tá certo o que você fez, tá certo o que você fez? E eles (sinal de negativo com a cabeça). Errado tão os dois, então os dois assumi os erro né, eu ponho...eu pergunto, você acha que é certo o que você fez? Você acha que é certo? Não, então os dois tão errado, então os dois tem que assumi as responsabilidade, então vão fica todos os três sem, entendeu? Daí eles olha pra mim (expressão de espanto). Daí eles, cê não vai tira a televisão? A televisão não, porque se não você não pode se tão radical né? As vezes cê tem que pega, mas pega um poco mais leve pra eles entende a responsabilidade, então nessa hora você tem que se adulto..eu cheguei..se fosse outra, fica aí eu não quero nem sabe e eu tô saindo. Não! Você tem que pensar,. pô eles depende de mim, então eu tenho que se adulta agora, então eu so a mãe e eu tenho que passa pra eles...pra quando eles cresce e se adulto reagi da mesma forma com os filho deles, não á só chega, você fez isso e leva isso (mas mostrou gesto de bater), começa a bate, não é só bate, por tudo...não é só assim, porque se não você acaba perdendo um poco o filho, então se tem que ser um poco adulta porque assim você ter o filho perto fazendo eles te respeita, entendeu? Por que cê sabe, onde tem mais de uma criança sempre vai ter briga, querendo ou não, volte e meia eles tão se pegando, se você for toda a hora agi como eles age, eu falo pra eles assim quando eles brigam, se batem...imagina se toda vez que vocês apronta eu for lá e bate em vocês eu vô fica o dia todinha espancando vocês, né? Eu falo pra eles, então vocês não pode faze isso também. Já penso quando vocês tive seus filho, você vai ficar batendo, judiar dele? (gestos negativos com a cabeça), pois é então, não pode reagir como um...como se tivesse..fosse resolve tudo na pancada entendeu? Mesma coisa eu ir

em qualquer ambiente que você vai, então a gente fala que ser adulto é chato, não é chato! Se adulto é cresce né? É viver né, ser adulto é vive o dia-a-dia, faz parte da vida do ser humano né, nós temos que aceitar sempre, pedir pra Deus a nos ajudar, por que isso pode nos ajudar mesmo, enfim, acho que eu falo demais (risada envergonhada).

Quem mais? Mais alguém quer falar o que é ser adulto?

J. (69 anos): Pra minha vida que eu levo tá boa, levanto a hora que quero, deito a hora que quero (risos). Já tenho a minha aposentadoria, quando eu era mais novo eu levantava as 6:00 da manhã porque tinha que trabaia mais hoje não. Eu que criei meus filho né. Aí tem que trabalha né? Minha vida tá boa, as vezes o muleque (o bisneto que mora com ele, o garoto o chama de pai) pergunta, a pai porque você levanta uma hora dessa? Eu falo aí meu fio, porque tem alguma coisa pra eu faze? Não tem não. Então, quando você fica na minha idade, vai fica assim também (risos).

D. (29 anos): Acho que ser adulto é muito bom como a Eliza disse é uma descoberta que cada comportamento que a gente fazê vai refletir na gente, se for uma pessoa boa, se eu tratar mal, né, eu vou colhendo, as decisões do futuro né, o trabalho, o social inclui tudo. Eu acho que é um independência que..cada um tem uma experiência diferente do que é ser adulto.

I. (41 anos): Eu acho que ser adulto é nunca deixar de ser criança também, né. Eu penso assim, que ser adulto é nunca deixar de ser criança, porque? Sei lá (risos), porque..assim..por ser adulto as vezes a gente esquece as coisa, daí você não brinca, não..nào...daí você fala eu sou adulto eu não vou fazer tal coisa, né, eu já sô..já tô velha pra isso né? Mas eu acho que não, ser adulto é nunca deixa morre o lado criança que tem em você.

E. (39 anos): Que vê uma coisa gostosa é estar todos os filho ali tudo alvoroçado, daí nessa hora você é criança, vem cá vamo inventa uma brincadeira, cê entra no jogo junto com eles, rapidinho eles esquece de tudo, brinca que nem...lá em casa a gente faz muito isso entendeu, como a gente fica muito sozinhos, aí eu falo assim, como são quatro aí não tem nada, vamo jogar pedrinha? Vamos brincar de jogar pedrinha? Mas eu não sei jogar pedrinha, porque antigamente a gente brincava muito de jogar pedrinha, ah eu ensino vocês eu sei jogar pedrinha. Daí eles vão lá, cata pedrinha e a gente joga pedrinha, aí a gente fica...eles brinca muito de escope

(confuso), mãe você sabe isso aqui? Daí você entra na brincadeira deles, então você esquece até um pouco dos seus problemas, vive um momento deles também, é gostoso entender, ter a hora que eles falam: vem brincar com a gente, daí você para aquilo ali, você sabe que tem que ir pra fazer, depois você vai terminar ou fica pro outro dia, sei lá, seja lá como for né?

I. (41 anos): Se eu for fazer isso em casa elas falam: você não falou que tinha isso pra fazer (risos).

E. (39 anos): Eu deixo lá, depois eu faço assim, agora vamos todo mundo me ajudar né, eu já brinquei, agora vem cá, ah! tá bom, a gente te ajuda, você foi brincar com nós, se não a gente faz assim, entendeu? A gente tem que ter regra, vamos lá contar uma história, assisti um filme junto, eles também assistindo, vem cá mãe assisti um filme junto? Daí você fala aí meu Deus eu tenho que fazer aquilo, mas tá assistindo o filme uhum, daí você fica lá assistindo e depois...você assistiu um pouco, faz um pouco a vontade deles também, porque é gostoso você pergunta pro seu filho: o que você acha de mim? Você acha que eu tô agindo certo com você? Quando você dá a bronca você pergunta, você acha que tá certo? Eu pergunto, as vezes é difícil, será o que que ele vai falar, você já fica c.. (risos), é verdade, dá um friozinho na barriga. Tem horas que você pergunta o que...que você dá a bronca...se acha...se acha que eu tô agindo certo com você? Você acha que eu tô errada em te corrigir? Fala pra mim o que eu tenho que fazer pra melhorar? Porque o Daniel ele é meio agitado, daí eu sento com ele e converso, fala pra mim o que tem que mudar, fala pra mim? Fala o que você não concorda em mim? Porque as vezes os pais erram também, as vezes a gente acha que tá certo e nem sempre estamos, as vezes eles também estão vendo, fazendo aquilo ali porque eles também acham que nós estamos errados. Então nós temos o direito e a obrigação de perguntar o que eles estão achando né? Então você tem que ser um adulto e viver o momento criança, porque eu adoraria o pai da gente...oh, filho eu bati em você, mas porque eu bati em você, você acha que eu agi certo com você? Mas que hoje, antigamente ninguém tinha coragem pra falar isso né? Hoje em dia você já tem essa liberdade do filho perguntar, né. Já tem essa liberdade de perguntar pro seu filho e eles te respondem também, mesmo que...as vezes ele te fale aí mãe eu acho que você tá muito nervosa, entendeu? Eles sabem, você tá muito agitada, porque? As vezes eles também, porque você tá assim, eu te fiz alguma coisa? Foi eu que fiz? A mãe tá assim, não é problema de vocês, é problema meu, entendeu? Porque se não eles ficam achando que é tudo culpa deles, tudo que

acontece com você é culpa deles, porque a gente não pode deixa eles se senti culpado de tudo, então acho essas coisas que cria filho é difícil! Não é difícil, o difícil é se você esquece deles, agora se você tá presente, ah! eu não tenho muito tempo, eu tenho que trabalha! Poxa, todo mundo tem que trabalha, chega sete horas, oito horas da noite, nove hora, pô eu vô lava a louça, faze comida, vem cá ajuda a mãe, vamos conversando aqui comigo, fala o que aconteceu na escola hoje, fala pra mim o que você fez, conta? Eles vão contando, é assim que vai o dia. E não pode a gente deixar todo dia de pergunta pra um filho, como foi seu dia? O que está acontecendo com você? Tá tudo bem com você hoje? E dizer, oh eu gosto de você! Dá um beijinho, dá um abraço, fala oh tá na hora de tomar banho, vamo lá, vamo almoça, eu acho que são essas coisa, é o dia-a-dia que a criança vai levar pro futuro, pra eles se quando cresce, se um jovem cidadão que vai te que na vida dele...oh quando eu era pequeno, minha mãe fazia assim comigo, a gente vivia assim, isso vai faze com que a criança tenha um futuro, que no futuro tenha bom caráter, se por via das dúvida acontecê que seu filho ir pro mal caminho, não foi porque você não ajudou, não foi porque não ensinou, porque aconteceu...porque hoje em dia não tem como evita tudo né, o mundo tá aí de portas aberta, então hoje em dia a gente tem que faze de tudo pra não perde o nosso filho para o mundo e ganha ele sempre pra gente, acho que é isso né que nós temos que ver.

J. (69 anos): O que você tinha falado, eu esqueci, como que é? (apontou para a I.(41 anos) sobre a fala anterior dela?

I. (41 anos): Ser adulto é nunca deixar de ser criança?

J. (69 anos): Ah, a gente nunca deixa não! As vezes a criança chama a gente pra brinca.

I. (41 anos): Mas nem todo mundo é assim, nem todo mundo é assim.

M. (49 anos): Agora entrar em outro assunto que não tem nada a ver com isso, né. Nós falamos sobre os nossos filho, tem muitas criança, ela mesma trabalha com criança (apontou para a professora) pode falar se eu tô errada, a maioria das criança é agressivo dando aula, ela mesmo pode falar se eu tô mentindo, porque a criança faz uma briga, chama a mãe, a mãe não vem, amanhã ele briga, chama de novo ela não vem, aí quando vai pergunta pra criança, eu fiz a pergunta perto de um, a minha mãe não liga! Já não fez isso pro cê? Criança não respondeu isso pro cê? E daí as criança em casa não tem carinho, pega os filho dos outro bate, tira sangue, porque dentro de casa a mãe não dá atenção, daí desconta tudo em cima dos outro. Se ela

vai dar atenção de professora carinhosa, daí ainda pergunta: você é minha mãe? Eu trabalhei em colégio particular, quantas vezes eu ia fala com criança, você é minha mãe? Minha mãe não liga pra mim lá em casa, porque você liga pra mim? Eu trabalhei com gente, com criança e eu falo, se fosse pra mim ganhar dois, três mil de professora eu não queria! Porque tem filho educado e tem filho sem educação, e esse sem educação afeta os filho dos outro que é educado. Se a mãe educada vai falar com a outra sem educação, perigoso a mãe sem educação maltrata a mãe educada (risos). É desse jeito, é um crime, é desse jeito (risos).

J. (69 anos): Eu sempre falo, professora tá lá pra ensina não pra educa, educação tem que vir de casa!

M. (49 anos): É desse jeito, outra coisa, tem mãe que falou esses dia, chego ali e falo desse jeito pra mim assim: a professora tá aí pra cuida! Agora só falta troca mamadeira e troca fraldinha, porque a professor tá ali pra ensina a lê e escreve. Tem mãe, que pra quê xinga a professora e a diretora na beira daquela escada ali? Não fia, não é assim a diretora tá ali pra preencher papel e faze reunião, a professora tá ali pra....fala cada palavrão! Mas porque ela xinga? Se ela xinga assim pra mim ela fala pra criança, e a criança xinga a professora. Se a criança tá lá brigando e a gente vai separa a gente é mal xingada. Eu fui mal xingada esses dia de manhã, terrível, nem meu filho nunca falo isso pra mim, eu tava tentando acudi uma criança que o outro tava rancando o pescoço da criança, arranhou tudo assim oh (gestos sobre o arranhado no pescoço), eu fui acudi: É seu filho? Ah, se fosse meu filho já tinha apanhado, sorte que ele não é meu filho, só fui acudi (risos). Porque eu já falei pra diretora, na minha frente filho de ninguém bate em filho de outro, daí eu vô lá tira, se precisar ir pro Conselho a gente vai, eu não dexo não, se acha, você já viu o tamanho das criancinha, o muleque tinha seis ano apanhando de um mulecão de oito, nove ano, né. Ainda a mãe passo por mim na rua e entorta a cara.

D. (29 anos): Pra essas coisa assim tinha que ter uma reunião, conscientizar, quem tá conscientizado as vezes nem precisa vir, mas tem muitas pessoas que fecham a mente, não quer participar, não aceitam.

E. (39 anos): Muitos não aceitam.

I. (41 anos): Mas daí faz reunião, e essas pessoas que precisam não vem.

M. (49 anos): Eu vô fala uma coisa do Vinícius (se referindo a uma escola), esses dia teve uns aluno aqui que passo tudo pro Vinícius, eu fiquei sabendo que uma irmã desses menino foi ali pro Vinícius, deu polícia, deu Conselho, deu tudo, porque?

Porque a mãe quantas vezes chegou a falar pra mim, professor tá lá pra cuida dos meus filho! Porque que a filha dele de quatorze ano não foi cuidada lá em cima, deu polícia, deu Conselho, e a mãe quase apanho da coleguinha das menina que a filha dela bateu que rancou até o brinco da menina, rasgo tudo a orelha da menina. Aí eu fui fala pra ela: tá vendo, a gente tem que conversar com os filho em casa, chega no colégio que se apresenta e olha o que dá! A mãe té respondendo um processo pela filha de quatorze ano, porque ela fala tem que bate, tem que tira sangue, eu hein! Eu não mando tira sangue de ninguém, porque o sangue é sagrado! Só no banco de sangue que tem lá doar (risos).

J. (69 anos): A professora tem que cuidar das crianças na sala, saiu da sala, eu creio que daí não tem mais obrigação.

M. (49 anos): Vocês participou da reunião que a diretora fez sobre droga? Eu ouvi fala que tinha umas vinte pessoa, eu tenho certeza que as mãe que tava ali é filho, é mãe de gente tudo comportada, as mãe que precisava tá ali não tava, que era pra ouvi. Eu já tive em bastante reunião e era pra umas cinco mãe que era pra tá na reunião e nunca vem, aí eu falo: porque você não foi na reunião? Pra ouvi a diretora a fala merda! Eu já ouvi isso e eu fico quieta.

O encontro finalizou com uma pergunta a ser discutida no próximo encontro: o que vocês acham da educação hoje? Se ela tem que ser somente dentro da escola ou não?

TRANSCRIÇÕES DO GRUPO FOCAL/CRIANÇAS

FILME: ANIMAIS UNIDOS JAMAIS SERÃO VENCIDOS

DATA: 05-05-2012

SUJEITOS:

D. - 07 ANOS

P. - 07 ANOS

D. -10 ANOS

P. – 08 ANOS

D. - 08 ANOS

A. – 05 ANOS

C – 07 ANOS

O que esse filme fez vocês pensarem?

D. (08 anos): Amizade!

D. (10 anos): Que nunca ninguém pode dete a gente.

Deter em que sentido?

D. (10 anos): Ganhar da gente, a união é o mais importante.

C. (07 anos): Que é amigo.

D. (10 anos): A amizade e a união.

Mas porque que a amizade foi importante no filme?

P. (08 anos): Pela água! Pela água! Pela..pela água!

D. (10 anos): Pelo amor.

Mas eles tinham um bem comum, que era conseguir o que?

Todos: A água

Mas era para o bem de todos ou para uma pessoa só?

Todos: Para o bem de todos.

E quem atrapalhou a vontade deles pela água?

D. (08 anos): O caçador!

E o que esse filme fez vocês pensarem além da amizade?

D. (10 anos): Viver unidos.

E qual cena do filme que chamou mais a atenção de vocês?

D. (10 anos): No final, aquela que todo mundo luto pra consegui água, todo mundo se uniram pra consegui água.

Qual cena que chamou a atenção de vocês, o Daniel disse pra mim que a cena que chamou a atenção dele foi quando todos lutaram pela água. Qual cena foi importante no filme?

D. (08 anos): Amor!

Qual cena, qual parte do filme você achou importante?

P. (08 anos): Que os humano não pode deixar os animais morrer de sede e também aquela das tartaruga.

Mas porque? O que aconteceu com as tartarugas?

D. (08 anos): Porque..porque as tartaruga morreu.

Morreram de quê?

Todos: De sede!

D. (08 anos): Porque robaram todas as águas.

Tem alguma cena do filme que é parecida com a nossa vida?

Todos: Sim!

D. (10 anos): A amizade e a união.

Mas será que a gente pode ter amizade só com crianças ou com os adultos também?

D. (08 anos): Não! Com os adultos também.

D. (10 anos): Com adulto também, com todo mundo.

É importante a gente ter amizade com os adultos?

Todos: Sim.

Porquê?

P. (08 anos): Significa que se a gente quer ser tratado bem, tem que tratar eles bem.

D. (08 anos): Todo mundo tem que ser tratado bem.

D. (10 anos): Se eles tratam a gente...a gente tem que trata do mesmo jeito que eles tratam a gente.

D. (08 anos): É! Não tudo do mesmo jeito (fala em tom baixo).

Como que a gente pode utiliza o que passou no filme pra nossa vida?

D. (10 anos): A amizade, a união, a diversão, a alegria.

D. (08 anos): Tem gente que maltrata a gente, mas a gente não pode trata mal os outros.

É a gente tem que sempre tratar bem as pessoas, não é verdade?

Ali eles estavam vivendo juntos, por exemplo o elefante é igual o macaco?

Todos: Não!

Mas eles estavam vivendo juntos?

Todos: Sim!

Então estavam falando do que?

D. (08 anos): Das diferenças.

Não importa as diferenças tem que viver sempre juntos.

D. (10 anos): Se é branco, negro, tem que viver junto.

Aqui na comunidade da escola todos são iguais?

D. (10 anos): Não!

D. (08 anos): Não!

Mas a gente tenta conseguir o que?

D. (10 anos): A união.

D. (08 anos): A amizade.

D. (10 anos): E nem o bullying, se a gente é negro não precisa despreza a gente.

D. (08 anos): Não precisa fica tirando sarro.

Vocês acham que existe união aqui na escola e na comunidade?

D. (08 anos): Não!

D. (10 anos): Tem muita gente que não.

Mas vocês acham que existe união entre o adulto e a criança pra se chegar a um bem comum?

D. (08 anos): Existe.

D. (07 anos): Sinal de positivo com as mãos.

E qual que é o bem comum de todo mundo?

D. (08 anos): A amizade.

D. (10 anos): A aprendizagem.

E vocês participam de algum grupo na comunidade, na escola, no bairro, alguém participa?

P. (08 anos): Eu participo!

Você participa de qual grupo?

P. (08 anos): Como assim você fala?

Viver em comunidade é viver todo mundo junto, vocês participam de alguma coisa que faz todo mundo junto?

P.(08 anos): Sim! (Sinal de positivo com a cabeça).

Do que?

P. (08 anos): De pega-pega.

Mas participa a comunidade inteira, pai, mãe, vizinho?

P. (08 anos): Não!

D. (08 anos): Não!

Vocês já tinham participado de alguma coisa em que os pais dos outros amigos participassem também?

D. (08 anos): Não (gesto com a cabeça).

P. (08 anos): Já de vez em quando.

Vocês acham importante a gente fazer esse momento de vir aqui com os pais e os amigos?

C. (07 anos): Sim (gesto com a cabeça).

D. (08 anos): Sim!

D. (10 anos): Vem mais, fica mais amizade.

Qual é o papel da criança, o que a criança tem que fazer na sociedade, onde a gente vive?

- D. (10 anos): Ajudar todo os mais próximo, não jogar lixo no chão, cuida do planeta.
- D. (08 anos): Ajuda, não desrespeita os mais velho, ajuda os amigos.
- P. (08 anos): Cuida, essa coisas! Cuida dos pais, dos mais velhos, mas não de quase tudo.

E agora, qual o papel do adulto na sociedade?

- P. (08 anos): Cuida das crianças, dá carinha pras crianças.
- D. (08 anos): Cuidar dos filhos.
- D. (10 anos): Trata do planeta como deve ser tratado também, não jogar lixo.

Como que o planeta deve ser tratado?

- D. (10 anos): Com cuidado, não jogar lixo no chão.
- D. (08 anos): Não jogar lixo no rio.
- P. (08 anos): Não mata as crianças, as criação, os animais, os peixes.

Então qual é a nossa responsabilidade, qual o nosso dever no mundo?

- D. (10 anos): Tratar bem o planeta.
- D. (08 anos): Estudar, trata as pessoas do planeta bem.
- D. (10 anos): Ajudar as pessoas, tratar o planeta.
- P. (08 anos): Trabalha, cuida bem das criança.
- D. (08 anos): A nossa responsabilidade é brinca (fala com entusiasmo).
- D. (07 anos): Aprender coisas novas.
- P. (08 anos): Estudar, saí um poquinho porque não pode ficar o dia inteiro trancado dentro de casa.

O que mais?

- D. (07 anos): Fazer amizade na rua.

Mas a gente tem que viver junto ou separado?

Todos: Junto.

Mas quem que tem que viver junto?

- D. (10 anos): Todo mundo.
- P. (07 anos): Os pais, as crianças, a comunidade.

D. (10 anos): Mas tem que viver sempre unidos.

Vocês acham que foi importante vir aqui, assistir o filme, ter cultura?

Todos: Sim!

Vocês aprenderam alguma coisa?

Todos: Sim!

D. (08 anos): A amizade é bom! Não pode xingar.

D. (10 anos): A família, que se você perde alguma coisa você pode ganhar muito melhor pela frente.

TRANSCRIÇÕES DO GRUPO FOCAL/ADULTOS

FILME: ANIMAIS UNIDOS JAMAIS SERÃO VENCIDOS

DATA: 05-05-2012

SUJEITOS:

I. (41 ANOS)

J. (69 ANOS)

E. (39 ANOS)

D. (29 ANOS)

E. (38 ANOS)

M. (49 ANOS)

O que o filme fez pensar?

J. (69 anos): Pra mim o filme...pra mim o filme num (sinal negativo com a cabeça), não teve muita graça não (risos), quando eu era criança nunca assisti filme assim, eu não tenho nada pra fala, teve umas coisinhas assim mas...muito poco, não dá pra conta muito nada não.

Tem mais alguém que pensou em alguma coisa enquanto assistiu o filme?

D. (29 anos): Eu achei interessante que quando eles notaram a falta de água, dois dos amigos quiseram ir atrás da busca da água né? Buscar a água, daí eles não conseguiram, um voltou pra casa e daí viram que quando eles estavam juntos eles conseguiriam, daí eles conseguiram encontrar a água pra todos.

E. (39 anos): Eu não sei o nome dos bichinhos lá que tava querendo buscar água pra família, por causa dos búfalos eles não conseguiu, ao final ele ficou nervoso com o pai, desacreditando que o pai não cumpriu com as promessa que ele falava, não porque ele não queria, porque ele não tava conseguindo né? Daí o filho foi faze a mesma tentativa que o pai, daí deu pra ele percebe que não deu pra ele cumpri o que ele falo, porque no fim ele teve que enfrenta o mesmo que o pai dele enfrento, no fim não levo a água pra casa, aí depois que eles tiveram a união entre amigos né, daí que conseguiram conclui, e fizeram a reunião que todos estavam pela mesma causa em busca, mesmo objetivo aí sim fez concluí, eu acho que isso é a mesma coisa do dia-a-dia da gente, a família, não depende só de um, depende do conjunto, um depende do outro, não adianta querer fazer tudo sozinho, você sempre depende do outro, seu filho depende de você, você vai depende dos eu filho, do seu marido, da mulher, dos vizinhos que tem do lado, eu acho que é isso que quis dizer o filme entendeu? A união faz com que você lute para conseguir um objetivo das coisas melhores.

I. (41 anos): Concordo com ela (risos).

O que podemos utilizar do filme para as nossas vidas? O que a gente pode levar, alguma cena a gente consegue levar para as nossas vidas?

I. (41 anos): Sozinho a gente não consegue nada, a gente sempre tem que tá acompanhado (risos), a gente sozinho, a gente pode tenta, tenta a gente não consegue fazê as coisas.

Semana passada a gente comentou um pouquinho sobre a educação dentro da escola e fora da escola, acho que o foco do filme a gente pode transferir para nossas vidas.

Então, qual a importância pra vocês de vivermos em comunidade?

J. (69 anos): Eu sei que pra mim é muito bom, a gente depende um do outro né, muita coisa a gente pode ajudar, pra mim é muito bom, eu acho muito bom isso aí?

M. (49 anos): É bom né a gente tá na comunidade, a gente conversa, discuti sobre alguma coisa, se a gente não tiver a comunidade a gente nunca vai ter a vida sozinha! A gente tem sempre uns dois ou três com a gente se abri, discuti problema, um já fala. Lá em casa mesmo tem certas horas que eu tô prendida aí eu ligo pra

uma pessoa e me abro, ou aqui no colégio eu encontro alguém de manhã, conversamo, discutimo probrema, união boa.

Ali a gente fala da importância da comunidade, mas ao mesmo tempo tem uma fala que o ser humano é parecido com a cobra, o que quis dizer?

E. (38 anos): Ali mais ou menos ele quis dizer não no sentido de derrubar alguém, mas em questão climática.

Mas se a gente levar pra nossa vida, a gente depende do outro, mas ao mesmo tempo tem pessoas...

E. (39 anos): Pessoas egoístas, que pensam só nele e não pensam no próximo...Eu acho que...como se diz a história, como ninguém é 100% igual tem que entende a diferença de um do outro, que ninguém é compatível, é igual. Pra que existe a comunidade, pra quê? Pra que se junto, pra discuti as relações do bairro ou que tá acontecendo na sociedade, pra chegar ao objetivo de obte melhoras pra aquele lugar, pras pessoas que ali convive, entendeu? Eu penso assim que é dessa forma que é a comunidade. Eu moro na comunidade, vai ter uma reunião de bairro e porque eu não vou participar, pra ver o que eles vão falar, se vai se bom ou não, dar a minha opinião do que eu acho, se você não participa você não tem como ir lá depois reclama ou cobra nada!A partir do momento que você se integra, participa, se você tá dividindo o mesmo espaço você pode cobra, dividi a mesma opinião como pode tentar ajuda. Se tem uma pessoa necessitada ali, poxa! Ela tá precisando mais do que eu, se eu pude ajuda eu vô ajuda, se eu não pude ajuda eu vô vê se alguém pode, procurar ajuda dessa forma que eu acho que é, e não julga as pessoa por causa daquilo e aquilo e outro, as vezes você não sabe o que tá passando por ele, as vezes a pessoa não entende, como não somos 100% igual não temos como adivinha a cabecinha de cada um como tá pensando. Então, eu acho que a comunidade é isso entendeu? É uma união para o melhor progresso, progredir o dia-a-dia entendeu? Se você convive dentro de uma comunidade, eu mudei pra cá faz poco tempo e não sei como é que funciona aqui o esquema aqui entendeu? Onde a gente morava tinha reunião de bairro pra discuti, melhorias, você vai na câmara tem reunião na câmara, pra quê? Pra discuti o que é melhor pra aquele bairro, tal coisas assim, busca ajuda entendeu, pra que aquele bairro cresça e se desenvolva, pra que

aquela comunidade seja mais unida, eu acho que é num objetivo só, eu penso assim e dentro da casa a mesma coisa.

E vocês participam de alguma coisa que acontece dentro da comunidade, algum grupo de reflexão, de momento como a gente está tendo agora?

I. (41 anos): Eu participo de grupo de reflexão.

De pensar a sociedade a comunidade?

I. (41 anos): O grupo é de reflexão da igreja. Assim, sempre quando tem reunião de bairro, que é muito raro ter no bairro onde eu moro eu vô né! Mas é muuuito difícil ter uma (risos).

E. (39 anos): Geralmente...ali mesmo no bairro onde eu moro eu nunca vi fala de nenhuma reunião, você ainda tem né reunião de condomínio (apontou para a Débora).

D. (29 anos): Tem! No condomínio tem reunião mas nunca...é uma bateção de boca, apreço que eles não consegue juntar as ideias e procura uma melhoria e daí cada reunião fica tudo estacionado, da mesma forma não muda!

E. (39 anos): O líder ele toma a parte, ele tenta correr atrás, como que é?

D. (29 anos): Ele tenta, mas quando ele põe alternativas o povo não aceita sabe , ele até sugere poder melhorar a partir...propõe tal preço, tal preço não! E ninguém concorda, daí fica como tá. Ele nunca chega a uma conclusão.

E. (38 anos): Se ele for coloca preço...ele tem que melhorar com o que ele tem, tem que ser melhor com o que ela tem nas mãos ali. Não é ela quere que as pessoas dá alguma coisa mais pra pode melhora, tem que faze plano de melhora com o que ela tem.

E aqui no bairro Maria como que é?

M. (49 anos): Eu e ele aqui (apontando para o João) moramo aqui no bairro eu vô fala a mesma coisa e ele pode responde pra vê se eu tô mentindo. Aqui no bairro os grandão pisa em cima dos pequeno, daí cê vai fala e passa de ruim, eu tô mentindo vizinho?

J. (69 anos): Não!

M. (49 anos): Aqui o presidente se eu fala pra ele assim, ali tá faltando um piso, não tá não! Tá arrumado! Então você não tá enxergando, tá cego!

Então as pessoas não se entendem?

M. (69 anos): Aqui no bairro não! E outra coisa, de vez em quando eu vô fala, esses dia eu fui fala, você tem que ponha um guarda aqui pras criança passa, ele fez de conta que nem ouviu. O dia que a moto quase atropelo a menina ali, se atropelasse eu ia chama o repórter e ia chama, porque aqui eles não entram em acordo com ninguém, o vizinho mora aqui a mais tempo do que eu aqui na vila e ele sabe, aqui se precisa...agora mesmo eles tão mexendo no bairro, quem tá mandando, o prefeito e eles lá grandão e eu mesmo não tô nem sabendo de nada! Esses dia mesmo chego um homi da prefeitura lá na minha porta, você não vem entra aqui não porque vocês mexe nas coisa e não vem pedi o opinião pra mim, agora pra recebe as coisa, agora pra receber o meu dinheiro da casa, do asfalto vocês lá recebeu, eu não tenho nada com isso não! Então você não entra aqui não, da porta pra fora (risos), se quise manda o juiz manda uma carta pra mim que eu vô lá no fóru, desse jeito! O povo não tem união, pra discuti pobrema, aqui é assim eu tenho alguma coisa, se eu for lá dá uma opinião eu não só ouvida, agora aquele, outra pessoa que usa o meu, o seu filho pra vende droga tem mais poder, eu já falei esses dia, até tem um vereador que o vizinho sabe quem é, se ele passa na minha frente ele vai fica sem puxa o cabelo a vida inteira (risos).

E vocês acham que a vida em comunidade tem que mudar?

M. (49 anos): Tem! Pra mim tem! Principalmente aqui no bairro tem que muda, tem que se um presidente no nosso bairro tem que ser uma mulher, mas uma mulher que fecha os olhos não, ainda devia usar dois óculo pra enxergar tudo de longe, mas não um só (risos), eu sempre falei que tinha que se uma mulher de fibra, desculpa vizinho não é desfazendo dos homi não, mas pra esse bairro homi não serve, a outra chega dá um tapa na bunda dele e ele abaixa.

J. (69 anos): Eu acho que tinha que faze reunião pra discuti pobrema do bairro e eles não fazem.

Não só problema, mas que seja benefícios para todos não é? Eu acho que o filme fala sobre isso, que tem um líder que orienta, mas que todos consigam chegar a um bem comum?

M. (49 anos): Esses dia mesmo aconteceu comigo um acidente do esgoto da sanepar, daí eu não liguei pra eles vir mais rápido, aqui tem casa que eles arrancaram até o vaso pra vende e jogaram frasco e quando chove entope e vai sujeira pra casa dos outro, aconteceu isso comigo, daí falaram assim, não isso não pode, então eu v6o chama a televisão e v6o filma, na mesma hora que eu falei isso pro presidente da sanepar veio correndo na minha casa, ali ele fez um acordo comigo numa boa e amanhã mesmo você passa lá que eu te dou um cheque, daí mando uma empresa pra limpar minha casa, não sei o que, não sei o que, porque? Porque ficou com medo de eu filma tudinho e mostra no ar como que é o lugar, daí eu fui fala com o presidente do bairro, isso acontece...isso acontece. Nós tamo reclamando do nosso bairro, porque eles tão mexendo no bairro e o esgoto da nossa casa é de baixo da nossa geladeira, não é na frente, né vizinho? (Seu João acenou positivamente). Então é aonde tá tendo pobrema no bairro, por isso que eles tão mexendo no nosso bairro, o esgoto não é na frente, é debaixo da nossa casa. Só vieram arruma depois que eu fui falar com o presidente, porque o presidente do bairro não resolve nada.

Durante três encontros vocês estiveram em contato com a cultura, foram três encontros em um mês, isso foi um contato com a arte e com a cultura, vocês consideram que isso foi importante? Pra vocês e para as crianças?

J. (69 anos): Pra mim foi e para as crianças também.

Você acha que é importante esse contato com a cultura?

J. (69 anos): É sim, foi muito importante.

E. (39 anos): É porque além de você estar participando junto com eles, eles também vão vê o dia-a-dia da sua casa, no dia-a-dia na sua casa você nem para muito pra refletir né, a partir do momento que você, pô eu assisti um filme foi assim, como aquele do menino maluquinho, você comenta, um comenta com o outro, ah! eu assisti um filme foi assim, então é legal porque faz com que a criança se desenvolva e você percebe que as vezes faz alguma coisa, daí você fala: você lembra do filme lá como que era, entendeu? Daí fica uma coisa mais legal assim, e também é uma tarde que você passa com eles, eles se prepara, fica ansioso, entendeu? Eu acho legal. Você aprende um pouco né, um fala aqui e você aprende um com o outro, você

vai ouvi aquele ali e fala pô esse tem uma ideia legal, você acaba aprendendo um com o outro.

D. (29 anos): Foi bom sim a gente ter participado com eles, porque a partir do momento que a gente se interage no assunto e com eles, a gente conversa do mesmo assunto e eles ficam satisfeitos né também, a gente consegue entende dos dois filmes que eu assisti você consegue muda no que eu estava errada, eu consigo brinca mais, no que eu estava em falta, eu consigo e eles falam: olha mãe que legal!

M. (49 anos): Minha filha falo sobre o pé de manga, não pode roba manga na casa do vizinho porque o cachorro tá solto? Claro! Ele te rasga, porque o cachorro trepo no pé de manga, se entra no quintal dos outro, ele rasga, pega a criança. Mas ah mãe, não pode mesmo? Não pode!

I. (41 anos): Logo depois desses filmes, eu comecei a brincar mais com as minhas filhas, porque eu não parava pra brincar com elas não, e daí essa semana eu brincando com elas, a Pâmela fico me olhando, e eu que falei pra Layla que você não brincava com a gente (riso envergonhado), é porque eu não sô muito de para não, de brinca e esquece o que eu tô fazendo, não! E as vezes elas me cobram muito isso, né? E eu pensei em brincar mais essa semana, da semana retrasada pra cá parar pra brincar mais com elas e ela disse nossa mãe e eu que falei pra professora Layla que você não brincava com a gente.

Qual o papel do adulto na vida da criança hoje?

E. (39 anos): Suspiro forte com a pergunta.

E. (38 anos): Tem muitos né? Em termos de educação, tem tanta coisa.

I. (41 anos): Eu acho assim, eles espelham muito do adulto, pelo menos os filhos da gente espelham muito na gente, então você tem que se policiar pra não fazer coisa errada, pra não falar alguma coisa, porque eles vão repetir depois.

E. (39 anos): É uma responsabilidade e tanto né?

M. (49 anos): É tudo que a gente fala pras criança eles guarda, nossa..então a gente tem que saber o que fala pra criança, que nem maldição, dizem que tem um horário pra jogar pra criança, não..nem uma hora, nem de manhã, nem de dia e nem de noite, criança tem que falar que é uma benção na vida da gente, tem gente que maldiçoa a criança que fala aqueles palavrão, daí depois que acontece daí vai chora né?

A gente falou do adulto, e agora eu quero saber qual o papel da criança na vida do adulto?

Todos: Ficaram pensativos com a pergunta.

E. (38 anos): Eu vô colocar na vida do casal, o casal quando se casa, primeiro quando a esposa não está grávida projeta a vida e tal e curte um pouco a vida, aí você começa a entrar mais ou menos na rotina, aí programa-se um filho né, mais ou menos isso que geralmente acontece, não tô falando que tem que acontecer isso, aí depois desses filhos obviamente eles vão passar a viver pra você e você pra eles e por eles, entendeu? É mais ou menos nesse sentido um filho nas nossas vidas, daí vem a adolescência, por enquanto não estamos nesta fase (risos) ainda não sei como é, como criança é muito bom e eles tem me dado muita alegria.

E. (39 anos): A criança dentro de uma casa traz alegria e você aprende muito com eles, porque eles são tão inocentes, eles faz as coisa ali e não guarda rancor, não guarda raiva, enquanto um adulto muitas vezes fica segurando mais guarda né?E com a criança você aprende muito, eles brigam, daqui a poco estão ali juntinho brincando, poxa! Queria ser igual eles, pelo menos você aprende muito com eles no dia-a-dia, eles não tem aquela coisa do adulto, bem solto, leve, enquanto que o adulto tá ali se segurando, guarda muita coisa, entendeu? Não deveria, mas acontece, que é ser humano né, mas aí a criança a partir do momento que você tem, ter a responsabilidade de educa, de cria, faze com que cresça na sociedade, te um futuro bem né, a partir do momento que eu vô se mãe, que eu vô se pai, programe o filho para o mundo, cê não tá criando pra você, criando para o mundo, para o mundo vê que eu subi cria meu filho, um cidadão honesto, um cidadão de respeite as pessoas,... eu acho que a gente tem que vê a criança assim, eu tenho filho adolescente de dezesseis ano, tem hora que eu olho a foto dela e falo: Nossa! Você era tão pequenininha agora não cabe nem no meu colo, olha o tamanha que você tá, ela dá risada. Só que você continua o mesmo amor, não muda, você vai ser sempre criança, porque você vai tá se preocupando sempre com eles, se tá bem ou não, que tá sempre do lado deles, vai ser eterna criança pra você, eles vão crescer e vai continuar ser uma eterna criança pra nós, mesmo ele sabendo que vai ser uma adulto e que tem responsabilidades, e a partir do momento que você tem não consegue mais ficar sem, quando não tem cê sabe, quando tem não consegue ficar sem (risos).

J. (69 anos): Mesmo sendo velho, a gente trata como criança.

E. (39 anos): As vezes eu até chora, choro de alegria de te ver desse tamanho, eu falo pra ela, sabe como eu me sinto? Eu me sinto uma heroína, porque eu consegui criar vocês até aqui, eu me sinto vitoriosa, você se sente feliz, aí meu Deus eu consegui, não sei como, mas o senhor me deu força e eu consegui, eu acho que isso é legal, é gostoso, é uma gostosa de sentir, a emoção de viver, você ter um filho é único, a emoção é única, eles cresce e vai continuar sendo sempre única.

E. (38 anos): Com certeza, independente se o filho é bom ou ruim. Você por exemplo ter filhos gêmeos, você educa os dois da mesma forma, mas cada um tem uma natureza. E Deus queira que no futuro sejam boas pessoas futuramente.

E. (39 anos): Nenhum são igual.

E. (38 anos): Uns ficam bons, outros ficam ruins, mas não é por falha dos pais as vezes, porque infelizmente ele tem o poder de escolha.

Qual é a responsabilidade social do adulto na sociedade de modo geral? Qual a responsabilidade que o adulto tem que ter na sociedade?

M. (49 anos): Ser responsável! Não fica de braço cruzado pra tudo que vê, tem que tá em cima, organizando, não é assim eu sô responsável e tudo o que vê fica de braço cruzado, porque eu tenho medo de abrir a boca eu acho isso aí errado, tem que fala, discuti que nem eu tenho um problema com você, eu tenho que discuti com você, de você tem que ir pra diretora, da diretora pro conselheiro e vai indo, e é onde tem que ser sempre responsável.

J. (69 anos): Respeita os outros pra se respeitado, isso é muito bom, e dar o exemplo em casa né.

M. (49 anos): Diz que muita educação vem de casa, se eu faço coisa errada minha filha chega te maltrata e fala onde você aprendeu? Minha mãe fala lá em casa, então eu não falo palavrão pra não chegar lá na casa do vizinho e fala que minha mãe fala, a gente tem que ser responsável até o jeito de me vestir, que nem eu me visto assim e se eu vestir de qualquer jeito ela fala: Nossa mãe! Não é assim que a senhora se veste, então a Cassiani já tá se...ela não gosta de roupa decotada, não gosta de shortinho curto, então ela já meia naquele ritmo meu, então ela já sabe como que eu gosto, então ela já vai, então o filho, a filha sempre espelha pelo pai, pela mãe. Eu mesmo lá em casa eu tenho orgulho dos meus filhos, tudo espelho pelo pai dele, o pai dele é um coitado e eles vão tudo atrás.

E. (39 anos): Eu acho que na sociedade todo mundo tem que ter a parceria né?

E. (38 anos): Tem que ser honesto, trabalhador, amoroso.

E. (39 anos): Tem que se honesto, tem que ser íntegro, compreensivo, entendeu? Nem sempre só julga, compreende as outras pessoa entendeu? Do meu ponto de vista, as vezes ah! as pessoas tá vivendo com tal pobrema, vai tenta compreende porque que tá vivendo aquilo, se você pude ajuda bem, se não pude não julgá-los, entendeu? Porque é muito fácil você julgar as pessoas sem sabe o que está acontecendo com eles...ah você está errado, é muito fácil eles faze isso se você não tá vivendo o pobrema da pessoas, as vezes as pessoas tão sorrindo, dando risada pra você e dentro dele, na casa dele tá maior confusão, porque ele não sabe nem como ele tá suportando. Então, é muito fácil as pessoa chega e julgar, então na sociedade você tem que te isso, ser compreensivo com as pessoas, respeitá-los, porque se você respeita, as pessoa também vai te respeita, mesmo que tenha uns mal educado que não tá nem aí pra nada, porque se você for liga pra eles você não vai vive também! Se cada um faze a sua parte, vai ter uma convivência legal, entendeu. Então, eu acho que você fazendo isso você vai mostrar pros seus filho, pra você mesmo que você consegue vive em qualquer ambiente, conviver bem. Em termos de...aí esse lugar é ruim de viver, se eu não for lá mexer com ninguém, ninguém vai vir me incomodar também, vô respeita os meu limite entendeu? Não que você tem que aceitar tudo o que as pessoa falarem. Não! Eu vô vê se vai ser bom pra mim, se for bom eu vô acata, se não é bom pra mim tô fora. Eu acho que é isso que a gente tem que conviver, dentro da sociedade em sim, entendeu? A sociedade quer dizer, nosso lar, seu vizinho do lado, na igreja onde você for é uma comunidade entendeu? Dentro do seu trabalho, você respeita o seu patrão, respeita. Oh! Cê vai pra escola respeita o professor, oh! Respeita o coleguinha, se comporta viu, pra eles aprende a respeita o ambiente que eles tem, tá o telefone ali, oh! Não mexe, isso não é só seu, é público, é de todo mundo. Isso aqui não é pra subi, mas...não! isso não é seu, isso aqui é de todo mundo, então isso é você respeita, é passa pra eles que não é só deles, é de todo mundo que vai usar aquilo dali. Ah! mas tem o fulano que faz. Não quero saber quem faz, ele não entendeu que ele ainda pode precisar daquilo dali. Então, é isso que eu vejo do meu ponto de vista que é respeitar a sociedade, é ter conscientização.

E. (38 anos): Apesar de de vez em quando você vai numa emergência no telefone público e ele não funciona (risos).

M. (49 anos): A gente passa em dez e nenhum funciona.

E vocês acham que a ética faz parte da responsabilidade social?

D. (29 anos): Faz sim, todos nós temos que respeitar o próximo, né.

3. A CULTURA DA INFÂNCIA E A CRIANÇA DAS IMEDIAÇÕES DO SANTA FELICIDADE

A proposta desta seção é ir além da teoria estudada, portanto, visa realizar uma interlocução entre a teoria da cultura e da infância, significando realidades das pessoas no bairro em questão.

Primeiramente, consideramos os principais aspectos inerentes à cultura, abordando uma reflexão da inserção da cultura no ambiente globalizado. Na sequência, abordamos a teoria sobre as culturas da infância, destacando o grupo estudado, suas particularidades e apontamentos que caracterizam a cultura da infância local. Após, discutimos a relação da criança com a cultura da arte, criticando a arte entendida como objeto de fruição do tempo livre e sustentada por uma lógica dominante, a da indústria cultural.

A criança inserida no processo de globalização⁸ tende a ser um grupo social sob os efeitos de tal processo. Concordamos com Tomás e Soares (2004), quando apontam que a globalização destaca a invisibilidade das crianças em muitos sentidos (marginalidade, pobreza, etc). O grupo das crianças tende a ser excluído em termos sociais, contudo, em nosso estudo, sem negar a existência daquela realidade, consideramos as crianças como sujeitos sociais plenos.

Corroboramos com Tomás e Soares (2004) ao defenderem uma globalização diferenciada para o grupo social infantil caracterizada como contra hegemônica e denominada *cosmopolitismo infantil*, que tem como foco a luta pelos direitos das crianças. As autoras enfatizam que as crianças padecem da visibilidade negativa dos adultos na sociedade contemporânea.

A visibilidade a qual defendemos se refere à visão da criança enquanto grupo social de direitos, de voz e de respeito. E ao assumirmos a defesa pelo cosmopolitismo infantil, na pesquisa estamos adotando entre outros aspectos o direito para as crianças, principalmente no que tange à questão cultural. Se a globalização provocou intensas mudanças mundiais nas estruturas sociais, as modificações também ocorreram no que diz respeito à cultura.

⁸Processo de expansão a nível global dos ideais neoliberais, das produções, do conhecimento, enfim do estreitamento de fronteiras. O autor afirma que a globalização deu conta de aproximar os países um dos outros, como se não existisse mais a geografia, todos têm acesso aos bens produzidos em diversas partes do mundo, processo este denominado globalização (IANNI, 2007).

Conforme Müller (2007) a visão da infância como categoria geracional está dando espaço a novos conceitos na contemporaneidade. Ao verificarmos a etimologia da palavra infância, temos que a mesma é uma palavra latina que significa *que não fala, infantil*, utilizada pela primeira vez há mais de vinte séculos (CUNHA, 1986).

Müller (2007) ao redigir sobre a construção de cultura nos apresenta que a infância se apresenta de diferentes formas, a qual pode ser determinada pela condição econômica, pelos valores familiares, pela convivência comunitária, contribuindo de algum modo na construção e reconstrução da cultura infantil local. Um exemplo é uma fala de uma criança (L. 05 anos) na escola durante a aula de Educação Física:

o objetivo da aula era trabalhar o conteúdo brinquedo cantado, a criança se aproximou e falou que gostaria de cantar uma música para os colegas, quando ela iniciou o cântico vi que se tratava de músicas sacras infantis. Quando me dei conta a maioria dos alunos estava cantando também. Isso nos permite refletir que a religião também está presente no cotidiano das crianças, portanto, interfere na construção da cultura infantil local. (DIÁRIO DE CAMPO, 15 de maio de 2012).

A cultura infantil local pode ser percebida por fatores elencados pelas crianças. Um relevante aspecto a mencionar é o que as crianças investigadas consideram importante na vida. Nos relatos do primeiro encontro do grupo focal constatou-se que as crianças pensam diferentemente dos adultos (pais e responsáveis).

	CRIANÇAS	ADULTOS
O QUE CONSIDERAM IMPORTANTE NA VIDA	Família Amor Amizade	Família

Quadro 1: Aspectos importantes na vida das crianças e dos adultos

Verificou-se que tanto as crianças como os adultos pontuaram a importância da família em suas vidas, como sendo a base. Entretanto, chama-se a atenção para o destaque do amor e da amizade na vida de uma criança. Elas mencionam com

frequência a importância destes aspectos, colocando que o amor é o sentimento mais intenso e a amizade é algo que deveria ser um bem comum em tal comunidade, pois na amizade ocorrem trocas de carinho e afeto.

Segundo Ariès (1981), foi com início da Modernidade que o afeto e a proteção começaram a fazer parte do cuidado de algumas crianças, todavia, chamamos a atenção para o controle dos adultos que aparece sobre as crianças. Na Modernidade, tanto na Europa, quanto em alguns lugares do Brasil, as crianças passaram a ser confinadas em espaços privados, nos domicílios, nas instituições (creches, orfanatos, etc), e a privação para com esse grupo se evidencia, ocultando a possibilidade de participação na construção histórica e social.

Para as crianças investigadas, é na ação do brincar que elas fazem amizades e se aproximam de pessoas que gostam, é também, a atividade considerada mais atrativa do fazer cotidiano. A brincadeira/brinquedo constitui um importante referencial nos valores apropriados pelas crianças, na construção de mundo e na identificação da sua realidade (Vygotsky, 1988). O brincar envolve a criança em seu mundo, é por meio da brincadeira que a criança se relaciona com o meio externo e se reconhece enquanto criança. De acordo com as crianças o brincar é a atividade mais prazerosa na vida delas. Gostam de brincar com seus pais, com os colegas na escola e na rua. Na pesquisa elas pontuam as atividades que acham corretas e incorretas para a sua idade:

	CORRETO CRIANÇA FAZER	INCORRETO CRIANÇA FAZER
ATIVIDADES	Brincar Se divertir Estudar Sair de casa	Agredir pessoas Ficar trancado em casa Xingar Bater Desrespeitar

Quadro 2: Atividades corretas e incorretas

As crianças possuem um senso crítico muito forte, sabem discernir o certo do errado nas atividades que realizam. No caso das atividades que consideram corretas elas colocam desde a responsabilidade com o estudo até a diversão e brincadeiras. Ao contrário, nas atividades que acham incorretas colocam a violência como algo muito forte na vida delas.

Dentro da reflexão sobre as atividades de crianças, perguntamos o que é ser criança para crianças e adultos, obtivemos como resposta:

	CRIANÇA	ADULTO
Ser criança	Brincar Fazer amizades Se divertir Comer frutas em árvores Andar de skate, bicicleta	Fase boa Ter felicidade Ter liberdade Não brincar muito Ter obrigações a cumprir Ter poucas responsabilidades

Quadro 3: O ser criança

Podemos perceber que o “ser criança” para a própria criança está diretamente relacionado com as atividades do cotidiano, principalmente o brincar. Apoiamos o pensamento de Kramer (2008) ao apontar que é na brincadeira que reside à particularidade da criança. É nela que a criança cria, recria, constrói e reconstrói a cultura da infância. Então, o brincar se mostra o protagonista da ação cotidiana das crianças investigadas, e por intermédio de tal ação podem relacionar-se atuando na cultura e na história do local em que vivem. Em contrapartida, como o adulto vê a criança? O que é ser criança para uma pessoa que já foi criança? Os adultos identificam que a infância é uma fase boa, com liberdade e poucas responsabilidades. Os adultos revelam ainda que “ser criança hoje” não está somente relacionado à brincadeira, como enfatizado por um adulto participante na seguinte fala:

“Eu acho que a criança hoje não tá tão assim aberta..eu acho que a criança hoje cresce assim...não consegue brincar tanto como ela brincava antes, devido ao tempo também que ela passa na escola, aí...aí tem criança que fica com babá, são crianças muito mais carentes ainda, aí eu vejo pelos meus que o ser criança deles hoje é mais limitado, tem que dormi mais cedo, tem as obrigações, então eles..vai passando o tempo e a gente não consegue coloca pra eles as brincadeiras, estimula a infância deles, eu acho que eles vão crescendo assim muito no mundo adulto e não consegue muito esta parte da infantilidade deles, com responsabilidades muito cedo também”(D. 29 anos).

O processo pelo qual os adultos a partir da modernidade definem as atividades próprias das crianças como secundárias às suas atividades é nomeado de adultocentrismo, o que faz em alguns casos a criança limitar seu conhecimento de mundo (FERREIRA, 2008; SARMENTO, 2008; MAGER *et al*, 2011). Ferreira (2008) aborda a questão do adultocentrismo como uma problemática, pois as famílias acabam por restringir as ações das crianças, não dando oportunidade de escolha nas brincadeiras, vestimentas, alimentação, dentre outros.

Com as observações no Santa registramos no diário de campo as falas de algumas crianças que contam sobre a relação de poder exercida pelos adultos, principalmente nos quesitos tempo e lugar das brincadeiras e/ou passeios. As crianças contam: “Minha mãe não deixa eu brincar fora da minha casa” (G. 06 anos), “Eu queria ir junto passear com a minha mãe, mas ela não deixou” (P. 07 anos).

Uma forma da criança não ficar “presa” ao adultocentrismo é deixar que participem de decisões, que sejam ativas, que se envolvam na construção da cultura local, para isso os adultos devem promover essa abertura por vias que facilitem a participação. Outra maneira é que os adultos escutem as crianças, pois ao contrário do que muitos adultos afirmam, elas conseguem pontuar problemáticas existentes, sugerir resoluções.

Além disso, uma proposta para debater as relações pode ser por intermédio da cultura, pois esta pode ser um ponto da interlocução adulto-criança na contemporaneidade (KRAMER, 2008). Todavia, vale ressaltar que vivemos em um mundo globalizado, do mundo do consumo e da tecnologia, o que nos requer um maior cuidado com o contato com a cultura, pois a cultura lúdica a qual a criança deve estar em contato sofre mudanças frequentes para atender as exigências do mercado e da mídia. Sendo assim, as crianças em contato com esse mundo podem ou não consumir precocemente as ofertas do mercado ao invés de se direcionar a brincadeiras, brinquedos e filmes que instigam a imaginação, a criatividade e a reflexão crítica.

Em consonância com os dizeres acima, enfatiza-se que a arte enquanto cultura pode ir muito além do que ser mercadoria inserida no processo de globalização, ela pode representar um elemento para a crítica social. Para tanto, faz-se necessário a compreensão da arte constituída por elementos estéticos e como possibilidade de emancipação, sendo aspecto fundamental na formação humana desde a infância.

Horkheimer e Adorno (1991) referem-se à estética da arte como uma possibilidade de expressão crítica. Para Adorno a saída para uma reflexão crítica está na arte, que para ele apresenta-se como antagônica ao sistema vigente, isto é, ela é como uma antítese da sociedade que pode contribuir diretamente para a formação emancipatória dos sujeitos. Este movimento crítico, Adorno denominou de “teoria estética”, a qual contrapõe a ideia da cultura de massa/Indústria cultural, abrindo possibilidade para uma visão estética da arte.

4 CENAS DO COTIDIANO: A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA INFANTIL LOCAL

A presente seção tem como finalidade mostrar as cenas do cotidiano local, no que tange a problemática do estudo. Das discussões com os participantes, surgiram o que chamamos de categorias de campo da pesquisa, são elas: a socialização, a relação de poder, a liberdade e o acesso a cultura. Tais categorias foram designadas mediante análise das transcrições das falas dos participantes da pesquisa. Sendo assim, optou-se pela análise das categorias no âmbito da família e da comunidade, apontando aspectos de tais relações no cotidiano local. Na sequência veremos o resultado das análises relacionando o tempo, o lugar e as relações das pessoas moradoras no bairro em estudo, juntamente com as categorias de campo.

4.1 A FAMÍLIA

No primeiro subitem da análise do trabalho de campo pontuamos como acontecem as relações familiares, demonstrando principalmente aspectos do contato adulto-criança na localidade. Partimos do pressuposto de que o ser humano está em constante relação em seu meio social, e a categoria socialização se mostra imprescindível para os estudos abrangendo as crianças. Destaca-se que tal categoria perpassa o âmbito da família e em nossa pesquisa está diretamente relacionada à construção da cultura infantil local.

Sarmiento (2008, p. 20) aborda o conceito de socialização, ressaltando que é mais do que um “construto interpretativo da condição social da infância”. O autor debate tal categoria a partir da problemática de que as crianças não estão sendo consideradas seres sociais plenos, e, portanto, marginalizadas diante dos discursos sociológicos.

Corroborando com o autor, Grigorowitschs (2008) apresenta uma discussão acerca do conceito no âmbito da infância, relatando que o mesmo está relacionado à visão da criança ser socializada pelos adultos, assim, o adultocentrismo passa a ser um impasse, pois as crianças não conseguem exercer plenamente seu papel social.

Barbosa (2007) destaca que até meados do século XX, a socialização das crianças era controlada, restrita a encontros familiares. Barbosa expõe que nas sociedades contemporâneas têm-se variáveis diferenciadas, portanto, a socialização que antes era homogênea passa a ser heterogênea, pela quantidade de espaços em que a criança está inserida desde seu nascimento.

A homogeneidade mencionada pela autora diz respeito à relação humana em ambientes privados (domicílios), nos quais as crianças não possuíam muitos espaços de interação pela rigurosidade da educação na época. Já a heterogênea aparece a partir de quando as crianças começam a ter maior possibilidade de interação, ampliando os ambientes de socialização na infância.

Todo processo de socialização requer uma interação, seja por valores, personalidades, conceitos do ser humano desde a infância. Contudo, salienta-se que é um processo dinâmico, portanto, em constante transformação, sendo que ocorre em diversas instâncias na vida dos seres humanos e em diferentes grupos no meio social.

No que se refere a tais processos Grigorowitschs (2008, p. 5) menciona que:

Em suas dimensões mais amplas, os processos de socialização envolvem um ser humano individual (todo um espectro de experiências, posicionamentos, saberes, estruturas emocionais, capacidades cognitivas); suas interações, comunicações e atividades no meio social em que vive (relações familiares, escolares, interações com outras crianças, meios de comunicação de massa, religião, etc.) [...].

Da mesma forma que os adultos as relações envolvendo crianças acontecem em diferentes espaços de interação visto que a sociedade pode ser compreendida como um conjunto de relações entre os indivíduos pertencentes à mesma.

Destarte, o indivíduo realiza-se por meio das interações, no contato com o outro, influenciando seu juízo de valor, o agir e até o aspecto emocional dos indivíduos. A formação da identidade está fortemente atrelada a tal questão, todavia, quando relacionamos o termo socialização com a infância, devemos ter cuidado para não condicionarmos a criança à vida do adulto, ou seja, a criança não pode ser socializada pelos adultos e sim socializar-se em diferentes instâncias da sua vida, incluindo a família.

Podemos dizer que cada interação tende a acontecer de maneira diferenciada, porque com o passar da idade o grau de percepção da interação vai se

desenvolvendo, resultando em um aspecto da particularidade da infância local. Para Lukács (1970) a particularidade é compreendida como um campo de mediações, portanto está diretamente relacionada ao movimento histórico-social.

O particular, porém, é mais do que um momento da mediação apenas formalmente necessário. Vimos que estão em jogo conexões reais da realidade, da natureza e da sociedade, que recebem na lógica seu mais abstrato reflexo, mas um reflexo que corresponde tendencialmente à realidade (LUKÁCS, 1970, p.66).

Por estar ligada ao contexto histórico-social, a particularidade reflete o movimento dinâmico existente na localidade mediante as relações presentes. Lukács (1970) afirma que a função da particularidade está diretamente relacionada com a esfera da estética, porque trata da relação singular-particular-universal. O movimento dialético presente na sociedade faz com que os fenômenos sejam entendidos em meio social. Portanto, são os diversos elementos da particularidade do Santa Felicidade e arredores que nos possibilitaram caracterizar a cultura da infância desta comunidade, e isto nos auxilia no processo de compreensão das relações existentes, inclusive no que diz respeito à percepção, a qual se desenvolve no próprio interagir. Um exemplo seria o ato do brincar das crianças, pois é na brincadeira/jogo em que as crianças compartilham experiências e se socializam.

Conforme Sarmiento (2003) a criança ao brincar consegue ressignificar o que vive. Verificou-se na comunidade em questão, que as crianças consideram o brincar uma ação imprescindível na vida delas, sendo uma forma de relacionar-se com o próximo. Entretanto, as atividades que consideram brincadeiras não são as mesmas que seus pais ou adultos responsáveis consideram ou brincavam quando crianças, e também são diferentes de outras cidades, estados ou países, portanto, as culturas infantis se apresentam diferentemente uma das outras.

	Atividades das crianças de hoje	Atividades quando eram crianças	O que pretendem
O BRINCAR NA VISÃO DO ADULTO	Vídeo-game Televisão Eletrônicos	Carrinho de pau Boneca Pega-pega Amarelinha Roda Brincadeira saudável	Mudar a brincadeira das crianças

Quadro 4: O brincar na visão do adulto

Na pesquisa em discussão, o adulto enfatiza que o brincar de hoje é voltado para as atividades envolvendo eletrônicos, porém quem apresenta tais brinquedos às crianças são os próprios familiares. Eles pretendem mudar as brincadeiras das crianças, mas será que pararam para ouvir o que gostam e o que fazem quando não estão perto da família? Porque as crianças apontaram no grupo focal que brincam de boneca, carrinho, amarelinha. Assim, podemos afirmar que a família tem uma visão restrita do brincar de suas crianças, pois elas buscam em outras instâncias outras maneiras de brincar.

Para sustentar que a cultura infantil pode ser diferente de um local para outro, temos o exemplo de Angola. Silva (2011, p.33) expõe que a brincadeira é essencial na vida das crianças, contudo são voltadas ao interesse da economia da família. “A brincadeira raramente é ingênua ou inocente. É uma experiência que contém uma intencionalidade associada à necessidade de preservar a vida comunitária no quadro de suas tradições”. O autor menciona que as atividades infantis realizadas na Angola são caça miúda, pesca e ordenha.

O contato com adultos no seio familiar constitui-se o primeiro contato com o processo de socialização. Um aspecto relevante a destacar na realidade estudada, é que muitas crianças não moram com os pais, moram com avós, irmãos mais velhos e tios, isto é, a composição da família está em constante transformação, resultando na diversidade familiar.

Soares (2001) cita que em se tratando do contexto familiar, em Portugal nos anos de 1940 e 1950 ainda se pensava numa família tida como universal (casal e filhos) sem espaço para a diversidade. Foi a partir dos anos de 1970 que diferentes significados de família passaram a ser considerados, como o conceito de que a família é uma construção social. Daí chama-se a atenção para o fato de que a

socialização tem forte influência nestas mudanças, pois auxilia nas reflexões sobre novos agrupamentos familiares.

No Brasil é uma realidade a diversidade familiar, são novas unidades familiares, agregados, enfim, novos membros no seio familiar. Uma das problemáticas da socialização na instância familiar é o controle da vida da criança, seus gostos, desejos e suas ações. Esta questão nos faz pensar sobre o ofício de educar, uma das funções da família.

Segundo Ferreira (2008, p. 151) a criança reproduz as ações na fase adulta, pois no decorrer da infância se depara com a hipervalorização do adulto em relação à criança, e assim, os adultos enxergam uma imaturidade biológica na criança, com muitas características que as inferiorizam enquanto seres sociais, “[...] ao definir a criança como biológica e emotivamente imatura, socialmente incompetente, culturalmente ignorante e moralmente irresponsável, remete-a para uma condição pré-social face ao adulto, à semelhança do bom selvagem perante o homem civilizado”.

Mediante os relatos dos adultos participantes da pesquisa foi possível observar que alguns reconhecem sua autoridade enquanto adulto, como exemplificado por M. (49 anos) “[...] a gente fala assim que a gente prende muito os filhos [...] eu preendi muito meus filhos e ele nunca soube aproveitar na vida [...]. Eu deixo minha filha muito presa, eu não converso com ela, eu ponho ela de castigo [...]”.

A relação de controle e vigilância para com as crianças tornou-se uma das finalidades da educação familiar (POSTMAN, 1999). Algumas famílias entendem que as crianças devem crescer e submeter-se à posição defendida pelos adultos.

Contudo, salienta-se que nas falas das crianças sobre o relacionamento familiar, elas responderam justamente sobre o que acham incorreto na relação com os adultos: M. (06 anos) “Tem gente que bate nos filho”; P. (07 anos) “Eles xinga”, D. (07 anos) “Agredi, [...] o adulto e a criança”. Diante dos relatos, percebe-se que em algumas famílias a socialização familiar na comunidade pesquisada fica restrita ao adultocentrismo, apesar das críticas das crianças.

A representação do papel do adulto na visão das crianças vem carregada de poder, D. (05 anos) sempre se aproxima imitando adultos que o cercam “A minha mãe falo que eu posso fazer isso oh! (desfilando como modelo)”, na sequência ela imita personalidades famosas “Oie eu sou a Valéria” (DIÁRIO DE CAMPO, 17 de

maio de 2012). Para esta criança imitar o adulto tem poder, e o que eles falam tem grande influência no seu cotidiano. A imitação faz parte do desenvolvimento de qualquer criança, mas reproduzir o adultocentrismo se tornou um valor consentido desde os primeiros anos de vida.

Se o contexto da criança obedece à ordem dominante entre os adultos, que é o adultocentrismo, no qual os adultos tem um poder, uma autoridade exacerbada sob as crianças, a percepção de realidade, o contato com novas experiências, vivências, valores e a liberdade ficam limitados. No caso os adultos limitam a criança, direcionando suas amizades, suas brincadeiras e sentimentos.

Para mudar este cenário dominante do adultocentrismo necessitamos como ponto de partida entender a cultura infantil local para que possamos compreender como acontece a interação entre os adultos e crianças na comunidade.

	CRIANÇA	ADULTO
QUAIS ATIVIDADES REALIZAM JUNTOS	Brincar com os pais Passear Ajudar nas atividades domésticas	Estar sempre junto Passear Brincar

Quadro 5: Atividades que adultos e crianças realizam juntos

Durante as discussões realizadas com os participantes da pesquisa sobre as atividades que crianças e adultos realizam juntos, no caso os pais ou responsáveis, obtivemos controvérsias na fala dos adultos em relação às das crianças. P. (07 anos) afirmou que “Eu nunca brinco com a minha mãe, minha mãe não tem tempo” outras crianças também expõe a relação com os pais, M. (06 anos) “Eu brinco com meu pai, eu subo nas costa dele”, D. (10 anos) “Eu brinco de piada”.

Já nas falas dos adultos percebe-se uma preocupação em realizar atividades com as crianças, seja serviços domésticos, passeios e brincadeiras como nos relatos

No meu caso, eu faço no meu tempo, o maior tempo possível pra estar junto com eles, eu digo pra eles o motivo de eu não parar em casa né, então já tem que...procurar sempre tá junto. Se eu saiu pra rua eles vão junto, se eu saiu para um culto evangélico eles vão junto, se eu saiu pra pescar levo todos comigo, e sempre onde eu estou eu quero que esteja sempre junto comigo, se é um almoço em

família, se é um almoço na casa de um amigo, eu procuro maior parte possível estar junto (A. 45 ANOS).

Ou ainda,

Que nem meu marido trabaia em outro estado, daí tava eu e eles em casa, nossa o Daniel tava entediado, porque tá dentro de casa, daí a gente pega e vai passear, fomo lá no centro, fomo lá no shopping, vamos passear, pra chegar em casa desestressado (risos). É porque eles ficam aí não tem nada pra eu fazer, não tem nada, daí eu falei vamos achar alguma coisa pra gente ir..meus outros filhos maiores assim brincam junto..daí faz brincadeiras e falam: vem mãe brincar junto, daí tem que ir né! Daí se fala depois eu termino isso aqui, vai lá brinca, entendeu? É assim, a gente tenta pra não fica, pra não se senti sozinho, sempre que você pode, você sempre tá junto, entendeu (E. 39 anos).

Partindo dos relatos, podemos dizer que a socialização familiar local com o passar do tempo está alcançando um patamar de maior envolvimento entre adulto e criança, contudo, se faz necessário uma maior participação das crianças nas decisões, isto é, a criança precisa ser mais atuante na construção da cultura local.

Para que se tenha uma melhor socialização no Santa, é importante entender os papéis sociais, a criança ser ouvida pelo adulto e vice versa. Nas intervenções realizadas durante a pesquisa fomos aprofundando o entendimento da criança sobre esta questão, novamente entramos no quesito, o ser criança, e o ser adulto. Dar voz a criança abre possibilidade de entendimento da realidade local. Algumas crianças não sabiam o que é ser criança, mais a maioria colocou que a brincadeira faz parte do ser criança. Quanto a pergunta sobre “ser adulto” as crianças deram respostas diversificadas, D. (08 anos) “Ser adulto é assisti TV, mexer no computador”, D. (10 anos) “É também se diverti”, P. (08 anos) “Também é joga bola”, C. (07 anos) “Trabalha”, D. (07 anos) “É ser uma pessoa grandi, né”. Diante das respostas das crianças foi levantada mais uma questão sobre a responsabilidade que um adulto tem que ter para cuidar de uma criança, o interessante foi que eles enfatizam a questão da socialização, da interação com os pais como algo importante, P. (07 anos) “Fazer carinho”, D. (08 anos) “Não tratar mal”, N. (04 anos) “Dar beiiiijo, quando dormi” e D. (10 anos) respondeu que os adultos devem “Trata o filho como deve ser tratado”. A partir disso, constata-se que as crianças locais colocam a questão do afeto como primeira responsabilidade nos cuidados com as crianças.

Sobre a socialização familiar alguns pais relataram o relacionamento com os filhos, apontando aspectos inerentes às atividades do cotidiano, presentes no processo de socialização, como no exemplo

[...] no final de semana que dá mais tempo né, toda sexta às vezes eu venho buscar meio-dia , a gente dá uma organizada na casa e é o dia da gente ir no teatro, ir lanchar, no parque. Aí no meio da semana a gente senta junto na atividade, brinco com eles, conto uma história para eles na hora de dormi, comemos junto, fazemos as refeições juntos, mais é isso...saio pra brincar no parque, fico olhando eles brincarem, o D. as vezes quer brincar de pega-pega eu vô brincar com eles, de corre, mas é isso mesmo (D. 29 anos).

E à visão do ser adulto para o próprio adulto? Eles responderam que estes tem grandes responsabilidades, M. (49 anos) enfatiza “Nooossa! Só preocupação [...] Se eu fosse criança eu não tava preocupada (risos). É uma responsabilidade muito grande ser adulto”, em contrapartida temos o pensamento de E. (39 anos) “Eu acho que ser adulto é bom [...]. Se adulto é cresce né? É viver né, ser adulto é vive o dia-a-dia, faz parte da vida do ser humano né”. Por último temos a opinião de D. (29 anos) que considera a fase adulta como uma descoberta.

Acho que ser adulto é muito bom, [...]é uma descoberta que cada comportamento que a gente fazê vai refletir na gente, se for uma pessoa boa, se eu tratar mal, né, eu vou colhendo, as decisões do futuro né, o trabalho, o social inclui tudo. Eu acho que é uma independência que..cada um tem uma experiência diferente do que é ser adulto.

Tudo o que foi exposto faz parte da socialização familiar e conseqüentemente da cultura infantil local, desde a visão do ser criança e do ser adulto, das responsabilidades dos adultos, dos relacionamentos, das atividades do cotidiano, enfim, devemos levar em consideração que a criança socializa-se também na relação com os adultos.

Algo a destacar das falas expostas durante as intervenções são o tempo e o espaço. O tempo, pois os adultos dizem que a questão do horário escasso faz a diferença na realização das atividades com as crianças. O tempo deve ser administrado pelo adulto, de forma que a criança não se sinta deixada de lado pelas pessoas que ama. Outra questão é o espaço, a falta de opção para atividades no bairro, a comunidade não possui muitos locais para a socialização.

Outra dificuldade de socialização entre crianças e adultos decorre de seus antecedentes, os adultos da pesquisa apontam que muitas coisas que eles fazem hoje com os filhos é diferente da época em que eram crianças, como mencionado por E. (39 anos): “Porque naquela época os pais...eu falo...meus pais pelo menos não tiveram muita participação na minha infância”, I. (41 anos) “[...] Eles não conversavam muito com a gente”. E. (39 anos) ainda complementa “[...] Então eu aprendi dos meus pais assim...o que eles não podi me dar, não é porque eles não fez comigo que eu não vou fazer com os meus filhos, eu quero sempre o melhor, acho que todos os pais querem o melhor pro filho, assim”.

Em contato, as crianças muitas vezes confundem aspectos da socialização familiar em relação à socialização escolar, exemplo disso é a questão afetiva, quando as crianças adentram a escola chamando a professora de tia, confundindo os papéis sociais.

Desta forma, a socialização exerce uma importante função na percepção da criança. É por meio de tais processos com outros seres sociais que a criança se desenvolve e com isso pode se tornar mais autônoma nas atividades cotidianas. O desenvolvimento da autonomia da criança favorece um maior entendimento sobre as relações sociais, contribuindo para que a criança seja mais atuante e participante nas decisões que a cercam.

No decorrer da pesquisa envolvendo as atividades que compreendem a cultura infantil das crianças do bairro Santa Felicidade, nos deparamos com uma outra categoria de relevância para o trabalho: a liberdade, esta aparece na vida das pessoas locais seja falando das brincadeiras de criança, das relações entre pessoas ou até do contato entre adulto e criança.

A palavra liberdade está atrelada na vida dos sujeitos em todos os momentos, mas em qual sentido a comunidade em estudo se utiliza do conceito de liberdade? Será que ela é uma realidade ou uma ilusão?

Todo cidadão tem o direito à liberdade. Segundo a legislação brasileira disposta no Art. 5º da Constituição Federal, a liberdade faz parte dos direitos fundamentais, do direito a convivência comunitária e do direito de ir e vir. Para reforçar tal afirmação no Art. 4º do ECA tem-se que é direito da criança a efetivação da liberdade, a qual deve ser assegurada pela família, sociedade e poder público. Para Mager *et al* (2011, p. 183) “Ser cidadão é saber administrar e usar a liberdade”, fazer usufruto da liberdade com responsabilidade e com comprometimento ético.

Para entendermos como a liberdade se apresenta partimos do entendimento de Bobbio (1996), o qual nos ensina que a liberdade tem significados valorativos e descritivos, vista do ponto descritivo, a liberdade aparece de duas maneiras, a liberdade negativa e a liberdade positiva. O conceito de liberdade negativa está associado a matriz liberal, que de acordo com Pulido (2006, p.52) era entendida como “[...] a faculdade de realizar ou não realizar certas ações, sem impedimento externo”. A liberdade negativa compreende, portanto, as regras sociais determinantes para que a civilização se respeite no modo liberal com responsabilização individual

A outra forma de liberdade apresentada por Bobbio é a liberdade positiva, também chamada de liberdade democrática, sendo definida como “o poder de dar leis a si mesmo” (PULIDO, 2006, p. 52). A liberdade positiva requer a participação e a responsabilização dos indivíduos. Bobbio (1996) nos chama atenção para o fato de que os sujeitos sociais devem buscar aumentar os graus de liberdade, sempre pensando em uma liberdade coletiva e não apenas na liberdade individual. Isso porque a liberdade também é concebida nas relações sociais (BOBBIO, 1996; BAUMAN, 2000).

Considerando a nossa defesa por uma liberdade coletiva, no plano de que ela seja assegurada a toda a população, devemos incluir sempre as crianças em tal processo. Mager *et al* (2011) complementam afirmando que Bobbio propõe que a liberdade seja ampliada e autodeterminada. Os autores destacam que em todo esse processo as relações de poder também estão inseridas, assim, o processo é dinâmico em busca da conquista da liberdade. Com a liberdade positiva tem-se maior responsabilização dos sujeitos sociais, mas não tirando a responsabilidade do Estado de garantia dos direitos fundamentais.

Bauman (2011) considera a liberdade como sendo um dos maiores valores da humanidade, ele salienta que a liberdade faz parte da condição natural dos indivíduos, e que é o destino dos mesmos.

[...] Também tenho a convicção de que esse erguer-se acima da necessidade a que se dá o nome de liberdade é o segredo da surpreendente criatividade que os seres humanos seguem demonstrando quando se trata de buscar, encontrar e inventar os modos de ser e estar no mundo. A ausência de liberdade não está no programa, mas não por falta de tentativas. Uma coisa que os seres humanos não conseguem é ser livres: subdeterminados,

incompletos, “ainda pendentes”. Sempre existe algo mais a fazer, um negócio a concluir, um trecho de estrada a percorrer. [...] Se a liberdade é um valor, ela é também um valor extremamente ambíguo. Ao mesmo tempo atrai e repele (BAUMAN, 2011, p.61-62).

A partir da exposição de Bauman é possível entender o porquê do processo de busca da liberdade ser dinâmico, ativo, e em constante mudança. Nas conversas sobre infância, cultura infantil, relação adulto-criança e convivência em comunidade foi possível filtrar falas que se remetem a liberdade no âmbito familiar. Exemplo é que após assistir um filme que retratava a infância de uma criança, um adulto participante da pesquisa afirma:

E. (39 anos): É complicado né, mas mesmo assim no filme tinha a liberdade, entendeu? Só que eles era feliz, brincava porque, eles brincava, só que mesmo assim eles tava corrigindo também entendeu? Eles prontavam alguma coisa, eles falava não, entendeu? Só que hoje em dia se a gente não põe limites, eles passa por cima da gente, então as vezes ai..apanham muito, mas se você solta igual ali, antes tinha essa liberdade, dava pra ter, hoje em dia se você solta demais como tá o mundo hoje em dia é difícil, cê solta o filho, você tem que tá toda hora olhando o que tá acontecendo, circulando, porque se você fechar os olhos não consegue ter a rédea, então não vai...tem mais é que brincar, lá em casa eu faço isso assim, tem mais é aproveitar e brincar, se é um pouco no vídeo game ou televisão né, e brinca pra aproveitar a infância, porque eu não tive essa fase (gestos com a mão), assim de subir em pé de árvore, eu nem sei subi, porque eu morro de medo, entendeu? [...].

Para o adulto a liberdade é deixar a criança brincar com limite, e as crianças neste caso, acabam por não participar da escolha da sua liberdade. Os adultos novamente mencionam a interferência no agir da criança, limitando seu espaço na sociedade. Em contrapartida, temos a opinião das crianças no que diz respeito ao que não acham correto uma criança fazer, uma delas respondeu: “Não ficar muito trancado dentro de casa. Não ficar trancado dentro de casa”(D. 10 anos). A criança ao ser ouvida sabe opinar sobre a sua liberdade, identifica que fica muito em casa e necessita estar mais “livre” em contato com as demais crianças da comunidade local. Percebe-se que a convivência das crianças muitas vezes se restringe aos ambientes privados, sob vigilância dos adultos. Destaca-se que no bairro Santa Felicidade, muitas famílias deixam as crianças mais soltas, isto é, as crianças sempre estão nas ruas brincando, se interagindo com outras crianças ou em meio aos adultos.

Como algumas pessoas do grupo participante da pesquisa moram nos bairros vizinhos, é possível perceber a diferença no que tange a liberdade da criança moradora do Santa e das crianças dos bairros ao redor. A criança do Santa Felicidade está constantemente envolvida com assuntos do bairro, elas estão mais presentes nas ruas, gostam de brincar fora do ambiente domiciliar. Já as crianças dos bairros vizinhos também compartilham do gosto pela brincadeira, mas muitas vezes são mais restritas. É possível afirmar que a liberdade está presente, mas ainda se encontra no estágio negativo na vida de muitas pessoas do bairro, mas tende a se ampliar para a liberdade positiva desde que haja a participação coletiva dos moradores. A maior dificuldade de tal ampliação é lidar com as opiniões dos adultos e das relações de poder existente, porque cada um tem suas crenças, suas vivências, e ainda carrega um pouco da experiência de vida de seus pais. Os adultos destacaram que os seus pais eram muito rígidos, que não dialogavam, que não tiveram muita participação na vida deles. Os adultos também reiteraram que em termos de educação, que eles fazem diferente.

E. (39 anos): Tudo pra eles é a gente que se virasse, como meus pais não sabiam lê, eu aprendi lê e escreve sozinha né! [...].

A. (45 anos): Os pais coloca os filhos na escola, antes tava tudo certo, hoje não se você dexa seu filho fora da escola tem o conselho que te cobra, antes não tinha nada que cobrava, né. Hoje então tá tudo mais fácil pro filho, eu acho assim hoje eles tem oportunidade mais...mais que o dobro que a gente teve.

Além de mencionar sobre sua educação quando criança, os adultos apontaram aspectos referentes à cobrança exercida pela sociedade (relação de poder). Hoje não basta ir à escola, a criança tem que ser assistida pela família, caso não ocorra o acompanhamento escolar da criança, a escola encaminha ao Conselho Tutelar, o qual tem o papel de garantir o direito da criança e do adolescente.

As crianças que vivem em um ambiente totalmente regado, com horário de chegada e saída, de estudar e brincar, de se alimentar, enfim, de realizar todas as obrigações determinadas pela instituição de ensino têm a liberdade limitada pela questão do tempo e do espaço.

No decorrer do processo de intervenção com os adultos e crianças no bairro ficou evidente que a mídia, é presente de maneira expressiva na vida da maioria. É perceptível na fala de uma das participantes, a relação que estabelece entre a

tecnologia e o brincar, diferenciando as gerações, após ter contato com uma produção fílmica:

D. (29 anos): Eu achei bem legal esse filme, gostei bastante e faz a gente lembrar que com coisas simples, sem brinquedo, sem televisão, sem nada a gente consegue brincar, né. E hoje em dia a gente vê que não é mais assim, as crianças não conseguem brincar sem ter algo eletrônico na mão, e antes a gente conseguia, né, na infância se diverti bastante.

E o que seria diversão para os adultos? A diversão para a participante na pesquisa foi relacionada ao brincar, as crianças da atualidade consideram o se divertir não somente as brincadeiras, mas todas as atividades nas quais se encontre distração, entretenimento e diversão. Para confirmar a exposição está a fala de outro adulto, o qual expõe que o entretenimento faz parte da vida da criança e é próprio da infância e não da vida adulta. M. (49 anos) afirma “[...] Eu gostei do filme, porque me senti criança (brilho nos olhos), adorei. Será que o adulto não tem o direito de se divertir? Parece que somente as crianças tem esse direito e ainda assim, é muitas vezes é violado. Um exemplo de que a criança pode ter o momento de liberdade para brincar, mas não em participar das questões da comunidade em que vive se reflete na fala de uma moradora do Santa Felicidade

M. (49 anos): A minha menina mesmo, a minha cama não fica arrumada, ela põe os brinquedos dela, pula em cima, vira calhambota, eu escuto tombo lá, daí eu vô lá vê se machuco ou..ii ela trapa em cima da cama, esses dia ela quase derrubo a minha televisão de cima do rack porque ela trepo em cima do coisa..é isso mesmo, ela mesmo é terrível dentro de casa, eu não deixo brincar na rua, mas dentro da minha casa..aí [...] então eu me sinto muito feliz com a minha filha e deixo faze o que ela quê dentro de casa [...].

Na sociedade sempre há a presença de poder. Ao considerarmos o enredamento de técnicas de poder, concordamos que o poder é relação, se apresentando em todas as instâncias sociais (FOUCAULT, 1993). Sob o olhar de Santos (2000, p. 266) o poder de forma geral significa “[...] qualquer relação social regulada por uma troca desigual”, tal afirmação se justifica como social pelas desigualdades que pode reproduzir. O autor ainda menciona que as relações de poder não ocorrem separadamente, ou seja, isoladas, elas acontecem em forma de cadeias, em sequência ou em constelações.

É essencial deixar claro que não se pode homogeneizar e tomar o poder como o único aspecto de dominação existente. Deve-se considerar a presença de inúmeras formas de dominação, e dentre elas estão às técnicas específicas de poder.

O que se percebe é que a todo o momento nos deparamos com o poder a nossa frente, seja pela ordem dominante econômica, pela justiça por meio da legislação ou até mesmo na forma de soberania de um sob o outro. Então, deve-se considerar um olhar especial para as crianças, pois se elas nascem em uma sociedade repleta de dominação e de discursos com status verdade, podem reproduzir o que está vigente.

Levando em consideração a realidade do bairro em questão, visualizamos que de alguma forma o enredamento de poder se faz presente, seja na relação entre crianças, entre adultos ou na relação adulto-criança. O que se percebe desde o início do contato com os moradores do bairro são as submissões existentes nas relações e as trocas entre poderes na comunidade. Um importante elemento a enfatizar da relação de poder é que por trás dela tem-se a ocorrência da dominação e o controle por parte do dominante.

A dominação e o controle se mostram explícitas ou implicitamente na sociedade contemporânea. O simples controle do tempo das pessoas, criando uma rotina diária se mostra um tipo de controle. No caso das crianças, desde o horário para acordar, das atividades que realizam, do horário fixo para ir à escola ou até o horário restrito para a socialização por meio da brincadeira.

Consequentemente tem-se a disciplina de um grupo social, no que se refere às crianças, estão definitivamente condicionadas pela rotina de trabalho dos adultos. Novamente, chamamos a atenção para o fato das crianças não participarem das decisões que diz respeito às próprias atividades do dia-a-dia.

Juntamente com a palavra disciplina na relação adulto-criança tem-se em muitos casos a obediência como ação de resposta às exigências postas. Vale salientar que a *desobediência* também está presente em alto grau nas relações entre adultos e crianças, contudo neste trabalho enfatizamos a questão do poder, expondo aspectos sobre a obediência em tal relação. Para Caetano (2008) estudar a obediência de um grupo social implica conhecer os valores, a moral e até o aspecto cognitivo do grupo, pois no caso de adultos, isso pode interferir no desenvolvimento e educação dos filhos.

No que tange as características da obediência, evidenciam-se os posicionamentos dos adultos frente à criança nos diferentes espaços de convivência, na escola, por exemplo, as crianças criam um “rótulo” de que o adulto é sempre autoridade, portanto, muitas vezes respeitar significa fazer o que pede. A criança deve sim respeito ao adulto, mas não quer dizer que ela tem que aceitar tudo o que lhe é imposto pelos mesmos, devem ocorrer momentos de diálogo entre os adultos e as crianças.

Assim, a obediência de acordo com Caetano (2008) está diretamente atrelada aos valores familiares da criança. Segundo a autora é no espaço familiar que a criança desenvolve os valores e sua moralidade, mas também é no mesmo que ela deve dialogar sobre diversos assuntos e não sentir-se reprimida no espaço de relação com os pais, tios, avós e irmãos. Das entrevistas dos grupos focais extraímos falas que demonstram que em muitos casos aparece à obediência da criança as ordens postas pelos adultos. I. (41 anos) estava falando de quando ela chega em casa após o serviço e as crianças querem brincar, “As vezes você fica com medo deles tirá as coisa do lugar e você ter que arruma, acaba não deixando (risos)”, a participante deixa claro a privação que exerce sob a criança até mesmo em seus momentos de lazer. Outro exemplo é o da M. (49 anos), ela demonstra como os adultos definem os horários da criança e o que não pode fazer, “Agora mesmo eu falei nossa C. você tomo banho, se arrumo e tá tão suja né? Então, ela como, se lambuza e eu fico chamando ela de porquinha (risos) [...]”, o adulto tem que sim orientar as crianças, mas não delinear como a criança tem que ser ou agir.

A criança cresce com o hábito forçado do respeito aos adultos, todavia, a obediência da criança nada mais é do que o medo da punição que pode levar, ou por medo de perder o amor, o afeto das pessoas que ama. A criança está em constante observação e vigilância, caso não cumpra com as regras impostas, com os acordos feitos pelos adultos pode sofrer a punição, esta decorrente da dominação das técnicas de poder existentes.

Em contrapartida, alguns pais apontaram que o poder disciplinar não anda surtindo resultado, a responsável aponta que os filhos não querem ouvir o que os adultos estão pedindo D. (29 anos) pontua aspectos referentes a relação com seus filhos:

Eu acho que hoje em dia os pais não estão conseguindo passar a ideia deles pro..não sei o que está acontecendo, os filhos não entendem o que os pai querem passa, porque a gente vê que quem está mandando na casa não são os pais, são os filhos, porque quando o pai põe uma..um passeio, o filho discorda e quem acaba tando na liderança é o filho e não o pai, né. Daí eu vejo também na escola que o pai chega pra buscar tendo compromisso tem que esperar, né, e quem acaba sempre tando na frente é o filho e quem deveria estar na frente é o pai, isso não é bom, né! Aí a gente vê que vai crescendo e eles vão achando, que nem lá em casa, D. as suas escolhas, se você escolher mal, vai ter respostas más pra você, se você fizer boas escolhas, vai ter um bom retorno, né! Daí eu vou colocando pra ele, aí a gente vai tentando mudar o que a gente vê, né, referente ao pai passa informação pro filho.

Muito se fala em indisciplina das crianças em casa, mas será que a criança não agiria diferentemente se os pais ou responsáveis parassem para escutar, ouvir as opiniões, fazendo com que a criança se torne participativa nas tomadas de decisões de suas atividades? É difícil para o adulto que cresceu em um ambiente rígido e cercado por atos disciplinares rigorosos fazer diferente, todavia, os tempos mudaram e a educação, as brincadeiras, as atividades infantis entre outros aspectos também se modificaram a fim de atender as exigências da sociedade contemporânea, repleta de diversidade cultural e abarrotada de produtos de consumo.

Para que a todas as atividades do cotidiano da criança possam enfatizar o processo de emancipação humana é imprescindível reiterarmos a importância do acesso a cultura, pois esta é um direito. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, o qual dispõe em seu Art. 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à **cultura**, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Ainda, o Art. 58 do ECA, instaura a garantia do acesso às fontes de cultura, além do respeito aos valores culturais no que tange ao processo educacional.

Considerando que apesar de a cultura estar presente nas relações estabelecidas na sociedade contemporânea, e de seu foco ser predominantemente mercadológico, o presente estudo partiu de uma proposta cultural – sessão de cinema - para continuar o entendimento da cultura infantil local. Tal proposta além

de incentivar o contato com a cultura busca compreender como se dá o acesso da comunidade local à cultura produzida na contemporaneidade. Assim, opõe-se à ordem vigente, pois inicia um trabalho de contato com a cultura voltada para os valores estéticos da mesma.

Durante as investigações, os participantes relataram como acontece o contato dos adultos e crianças com a cultura, no caso o cinema. Percebe-se que em alguns casos o contato com a cultura/arte torna-se limitado pela ordem econômica, como no relato de E. (39 anos) “O cinema assim, a gente não foi porque, porque o cinema aqui não é gratuito, você tem que pagar”. Fica evidente que o momento oferecido a eles era relevante, sendo um contato com a arte sem custos.

Todavia, nem sempre acontece desta forma, muitas pessoas não têm o acesso à cultura, no que se refere ao cinema, porque necessita de investimento financeiro, como no diálogo a seguir:

Vocês já foram ao cinema um dia? (Pesquisador)

P. (07 anos) coloca as mãos no peito e diz: Eu nunca fui

D. (07 anos) ergue o braço dizendo que não foi

D. (10 anos) afirma que o D. seu irmão já foi ao cinema, mas não lembra.

E vocês acham importante assistir filme? (Pesquisador)

Todos respondem que sim

Por quê?

M. (06 anos): porque nós aprende

D. (10 anos): aprende muita coisa

Na conversa com o grupo de adultos em relação a importância de assistir filme e o acesso dos adultos ao cinema, eles responderam que já tinham ido, porém destacam-se os dizeres de J. (69 anos) “Eu já fui já. [...] Eu fui em 72 (risos)”. São quarenta anos sem ir ao cinema, sem assistir um filme com reprodução ampla. Em conversas informais o mesmo participante relatou que assiste os filmes somente pela televisão e que ali era uma oportunidade diferente, o que se confirma nos três encontros realizados, o J. (69 anos) não esteve ausente em nenhum dos encontros, mostrando a importância do momento para ele.

Ao considerarmos que a atividade proposta aos moradores do bairro é cultura, os encontros realizados puderam ir além de um simples acesso a cultura, mas sim ser um momento de discussão e reflexão acerca das relações existentes em nossa sociedade. Percebemos o engajamento dos pais e responsáveis em participar da pesquisa, não apenas pela sessão de cinema, mas também pelos

direcionamentos das conversas, que propiciaram a socialização e a reflexão sobre realidade local.

É notório para os participantes da pesquisa que a cultura produzida pela sociedade atual é vinculada a questão econômica. Detém o acesso à cultura quem possui dinheiro para consumi-la. Na comunidade local, por exemplo, nem todos podem usufruir da cultura comercializada.

No seio familiar o acesso à cultura para os participantes da pesquisa acontece via mídia (televisão, internet e demais meios de comunicação) e algumas famílias disseram que procuram levar as crianças a passeios, em shopping e parques. Um aspecto intrigante das conversas com os adultos sobre o acesso à cultura da família foi que eles não comentaram sobre o contato com a arte, falam apenas de passeios que envolvem entretenimento, compras e alimentação. Ao serem indagados sobre o contato com o cinema, E. (39 anos) destaca que quando não se tem dinheiro pra pagar, realiza-se algo que não necessita de dinheiro “[...] Ou então reuni todo mundo em casa, fica todo mundo junto, assisti um filme junto”.

O que se percebia antes das intervenções desta pesquisa é que as famílias não estão preocupadas em ter acesso à cultura enquanto arte. Ainda, registra-se que as crianças em conversas sobre o assunto contam que raramente vão a museus, exposições artísticas e culturais. Algumas expõem que já foram uma ou duas vezes, mas nem se recordam sobre o que era o passeio realizado.

Chauí (2006) aponta que o entretenimento além de ser um momento de repouso é passatempo, contudo, a condição de passar o tempo livre é uma condição necessária ao corpo biológico como forma de repor as energias gastas no momento de trabalho.

[...] O entretenimento é uma dimensão da cultura tomada em seu sentido amplo e antropológico, pois é a maneira como uma sociedade inventa seus momentos de distração, diversão, lazer e repouso. No entanto, por isso mesmo, o entretenimento se distingue da cultura quando entendida como trabalho criador e expressivos das obras de pensamento e de arte (CHAUI, 2006, p. 21).

A problemática atual em relação à cultura está no fato de a cultura enquanto arte ser substituída pela cultura do entretenimento. Esta última reforçada pela imagem de cultura exibida pelos meios de comunicação. Portanto, segundo Chauí

(2003) na sociedade os elementos da cultura enquanto arte podem vir a ser negados pela cultura de massa.

A cultura de massa está diretamente relacionada com a cultura instaurada na sociedade capitalista, a cultura do consumo (ADORNO, 1978; CHAUI, 2006; BONFIM, 2011). Então, a arte passa a ser mercadoria e objeto de fruição para a cultura do entretenimento.

Segundo Bonfim (2011) os objetos culturais assumem um caráter mercadológico, como valor de aquisição de status social, e esse consumo da cultura pode levar ao seu desaparecimento. Bonfim destaca ainda que só é possível entender este processo mediante o entendimento do consumo e da arte como diversão e entretenimento.

É importante destacar que a cultura de massa acaba por se apropriar da arte como elemento fundamental da Indústria Cultural (I.C) para depois inseri-la como produto. Chauí (2006) enfatiza que a mídia transforma tudo em entretenimento, exemplo disso são cerimônias religiosas, tragédias, greves, festas e até as obras de arte. Do ponto de vista apresentado, a banalização da arte se torna o nicho mercadológico do momento. A lógica do consumo e de banalização reduz a cultura aos gostos das massas, fazendo da arte componente do mercado cultural.

O contato que as mesmas tem com a cultura produzida na atualidade se faz por meio da mídia, como relatado:

Nesta quinta-feira as alunas D. (05 anos) e S. (05 anos) conversavam durante a aula sobre assuntos alheios ao ambiente escolar. Quando me aproximei, percebi que estavam cantando músicas referentes às novelas que passam na mídia: "Levo vida de empregue eu pego as sete...". Parei na frente das meninas e perguntei o que estavam falando, elas responderam que estavam imitando as empreguetes da novela (Diário de campo, 09 de agosto de 2012).

Partindo do exemplo observa-se que as crianças estão constantemente em contato com os meios de comunicação de massa, que influencia nos gostos e desejos das crianças.

Feilitzen e Carlsson (2002) apontam que a mídia está sendo difundida mundialmente e que mesmo com toda a globalização da mídia, o acesso infantil a tais recursos se mostra desigual se comparar diferentes países do mundo. Os

autores destacam ainda, diversos estudos realizados mostrando como a criança se tornou um alvo da mídia.

Um dos estudos apresentados pelos autores foi o de Livingstone, Holden e Bovill (2002), realizado em doze países da Europa. Eles apontam como acontece o acesso das crianças a mídia e qual o tempo destinado a estes recursos. Como resultado da pesquisa, obtiveram que as crianças tem contato com diferentes tipos de recursos midiáticos nos domicílios, variando por gênero, idade e condição socioeconômica. Os recursos midiáticos com maior acesso são: a televisão, vídeo, TV a cabo/satélite, computador, internet, vídeo game, livros, telefone, destes recursos o de maior acesso é a televisão, sendo quase unânime nas residências dos países investigados.

Em relação ao tempo de utilização dos recursos midiáticos há variações, por exemplo, no uso da televisão pelas crianças e jovens da Europa, os autores detectaram que elas passam em torno de uma hora e meia a duas horas na frente da TV. Outro resultado relevante é o uso da internet, cada vez mais as crianças e jovens utilizam a internet como lazer e o tempo varia de acordo com cada país. A cultura midiática além de fazer parte do cotidiano das famílias em todo o mundo passou a utilizar a imagem da criança como um alvo, pois elas são uma audiência fiel da cultura do entretenimento. Rao (2002) aponta que as crianças têm o poder de convencimento, ou seja, de influência nas compras dos pais, porém segundo a autora a estratégia da mídia é uma forma de alcançar os pais e com isso acaba por enganar as crianças.

Uma pesquisa interessante sobre o acesso da criança à cultura midiática é a de Jempson (2002), tal pesquisa aborda a imagem da criança na mídia e descreve a partir das entrevistas com um grupo crianças o que elas querem em relação aos profissionais da mídia. Jempson (2002, p. 121) destaca aspectos relevantes para a satisfação das crianças em relação a cultura midiática:

- Deixem as crianças falarem por si mesmas;
- Tratem as crianças como iguais, seres humanos como outros quaisquer;
- Perguntem as crianças o que elas acham de problemas cobertos pela mídia;
- Dêem às crianças a oportunidade de falarem livremente com os adultos, bem como com as outras crianças;
- Vejam as crianças como indivíduos, com seus próprios pensamentos, entusiasmos e preocupações;

- Deixem as crianças serem elas mesmas e não o que outras pessoas querem que elas sejam;
- Levem as opiniões das crianças a sério.

Em regra, todo o comércio de cultura voltada para o entretenimento infantil vê a criança como alvo, entretanto seu foco central está nos adultos e responsáveis, pois eles custeiam as vontades e desejos das crianças no universo do consumo.

A obra de arte apresentada como mercadoria é vista por Adorno e Horkheimer como *a arte sem sonho*, pois é o que limita o ser, sua imaginação, capacidade de criação, sensibilidade e senso crítico. Eles discorrem que o processo do consumo é como uma atrofia das habilidades do ser humano e consumidor de cultura. O efeito do processo em discussão faz com que as crianças de hoje sejam limitadas quanto ao contato com a arte, podendo acarretar no desaparecimento dela no futuro. Garantir o acesso à cultura enquanto arte é ir além de ser apenas direito de qualquer cidadão, deve estar constantemente presente na sociedade. É poder ir além do comum, é engrandecer a identidade local, e, sobretudo, a identidade pessoal.

4.2 A COMUNIDADE

Após aprofundarmos o conhecimento relacionado ao âmbito da família, introduzimos a análise sobre a comunidade de modo geral, visando apresentar como a cultura infantil se apresenta fora da ambiente familiar, isto é, na convivência comunitária. Ao considerar a importância do cotidiano na caracterização da cultura infantil local, analisaram-se as mesmas categorias abordadas na família.

Em primeiro lugar está à socialização, deve-se salientar a existência de inúmeras instâncias socializadoras na comunidade. Um exemplo é o ambiente escolar, local onde as crianças se relacionam com outras crianças, com professores e funcionários. Devemos levar em conta que algumas atividades de interação envolvendo adulto e crianças podem se repetir as diferentes instâncias, é o caso da interação no brincar e na relação entre pares.

É na brincadeira que as crianças se relacionam entre si, no que chamamos de socialização entre pares. Segundo Grigorowitschs (2008, p. 7) “o conceito de pares

não diz respeito necessariamente a crianças da mesma idade, mas as crianças que compartilham das mesmas expectativas, interesses e condições sociais”.

É interessante observar o quão importante é a interação entre pares na vida das crianças participantes da pesquisa, pois ao serem questionadas sobre as atividades que realizam, elas são enfáticas em relacionar as brincadeiras/jogos, como na fala de D. (08 anos) “Futebol, brincadeiras”, o mesmo ainda destaca, “Rodar peão, eu gosto! Joga bola”; F. (05 anos) “Estourar bexiga”.

No decorrer da pesquisa percebemos que o brincar faz parte de todas as formas de interação/socialização da vida infantil, seja entre pares ou até na relação com os adultos.

As crianças têm um modo ativo de ser e habitar o mundo, elas atuam na criação de relações sociais, nos processos de aprendizagem e de produção de conhecimento desde muito pequenas. Sua inserção no mundo acontece pela observação cotidiana das atividades dos adultos, uma observação e participação heterodoxa que possibilitam que elas produzam suas próprias sínteses e expressões. A partir de sua interação com outras crianças – por exemplo, por meio de brincadeiras e jogos – ou com os adultos – realizando tarefas e afazeres de sobrevivência -, elas acabam por constituir suas próprias identidades pessoais e sociais (BARBOSA, 2007, p. 1066).

Assim, as crianças produzem a cultura infantil mediante tais interações, seja com outra cultura infantil ou mesmo com a cultura do adulto, realizando suas próprias sínteses do contexto social. Para Grigorowitschs (2008, p. 7) quando se tornam adultas, as crianças passam a participar de outros tipos de interações, privilegiando outras formas de experiências no seu cotidiano, e as interações se modificam na “forma”, mas não no “ato” de interagir.

Ao olharmos para os processos de socialização presentes na sociedade atual, mais precisamente no bairro Santa Felicidade e região, visualiza-se que tanto os adultos quanto as crianças se socializam, seja pela relação adulto-criança ou pela interação entre pares.

A primeira instância analisada no meio comunitário foi o ambiente escolar. É na escola, creches, centros de educação que as crianças têm oportunidade de relacionar-se, expressando sentimentos, vontades, desejos, angústias. No ambiente escolar o processo de interação acontece entre crianças, crianças-professores, crianças-funcionários.

Entre as crianças, as relações na escola acontecem no decorrer dos estudos em sala, na hora do intervalo (recreio) ou durante as refeições. É comum na escola visualizar crianças conversando sobre aspectos referentes à vida pessoal.

I. (07 anos) levantou a mão em sala e falou: “Sabe prô, eu fui ontem na casa da minha tia, ela não mora aqui, e eu passei bastante”. Quando o I. pediu para falar a maioria ergueu a mão, pois queriam relatar alguma experiência, foi um momento prazeroso em que um pôde escutar o outro (Diário de campo, 01 de junho de 2012).

De acordo com Barbosa (2007) as crianças chegam ao ambiente escolar com suas inúmeras experiências e compartilham com os demais colegas, pois a criança tem contato com múltiplas infâncias, e acaba se tornando um ser plural e ao mesmo tempo singular, plural por suas vivências, contatos, experiências, e singular, por sua identidade única. As relações encontradas são heterogêneas, pois nem todos os adultos da escola em questão tem a mesma interação com as crianças. O que se percebe é que para alguns funcionários da escola as crianças passam imperceptíveis aos olhos dos adultos. A criança pode passar dar um sorriso, que a funcionária continua realizando o serviço de limpeza. Outro exemplo é no recreio das crianças, alguns funcionários tem que ajudar na organização das atividades (corda, bola, elástico, dentre outros), neste caso o adulto está em interação com a criança pelo brincar, tem funcionários da escola do bairro que parecem realizar as atividades por obrigação, não cantam as ladainhas, não conversam com as crianças e ao término recolhem os materiais com rapidez, transparecendo a má vontade de estar em contato com elas.

As crianças parecem reagir da mesma forma, são poucas que conversam, estabelecem diálogo ou demonstram por gestos a importância da relação com o adulto no interior da escola.

Considerou-se na pesquisa a socialização entre pares como sendo todas as relações existentes na comunidade pesquisada, seja nas ruas, nos centros comunitários, no comércio, dentre outros.

Uma das principais formas de socialização entre pares na comunidade é durante a brincadeira. Barbosa (2007) nos apresenta que as crianças interagem, se apropriando de culturas e produzindo culturas.

No que se refere à interação entre pares durante a infância, percebe-se que as crianças interagem não somente por pertencerem a uma mesma geração, mas por fazerem parte do mesmo contexto histórico da contemporaneidade (GRIGOROWITSCHS, 2008). Elas compartilham suas expectativas, seus gostos e a mesma estrutura social. Todavia, a relação entre pares na comunidade também pode ocorrer entre indivíduos de diferentes gerações, como na interação adulto-criança.

No caminho para a escola, em plena correria do nosso cotidiano, em férias escolares, crianças brincam. Avistei diversas pipas sendo soltas nas redondezas do bairro, ao me aproximar verifiquei que se tratavam de crianças e adultos soltando pipa em uma linda tarde de inverno, logo me veio à mente que a principal forma de socialização entre crianças acontece durante as brincadeiras, este caso fugiu a regra, pois os adultos também interagiam com as crianças na ação de brincar (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de julho de 2012).

Montandon (2001, p. 43) relata sobre estudos realizados nos Estados Unidos, os quais investigavam as crianças nas brincadeiras, observou-se que mediante o brincar a criança se apropria de elementos diversos que auxiliam no processo de compreensão da realidade e prepara a criança para a relação do mundo adulto. Desta maneira, a brincadeira coloca a criança em constante ressignificação de seu mundo, até mesmo nas transformações da socialização entre pares em comunidades.

No ambiente local as crianças relatam que brincam de futebol, sobem em árvores, estouram bexigas, contudo, elas se encontram no perímetro urbano e a cultura infantil local se diferencia das demais culturas infantis presentes em nosso município.

Belloni (2007) afirma que do ponto de vista da Sociologia, a socialização pode ser um mecanismo de controle social, pois pode reproduzir as estruturas sociais existentes. Com isso, surge a seguinte indagação: os processos de socialização existentes no bairro em estudo contribuem para o controle social?

A partir de uma visão macro podemos generalizar e considerar que as crianças reproduzem as estruturas sociais hegemônicas presentes. Entretanto, se considerarmos o local, o micro, observamos que em muitas relações, o processo de interação se torna diferenciado do que temos em outras comunidades no município,

portanto o local mostra uma socialização repleta de interação que contribui para uma maior percepção da realidade, confrontando a ordem hegemônica.

Assim, a socialização acontece não somente para se transmitir cultura, mas se torna um aspecto essencial na formação do ser social, seja ele criança ou adulto. É importante salientar que os processos de interação entre pares na comunidade não ocorrem somente pela brincadeira, eles se referem a qualquer interação presente entre os seres na localidade.

Durante as intervenções realizadas com o grupo de moradores do bairro, colocamos em discussão a relação em comunidade. Na pergunta sobre se as crianças participavam de alguma atividade na comunidade em que todos realizassem juntos o P. (08 anos) respondeu “Sim, de pega-pega”. Outra questão levantada com as crianças foi sobre a relação com os adultos na comunidade, se eles poderiam ter amizades com os adultos, D. (10 anos) “Com adulto também, com todo mundo”. Sobre a importância da amizade adulto-criança P. (08 anos) relata que “Significa que se a gente quer ser tratado bem, tem que tratar eles bem”, D. (08 anos) “Todo mundo tem que ser tratado bem”. Uma das crianças comentou sobre a questão das diferenças entre as pessoas e o outro logo responde, D. (10 anos) “Se é branco, negro, tem que viver junto”. Para finalizar a discussão sobre viver juntos, D. (10 anos) afirma “Mas tem que viver sempre unidos”, e P. (07 anos) “Os pais, as crianças, a comunidade”.

Na conversa com os adultos discutimos as mesmas questões sobre o relacionamento em comunidade. Para I. (41 anos), “Sozinho a gente não consegue nada, a gente sempre tem que tá acompanhado (risos), a gente sozinho, a gente pode tenta, tenta a gente não consegue fazê as coisas”, M. (49 anos) destaca: “É bom né a gente tá na comunidade, a gente conversa, discuti sobre alguma coisa, se a gente não tiver a comunidade a gente nunca vai ter a vida sozinha!”, e E. (39 anos) fala sobre a dependência em relação ao próximo

[...] Pra que existe a comunidade, pra quê? Pra que se junto, pra discuti as relações do bairro ou que tá acontecendo na sociedade, pra chegar ao objetivo de obte melhoras pra aquele lugar, pras pessoas que ali convive, entendeu? [...]dar a minha opinião do que eu acho, se você não participa você não tem como ir lá depois reclama ou cobra nada! A partir do momento que você se integra, participa, se você tá dividindo o mesmo espaço você pode cobra, dividi a mesma opinião como pode tentar ajuda. [...]É uma união para o melhor progresso, progredir o dia-a-dia entendeu? [...].

Na discussão sobre participação na comunidade, mesmo eles achando importante o envolvimento entre pessoas dizem que é raro a comunidade se mobilizar, realizar uma reunião, que quando acontece sempre tem discussões, brigas. M. (49 anos) enfatiza que “[...] aqui no bairro os grandão pisa em cima dos pequenos”. Os adultos participantes da pesquisa acham que a convivência em comunidade tem que mudar em prol de um bem comum.

Diante das discussões realizadas nesta sessão chamamos a atenção para a construção social da infância na comunidade. As crianças de hoje serão os adultos de amanhã, e se a relação adulto-criança se faz nos moldes do adultocentrismo temos que tomar a frente e interferir para a mudança dessas relações.

Para tanto, necessitamos inserir o valor de viver em comunidade em todas as instâncias socializadoras, para que possamos almejar o que pretendemos. E, sobretudo, considerar a socialização uma esfera para além da vida dos adultos (MONTANDON, 2001).

No ambiente escolar não é distinto, as crianças também querem ser respeitadas e devem respeitar os adultos. Nas relações estabelecidas dentro da escola além da socialização temos as relações de poder, que se mostram em diversos casos, um exemplo é a autoridade do professor enquanto adulto e merecedor do respeito e da obediência do aluno. O poder presente no ambiente escolar caminha ao lado do autoritarismo, se as crianças não cumprirem com o que lhes foi imposto tem-se a punição.

Em muitos casos a punição da criança na escola é a de não participar de alguma brincadeira proposta pela professora ou mesmo não se relacionar nas atividades recreativas no intervalo da escola. A criança que recebe tal punição fica sendo supervisionada e controlada por um adulto, voltando a participar de tais brincadeiras se for merecedora na próxima aula. A criança vive em constante aprovação da sua moralidade na sociedade, ela tem que responder de acordo com o determinado pelos adultos no ambiente escolar.

As técnicas de poder exercidas pelos adultos fazem com que as crianças se acostumem com o agir (punitivo) dos adultos, naturalizando o poder presente na comunidade em estudo. O que se percebe é que tanto os adultos quanto as crianças se sentem a vontade com o que se passa, as crianças dificilmente são escutadas na escola. Isto ainda se mostra evidente nas falas de adultos (pais) da comunidade.

Durante a pesquisa, nas entrevistas realizadas, alguns pais relataram que a criança deve respeitar e fazer o que o adulto pede, como na fala de M. (49 anos) “[...] você tem que respeita a professora, fazê o que ela pede [...]”. A mesma adulta aponta que as crianças não tem respeito porque não tem educação em casa, mas enfatiza que na escola o professor merece ser respeitado.

Na escola as crianças querem interagir, muitas delas em conversas informais demonstram que gostam de ir a escola, mas não gostam de ficar estudando, o que mais gostam é de brincar, conversar e se divertir. É importante destacar que o poder também está presente nas relações entre crianças.

As crianças convivem na escola sendo controlados pelos adultos, mas em alguns casos as crianças se regulam entre si. Um exemplo foi no dia 07 de dezembro de 2012, elas ensaiavam para a apresentação cultural de final de ano na escola, a professora estava querendo falar e tinha alguns alunos conversando e brincando, uma outra criança percebeu a situação e deu um grito: Deixa a professora falar, fica quieto!

Contrária a tal exposição temos a desobediência e indisciplina das crianças frente os posicionamentos dos adultos no ambiente escolar, será um desarranjo estrutural do processo ou uma resistência do grupo infantil? Não são todas as crianças que tem o hábito de responder as ordens dos adultos, algumas fazem questão de fazer o diferente, de chamar atenção por seus atos, uma forma de resistência ao que está posto neste ambiente, entretanto esta mesma criança acaba sendo rotulada por seu comportamento indevido na escola.

E com os adultos isto não se diferencia, todos os funcionários da escola obedecem às regras determinadas de trabalho, da mesma maneira eles são vigiados e controlados por sua conduta no ambiente de trabalho, desde sua atuação como profissional até sua vida pessoal.

Santos (2000) destaca que o poder pode estar inserido em um âmbito de desigualdade. Ao nos deparar com a questão hierárquica é possível fazer relação com o que o autor afirma, pois em cada estágio de hierarquia existe a soberania de uns sob os outros.

Durante a pesquisa foram abordados aspectos referentes ao viver em comunidade, da relação com outras pessoas, em nenhum momento o foco da pesquisa era falar do poder, todavia, a questão veio a tona de forma implícita ao

tratar da relação do grupo participante deste estudo com as demais pessoas da comunidade.

M. (49 anos): Eu e ele aqui (apontando para o J.) moramo aqui no bairro eu vô fala a mesma coisa e ele pode responde pra vê se eu tô mentindo. Aqui no bairro os grandão pisa em cima dos pequeno, daí cê vai fala e passa de ruim, eu tô mentindo vizinho?

J. (69 anos): Não!

M. (49 anos): Aqui o presidente se eu fala pra ele assim, ali tá faltando um piso, não tá não! Tá arrumado! Então você não tá enxergando, tá cego!

O que se percebe no Santa é que existe um poder sendo exercido pelo presidente de bairro, a pessoa que deveria escutar os moradores, fazer reuniões para o bem comum acaba agindo de acordo com a sua posição (cargo) abusando do poder. Quando o assunto foi em relação a eles conversarem, se entenderem, uma das participantes foi enfática ao dizer que no bairro as pessoas não conseguem se entender.

M. (49 anos): Aqui no bairro não! E outra coisa, de vez em quando eu vô fala, esses dia eu fui fala, você tem que ponha um guarda aqui pras criança passa, ele fez de conta que nem ouviu. O dia que a moto quase atropelo a menina ali, se atropelasse eu ia chama o repórter e ia chama, porque aqui eles não entram em acordo com ninguém, o vizinho mora aqui a mais tempo do que eu aqui na vila e ele sabe, aqui se precisa...agora mesmo eles tão mexendo no bairro, quem tá mandando, o prefeito e eles lá grandão e eu mesmo não tô nem sabendo de nada! Esses dia mesmo chego um homi da prefeitura lá na minha porta, você não vem entra aqui não porque vocês mexe nas coisa e não vem pedi o opinião pra mim, agora pra recebe as coisa, agora pra receber o meu dinheiro da casa, do asfalto vocês lá recebeu, eu não tenho nada com isso não! Então você não entra aqui não, da porta pra fora (risos), se quise manda o juiz manda uma carta pra mim que eu vô lá no fóru, desse jeito! O povo não tem união, pra discuti pobrema, aqui é assim eu tenho alguma coisa, se eu for lá dá uma opinião eu não só ouvida, agora aquele, outra pessoa que usa o meu, o seu filho pra vende droga tem mais poder, eu já falei esses dia, até tem um vereador que o vizinho sabe quem é, se ele passa na minha frente ele vai fica sem puxa o cabelo a vida inteira (risos).

A fala acima é de suma importância no entendimento das relações de poder exercidas na comunidade em estudo. O primeiro poder presente é de um morador sob o outro, um querendo ser o responsável por tudo o que acontece, porém não escuta as pessoas do bairro para se chegar a um acordo do melhor para o Santa

Felicidade. Outra questão abordada na fala da M. (49 anos) foi o poder público que está interferindo na vida da comunidade, e segundo ela sem pedir a opinião do povo residente no bairro. Em última instância ela apontou para um dos problemas sociais existente nesta comunidade, o poder da droga, as pessoas envolvidas com tráfico de drogas na comunidade tem mais poder do que qualquer outro morador.

Ao falar da comunidade perguntamos se os participantes da pesquisa acham que a realidade deveria mudar. A maioria fez questão de dizer que deve haver mudança, que o presidente de bairro deveria ser uma pessoa envolvida, que estivesse a favor da comunidade local, lutando por melhorias em comum, fazendo reunião com os moradores para que as pessoas possam opinar e não decidir tudo sozinho.

Outro elemento fundamental para que a formação do poder esteja presente na sociedade contemporânea é a influência por meio da mídia. A indústria cultural pode ser analisada enquanto uma das técnicas de poder para se chegar às massas, de modo que alcance o maior número de pessoas possível. Chauí (2006) expõe que a maioria da população do Brasil é espectadora televisiva e que isso se tornou espetáculo na vida de tais indivíduos. A invasão tecnológica na vida doméstica fez com que os meios de comunicação de massa se tornassem essenciais para a maioria das pessoas. São novelas, filmes, programas de auditórios, noticiários, propagandas que de alguma forma tentam penetrar nas pessoas seja pelo sentimento de felicidade, tristeza ou outros.

Tanto as crianças como os adultos são frequentemente levados pelo sentimento, e os detentores das técnicas de poder fazem uso destas estratégias para se chegar ao público alvo. A indústria cultural, por exemplo, utiliza-se do encantamento do espetáculo.

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como instrumento de unificação. Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo olhar e toda consciência. Pelo fato desse setor estar separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza é tão-somente a linguagem oficial da separação generalizada (DEBORD, 1997, p. 14).

Como colocado pelo autor o espetáculo concentra o olhar das pessoas, assim é a indústria cultural a qual transforma as produções artísticas e culturais em

espetáculos a serem assistidos. A cultura de massa anuncia a cultura enquanto algo a ser consumido, como entretenimento. Chauí (2006, p. 21) considera que tal imagem transmitida pela comunicação de massa acaba por negar “os traços da cultura”.

Partindo deste pressuposto, a indústria cultural se tornou uma forte detentora de poder, influenciando o consumo da cultura banalizada, influenciando os gostos de adultos e crianças, desde brinquedos que são inseridos na cultura infantil na atualidade até a opção por filmes, desenhos animados, dentre outros. Uma das participantes da pesquisa anuncia como a indústria cultural está na vida das crianças locais e como ela faz para restringir o contato abusivo com a mídia e eletrônicos.

I. (41 anos): Acho que eles ficam muito, se dexa, é vídeo game, é televisão, é não sei o que, tudo o que eles querem é só isso que eles qué, no mais que se chega da escola, eu posso jogar vídeo game? Daí você tem que ficar controlando... Esse fim de semana nós nem ligamos a TV, fosso procurar outra coisa pra fazer, pra não deixar...Eu falo pro D., se você ficar, só vai ficar isso na sua cabeça, não faz nada, aí eu..eu castigo assim, então não tem vídeo game, 15 dias sem vídeo game. É uma forma de você tirar deles e...e uma parte é bom e outra parte é ruim, a parte boa é assim, se eles ficam muito afim (fala enrolada). É uma forma de você..não ter que bater, não vai ter porque você não tá se comportando. É uma forma que dá pra você negociar com eles, entendeu. Não sei se é certo, mas é o que eu faço.

A participante apontou aspectos referentes ao contato das crianças com os meios de comunicação em massa, que tem que ter o uso restringido. O que devemos considerar é que a adulta fez o uso de uma técnica de poder (adultocentrismo) para controlar as crianças, novamente a criança está sendo vigiada pelo seu comportamento, recebendo a punição de não estar em contato com os eletrônicos. Um outro adulto mencionou a diferença da época em que era criança para os dias de hoje,

A. (45 anos): Na verdade era tudo censurado, era censurado, não era tudo que você podia, era...era criança mas tem muitas coisas que não podia nem passar perto, os pai não deixava, a mãe não deixava, hoje não, as crianças tão tudo mais liberado, hoje eles fazem, eles fazem as coisa ai que na época da gente era tudo... (balanço negativo com a cabeça).

O tempo pode ter modificado a cultura infantil existente, todavia, o controle para com as crianças existia desde a infância do adulto que trouxe seu depoimento acima. A rigidez dos adultos com as crianças persiste de outra forma, via vigilância e punição de seu comportamento. As crianças vão crescendo acostumadas a ver as técnicas de poder a sua volta, mesmo que seja implicitamente.

No que se trata dos meios de comunicação e da indústria cultural é nítido o seu poder de influência na vida dos sujeitos sociais, mas, qual o acesso que a comunidade em estudo possui a tais meios?

Afirmamos que a comunidade do Santa possui acesso à cultura, todavia nem sempre a cultura enquanto arte, e sim acesso a cultura banalizada pelo mercado, resultado do ritmo acelerado de produção artística e cultural que se vende na atualidade. O cinema por sua vez não fica atrás, o filme representa lazer, diversão e entretenimento, mas não como um momento de reflexão do sistema vigente.

Com a proposta cultural apresentada neste estudo foi possível fazer o uso da arte para a reflexão da sociedade local, ouvir as crianças sobre suas vontades, seus desejos e ainda escutar os adultos no debate sobre as questões envolvendo a relação adulto-criança, infância e cultura. Durante os encontros realizados ficou evidente que as crianças estavam felizes por estarem participando de algo diferente do que lhes é comum, elas relataram que raramente fazem isso com os pais ou responsáveis e que foi bom para o aprendizado delas. Os adultos relataram sobre a importância deste contato com a arte para eles e para as crianças como nos relatos:

Durante três encontros vocês estiveram em contato com a cultura, foram três encontros em um mês, isso foi um contato com a arte e com a cultura, vocês consideram que isso foi importante? Pra vocês e para as crianças? (Pesquisadora)

J. (69 anos): Pra mim foi e para as crianças também.

Você acha que é importante esse contato com a cultura? (Pesquisadora)

J. (69 anos): É sim, foi muito importante.

E. (39 anos): É porque além de você estar participando junto com eles, eles também vão vê o dia-a-dia da sua casa, no dia-a-dia na sua casa você nem para muito pra refletir né, a partir do momento que você, pô eu assisti um filme foi assim, como aquele do menino maluquinho, você comenta, um comenta com o outro, ah! eu assisti um filme foi assim, então é legal porque faz com que a criança se desenvolva e você percebe que as vezes faz alguma coisa, daí você fala: você lembra do filme lá como que era, entendeu? Daí fica uma coisa mais legal assim, e também é uma tarde que você passa com eles, eles se prepara, fica ansioso, entendeu? Eu acho legal. Você aprende um pouco né, um fala aqui e você aprende um com o outro,

you vai ouvi aquele ali e fala p  esse tem uma ideia legal, you acaba aprendendo um com o outro.

D. (29 anos): Foi bom sim a gente ter participado com eles, porque a partir do momento que a gente se interage no assunto e com eles, a gente conversa do mesmo assunto e eles ficam satisfeitos n  também, a gente consegue entende dos dois filmes que eu assisti you consegue muda no que eu estava errada, eu consigo brinca mais, no que eu estava em falta, eu consigo e eles falam: olha mãe que legal!

I. (41 anos): Logo depois desses filmes, eu comecei a brincar mais com as minhas filhas, porque eu não parava pra brincar com elas não, e daí essa semana eu brincando com elas, a Pâmela fico me olhando, e eu que falei pra L. que you não brincava com a gente (riso envergonhado),   porque eu não são muito de para não, de brinca e esquece o que eu tão fazendo, não! E as vezes elas me cobram muito isso, n e? E eu pensei em brincar mais essa semana, da semana retrasada pra c  parar pra brincar mais com elas e ela disse nossa mãe e eu que falei pra professora L. que you não brincava com a gente.

4.2.1 Amizade na infância: bem comum a sociedade

A socializa o infantil consiste na intera o entre crianças,   por intermédio do contato com outras crianças surgem amizades que podem ser ou não levadas para a vida adulta. Partindo do pressuposto, optou-se por apresentar o valor inestimável que a amizade tem na vida das crianças locais e o quanto esta rela o significa na vida de uma criança.

Para Garcia e Pereira (2008) a rela o de amizade   única, constituídas de momentos singulares, sendo distinta de qualquer outro tipo de relacionamento, como na rela o criança-grupo, por exemplo. Os autores ainda apresentam os resultados de alguns estudos, nos quais a amizade pode variar de acordo com as suas dimensões, podendo envolver situa es de intenso envolvimento, de valor positivo, como também intera es tumultuadas. Outro fato importante apresentado   sobre a infância, que as crianças possuem pelos menos um amigo no decorrer da infância, e que geralmente a amizade acontece pela semelhança entre as crianças.

No que tange as rela es de amizade, Lisboa (2005) explicita sobre os sentimentos de uma amizade. Para ela, a confiança, a afetividade, a rela o de intimidade em crianças no mesmo período etário possibilita um desenvolvimento de habilidades sociais, como os valores morais.

As relações de amizade promovem um desenvolvimento significativo na construção do ser social, na compreensão do si, do outro e do mundo a sua volta. As crianças em processo de relações de amizade tendem a se desenvolver mais rápido, se comunicam melhor e ainda conseguem resolver conflitos (GARCIA E PEREIRA, 2008). Segundo os autores, com o passar da idade as relações de amizade se tornam mais estáveis, e valores como altruísmo e intimidade passam a fazer parte do interior das relações.

Em relação a este tipo de socialização, Sena e Souza (2010, p.19) apontam que "A amizade é um contexto privilegiado para o desenvolvimento social, pois a relação com entre crianças exercita habilidades interpessoais e adquire competências importantes, como a lealdade". Os autores afirmam que a amizade promove interações mais intensas do que no processo de socialização entre pares, pois a relação de cumplicidade faz com que a cooperação se faça presente nas relações de amizade, podendo ocorrer em alguns casos o afastando comportamentos de dominação e competição entre estas pessoas.

Em estudos realizados sobre a amizade adulta (GARCIA e PEREIRA, 2008), os resultados deram conta de classificar a relação de amizade em três fases, sendo a iniciação, manutenção e dissolução. Levando em conta tal classificação para as amizades no decorrer da infância, podemos dizer que com o passar dos anos algumas amizades se tornam estáveis, outras alcançam o patamar da dissolução.

Wisniewski e Tolentino (2011) redigem que os melhores amigos na vida de um indivíduo são os que a amizade perdura por um longo tempo. A partir do início da adolescência o número de relações de amizade decai ligeiramente, devido às obrigações do cotidiano.

Durante a infância, a importância da amizade está atrelada a ação do brincar, pois as amizades tendem a contribuir no processo de socialização da criança com outras crianças bem como com os adultos ao seu redor. Deste modo, as atividades mais prazerosas de se desenvolver com os amigos na infância são as brincadeiras. Conforme Garcia e Pereira (2008) "[...] Amigos são parceiros de brincadeiras [...]".

A questão da brincadeira e do divertimento está totalmente interligada com os processos de socialização na infância, assim como nas relações de amizade. Para as crianças da comunidade em estudo, a amizade se mostra fundamental em suas vidas, a todo o momento elas relacionam o prazer do brincar e da diversão à importância da união e da amizade.

Ao comentar sobre aspectos relevantes dos filmes assistidos e ao que podemos fazer referência em nossas vidas, D. (10 anos) enfatiza “A amizade, a união, a diversão, a alegria”, além disso, ao falarem sobre as nossas responsabilidades no mundo, D. (08 anos) diz: “A nossa responsabilidade é brincar (fala com entusiasmo)”, já para D. (07 anos) é “Fazer amizade na rua”. A cumplicidade de ideias, expectativas, valores faz com que as crianças envolvidas se desenvolvam conjuntamente, dividindo experiências e expressando emoções.

Sobre a relevância da amizade, destaca-se que “[...] O poder de socialização que tem a amizade está provavelmente na força que a opinião do amigo tem em mudar os conceitos em si, dos próprios erros, dado o respeito e a confiança que tem por tal opinião e que produz reflexão e mudança” (WISNIEWSKI E TOLENTINO, p. 11250).

O valor que a relação de amizade possui na vida das crianças locais é inestimável, pois é na amizade que elas se apoiam para entender sua realidade, e sobretudo, compartilhar situações que são próprias do cotidiano local.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando toda a trajetória da pesquisa, do contato com a comunidade do bairro Santa Felicidade, principalmente com as crianças, elencamos os aspectos que entendemos ser mais importantes para compartilhar com os leitores, lembrando que na pesquisa em questão, buscou-se responder à seguinte pergunta norteadora: Como se caracteriza a infância nas proximidades do Bairro Santa Felicidade do município de Maringá/PR? Para tanto, nos aprofundamos na cultura infantil local mediante uma proposta cultural com filmes sem censura, voltadas para crianças e adultos moradores das imediações do bairro. O objetivo principal compreendia desvelar características da cultura da infância enfatizando as relações estabelecidas no cotidiano entre crianças e adultos da comunidade em estudo. Salientamos que a comunidade possui particularidades que devem ser evidenciadas, porque em muitos casos ela é julgada negativamente por pessoas do município que não conhecem o bairro e suas qualidades.

Para o trabalho de campo realizado no Santa Felicidade utilizamos a metodologia do grupo focal, que contou ao todo com 17 participantes entre crianças e adultos de ambos os sexos, na faixa etária entre 4 à 69 anos. No total foram realizados três encontros de coleta de informações sobre cultura infantil. A cultura infantil local foi sendo delineada com o aprofundamento das temáticas discutidas nos grupo focais, ocasião em que se evidenciou o aumento gradativo do interesse dos participantes sobre a reflexão societal, assim como sobre as relações com os outros moradores adultos e crianças do bairro.

Além de estarem reunidos para uma pesquisa, percebeu-se o envolvimento das crianças com os adultos nos encontros, que significaram momentos de socialização fora do ambiente que estão acostumados.

A partir das transcrições do grupo focal as categorias aparecem para cruzar teoria e prática, quais sejam: socialização, relação de poder, liberdade e acesso à cultura. Por intermédio das mesmas foram analisados os âmbitos da família e da comunidade, traçando características pertinentes a cultura infantil local.

Mediante as reflexões alusivas à pesquisa chegamos a alguns apontamentos em relação às hipóteses do trabalho, as quais tratavam diretamente das relações estabelecidas no bairro e das características da cultura infantil da localidade. A primeira hipótese levantada se tratava da relação familiar, se os adultos se

pautavam no adultocentrismo para direcionar a vida das crianças, obtivemos das famílias investigadas, que os adultos determinam as ações das crianças, desde as atividades rotineiras até as brincadeiras e/ou brinquedos. Percebemos que as crianças são direcionadas pelos adultos no tempo e no espaço, na família e na comunidade. Defendemos que a criança merece e deve ser escutada, e o *dar voz* a criança abre uma possibilidade de participação coletiva na construção da cultura da infância local.

Em contato com o adultocentrismo, a criança pode futuramente reproduzir as ações dos pais ou responsáveis, perpetuando a característica da voz adulta como determinante. Das falas dos participantes da pesquisa foi possível confirmar que se tratando desta temática em alguns aspectos o adulto de agora reproduz o que aprendeu com os adultos na sua infância. Já as crianças demonstram que é verídico o que os pais contam, sendo uma forte característica da cultura infantil local.

No entanto observa-se que não são em todos os aspectos que pais e adultos falam igualmente. As percepções de realidade dos adultos e das crianças se mostram diferenciadas em alguns pontos. A criança considera importante na vida a família, o amor e a amizade, o que reflete que a criança valoriza o sentimento como primordial juntamente com a família. Os adultos falam somente na família, entretanto não apontam nenhum argumento sobre outros sentimentos.

Outro exemplo é que os adultos muito frequentemente elencam as características negativas de seus cotidianos ressaltando as dificuldades, e raramente falam de felicidade. Contrárias a tais características, as crianças expõem sobre amizade, amor, família, brincadeiras, diversão, e mesmo com as dificuldades, todas consideram que são felizes.

Ao iniciarmos a pesquisa não imaginávamos que as crianças poderiam ter um grupo de articulação, entretanto foi identificado que elas possuem uma articulação mediante o ato do brincar. É por intermédio da brincadeira que elas se socializam, trocam experiências e constroem e reconstróem a cultura infantil local. A resignificação pelo brincar abre possibilidade de articulação política, na qual espontaneamente as crianças expõem opiniões, angústias, e, sobretudo, se reconhecem enquanto pertencentes do mesmo grupo social, das crianças.

No que tange aos adultos pesquisados, é notória uma desarticulação política, a presença de relações de poder que interferem nesta articulação enquanto pertencentes ao mesmo grupo social. Eles dizem que os representantes da

comunidade baixam a cabeça para o poder público do município e que não realizam reuniões conjuntas. Foi unânime o posicionamento dos adultos em relação à convivência comunitária, eles acham imprescindível que reuniões sejam feitas, mas comentam que não conseguem entrar em consenso para o bem comum do local. Sobre a articulação acreditamos que esta poderia acontecer via estratégias culturais, assim como ocorreu nas intervenções do grupo focal.

A cultura pode ser uma possibilidade de entendimento das relações existentes no bairro. Considerando que o trabalho também analisou a questão de como a cultura é consumida pela comunidade em estudo, seja via consumo de massa ou cultura enquanto arte. Chegamos à conclusão de que a comunidade consome a cultura de massa por falta de opção, pois o bairro não oferece nada relacionado a cultura enquanto arte (cinema ou outros). Outro aspecto a destacar é a questão econômica, muitas famílias não possuem recursos para ir ao cinema.

A arte deve estar presente na vida de qualquer sujeito social, é por este princípio que acreditamos que a cultura enquanto arte pode vir a fortalecer as relações familiares e comunitárias bem como as reflexões acerca da sociedade vigente no bairro e nas imediações do Santa Felicidade no município de Maringá-Paraná.

Outra defesa do trabalho é a de considerar as crianças como sujeitos sociais plenos, de direitos, de voz e de respeito. Isso faz com que a criança seja participativa nas decisões locais, inclusive no que tange a própria cultura infantil local. Neste trabalho as crianças puderam opinar, sugerir, relatar sobre as temáticas apresentadas, argumentaram, foram críticas e intensas nas discussões. Como confiávamos, elas souberam exprimir o que sentem e o que acontece no bairro, sendo fundamentais no desvelamento das características da cultura da infância local.

A importância que nossa investigação teve na vida das crianças surge em comentários diários feitos pelas crianças na escola: *Professora, quando vai ter de novo?; Semana que vem?* Ouvir tais comentários nos leva a considerar que os poucos momentos compartilhados fizeram alguma diferença no cotidiano da comunidade local, inclusive no relacionamento da pesquisadora com a comunidade. Antes, apenas professora da escola, agora também a professora do projeto. Todo o processo referente à investigação refletiu na minha prática pedagógica, principalmente na forma de como falar e ouvir a criança. Muitas vezes elas querem

dizer mais do que o tratado nas aulas, demonstram sentimentos e relatam fatos de seu cotidiano. De modo particular, estarmos à frente do projeto nos fez ir além do que pensávamos, nos levou a refletir, engrandecer enquanto pessoa, repensar atos e ter a certeza que as crianças como grupo social fazem diferença no Santa. A nossa aposta é que elas possam participar mais das decisões do cotidiano, que possam ser atuantes na sociedade, utilizando-se de elementos culturais.

Após todo o trabalho realizado, da caracterização das cenas do cotidiano, os protagonistas, que são os adultos e crianças participantes, receberam as devolutivas do estudo em um encontro realizado no mês de dezembro de 2012 nas dependências da escola do bairro no período noturno. Foi mais um momento prazeroso, de trocas de experiências e socialização entre o grupo. Neste, os adultos também expuseram alguns comentários sobre as reflexões realizadas em encontros anteriores, dizendo que as discussões sobre brincadeira, valorização das crianças e relacionamento familiar refletiram em novas ações no ambiente familiar, que agora estavam tendo diálogos com as crianças. Foi também neste dia que conversamos sobre a possibilidade de irmos ao cinema juntos, por intermédio de uma parceria feita pela pesquisadora. Então, no dia 15 de dezembro de 2012 nos reunimos para mais um encontro de contato com a arte. Fomos ao cinema, os pais e as crianças e assistimos o filme “O segredo dos Guardiões”. Na sequência, fizemos uma roda da conversa no próprio *shopping* e abrimos uma reflexão acerca do filme. Ver o brilho nos olhos das crianças e adultos fez emergir a vontade de dar continuidade no projeto com a arte, para que futuramente a comunidade das redondezas do Santa possa se organizar e continuar os encontros culturais (cinema) como feito em tal estudo, elevando a percepção a caminho da emancipação humana.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. A indústria cultural. In: COHN, G. **Comunicação e indústria cultural**: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações de massa nessa sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1978.

ANTONI, C. de; MARTINS, C.; FERRONATO, M. A. ; SIMÕES, A.; MAURENTE, V.; COSTA, F.; KOLLER S.H. *Grupo Focal*: Método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, n. 53 (2), p. 38-53, 2001.

ARAÚJO, M. da C. de. **O bairro Santa Felicidade por ele mesmo**: espaço urbano e formas de representações sociais em Maringá. 2005. 290 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho (UNESP).

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARBOSA, M. C. S. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares**: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. *Revista Educação e Sociedade*, v. 28, n.100 – Especial, p. 1059-1083, Campinas, 2007.

BAUMAN, Z. **A liberdade**. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

_____. **Em busca da política**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. 3.ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de publicações, 2001.

BELLONI, M. L. **Infâncias, mídias e educação**: revisitando o conceito de socialização. *Revista perspectiva*, v. 25, n. 1, p. 57-82, jan-jun, 2007.

BOBBIO, N. **Igualdade e Liberdade**. Rio de Janeiro: Ediouro: 1996.

BONFIM, C. **Hannah Arendt: o social e o político na crise da cultura**. In: Anais do XIV Congresso Internacional de humanidades. Universidade de Brasília, outubro/2011.

BORBA, A. M. **Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar**. 2005. 279 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

CAETANO, L. M. **O conceito de obediência na relação pais e filhos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CHAUÍ, M. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHAUÍ, M. **Cidadania Cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, M. do N. A contribuição do pensamento de Adorno para a análise da indústria cultural. In: **Estudos Goiânia**. v.29, n.2, p. 535-560. Mar./abr.2002.

FABIANO, L. H. Bufonices culturais e degradação ética: Adorno na contramão da alegria. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. S.; OLIVEIRA, N. R. (Orgs.). **Teoria crítica, estética e educação**. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 135-145.

FABIANO, L. H.; PALANGANA, I. C. Identidade e cultura mercantilizada. In: **Psychologica: repensar as organizações**. Revista da faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Coimbra. nº27. Coimbra-Portugal, 2001.

FEILITZEN, C. von; CARLSSON, U. **A criança e a mídia: Imagem, Educação e Participação**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília –DF: UNESCO, 2002.

FERREIRA, M. M. Branco demasiado ou...Reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças. In: **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. SARMENTO, M.; GOUVEIA, M. C. S. de (orgs.). Petrópolis: Editora vozes, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro; Graal, 1993.

GALVÃO, A. A.; ROCHA, M. M. **A mobilidade social e questão territorial em maringá-PR: o caso dos moradores do bairro Santa Felicidade**. Revista Eletrônica Geografar, v.5, n.1, p.132-154. Curitiba:UFPR, jan/jun, 2010.

GARCIA, A.; PEREIRA, P. C. da C. **Amizade na infância: um estudo empírico**. Revista de psicologia da vetor editora, v.9, n. 1, p. 25-34, jan/jun, 2008.

GOMES, S. R. **Grupo Focal: uma alternativa em construção na pesquisa educacional**. In: Cadernos de pós-graduação, São Paulo, v. 4, Educação, p. 39-45, 2005.

GRIGOROWITSCHS, T. **Entre a sociologia clássica e a sociologia da infância: reflexões sobre o conceito de socialização**. Anais VI Congresso Português de Sociologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2008.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

_____. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona; Península, 1977

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Textos escolhidos. In: **Os pensadores**. Trad. Zeljko Loparié e outros. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JEMPSON, M. Algumas idéias sobre o desenvolvimento de uma mídia favorável à criança. In: FEILITZEN, Cecília von; CARLSSON, Ulla. **A criança e a mídia: Imagem, Educação e Participação**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília –DF: UNESCO, 2002.

KRAMER, S. Crianças e adultos em diferentes contextos – Desafios de um percurso de pesquisa sobre infância, cultura e formação. In: **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. SARMENTO, Manuel; GOUVEIA, Maria Cristina Soares de (orgs.). Petrópolis: Editora vozes, 2008.

LISBOA, C. S. M. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizades de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

LIVINGTONE, S.; HOLDEN, K. J.; BOVILL, M. As crianças e o ambiente da mídia em mudança: Panorama de um estudo comparativo Europeu. In: FEILITZEN, Cecília von; CARLSSON, Ulla. **A criança e a mídia: Imagem, Educação e Participação**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília –DF: UNESCO, 2002.

LUKÁCS, G. **Introdução à estética marxista**. Trad. Carlos Nelson Coltinho. Rio de Janeiro, Civilização, 1970.

MAGER, M. *et al.* **Práticas com crianças, adolescentes e jovens: Pensamentos decantados**. Maringá: Eduem, 2011.

MARX, K. **Capítulo VI Inédito de O Capital: Resultados do processo de produção imediata**. São Paulo: Moraes, 1985.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo - SP: Hucitec, 2004.

MONTANDON, C. **Sociologia da infância**: balanços dos trabalhos em língua inglesa. Trad. Neide Luzia de Rezende. Cadernos de Pesquisa, n. 112, p. 33-60, 2001.

MÜLLER, V. R. **História de crianças e infâncias: registros, narrativas e vida privada**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

PAIS, J. M. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PULIDO, C. B. **O conceito de liberdade na teoria política de Norberto Bobbio**. In: Revista Eletrônica Acadêmica de Direito, 2006.

SANTOS, B. de S. **A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SARMENTO, M. J. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. SARMENTO, Manuel; GOUVEIA, Maria Cristina Soares de (orgs.). Petrópolis: Editora vozes, 2008.

_____. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SENA, S. da S.; SOUZA, Luciana Karine de. **Amizade, infância e TDAH**. Revista contexto clínico, v. 3, jan-jun, 2010.

SILVA, R. T. M. da. **Televisão, infância e Educação: o impacto de programações no desenvolvimento do pensamento**. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá: UEM, 2004.

SILVA, E. A. da. Ser criança no meio rural em Angola: infância, tradição, educação e cidadania. In: **Crianças dos países de língua portuguesa: histórias, culturas e direitos**. Maringá: Eduem, 2011.

SILVA, E. C. **Subjetividade e cinema: vida/arte/vida**. Maringá: Eduem, 2012.

SOARES, N. F. **Outras infâncias: a situação social das crianças atendidas numa comissão de proteção de menores**. Universidade do Minho, 2001.

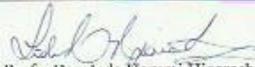
TOMÁS, C.; SOARES, N. **O cosmopolitismo infantil: uma causa (sociológica) justa**. In: V Congresso Português de Sociologia, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WISNIEWSKI, M.; TOLENTINO, P. C. **As relações de amizade na infância: fator de socialização e desenvolvimento pessoal**. Anais do X Congresso Nacional de Educação-EDUCERE, Curitiba: PUC, 2011.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer favorável do comitê de ética em Pesquisa com Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (Observação: à época, o título provisório da dissertação era o que consta no parecer).

 Universidade Estadual de Maringá Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos	
CAAE Nº. 0488.0.093.000-11	PARECER Nº. 677/2011
Pesquisador(a) Responsável: Verônica Regina Müller	
Centro/Departamento: CCS / Departamento de Educação Física	
Título do projeto: A interlocução adulto-criança e a cultura infantil: cenas da contemporaneidade.	
Considerações: Trata-se de protocolo de pesquisa de área temática III, com o objetivo geral de "analisar a relação adulto-criança e suas responsabilidades sociais de forma a aprofundar o conhecimento sobre a cultura infantil local". A pesquisa apresenta boa fundamentação teórica. A metodologia se dará através de um estudo qualitativo a ser realizado na escola municipal professora Benedita Nátalia Lima no município de Maringá- PR, com crianças de ambos os sexos com idade de 7 a 11 anos e os pais que serão convidados juntamente com as crianças. O instrumento escolhido para a intervenção durante a pesquisa de campo são fontes áudio-imagéticas, dando enfoque aos filmes que abordam relações familiares e comunitárias. O cronograma de execução foi apresentado de março de 2012 a fevereiro de 2013, com a coleta de dados prevista para março a maio de 2012. O orçamento do estudo, totalizando R\$1280,00 segue com informação de que será subsidiada pela própria pesquisadora. Consta do projeto a autorização da diretora da escola. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está redigido na forma de convite à participação no estudo e contempla as garantias fundamentais estabelecidas pela norma ética vigente. Face ao exposto, considerando o processo de apreciação ética do protocolo à luz das normativas fixadas pela Res. 196/96-CNS e complementares, e considerando que as observações supra estabelecidas, não se configuram em óbices éticos, sendo passíveis de adequação por parte da pesquisadora, sem necessidade de nova submissão, este comitê se manifesta por aprovar o protocolo em tela, recomendando a observância das sugestões contidas no presente parecer.	
Com relação à aplicação do TCLE, conforme instrução operacional do sistema CEP/CONEP, datada de 21/03/2011, os pesquisadores deverão fazer constar, além das assinaturas de ambos (pesquisador e sujeito da pesquisa) nos campos específicos da última página, a rubrica, também de ambos, em todas as folhas do documento (TCLE).	
SITUAÇÃO: APROVADO	
CONEP: (X) para registro () para análise e parecer	Data: 02/12/2011
Relatório Final para Comitê: () Não (X) Sim	Data: Março de 2013
O protocolo foi apreciado de acordo com a Resolução nº. 196/96 e complementares do CNS/MS, na 230ª reunião do COPEP em 2/12/2011.	 Profa. Dra. Ieda Harumi Higarashi Presidente do COPEP

Campus Universitário – CEP: 87020-900 – Maringá – PR, Fone: (44) 3011-4444.
Avenida Colombo, 5790, Térreo da BCF. (1ª sala à esquerda)

ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido para os adultos participantes da pesquisa (Observação: à época, o título da dissertação era provisório).

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A INTERLOCUÇÃO ADULTO-CRIANÇA E A CULTURA INFANTIL: CENAS DA CONTEMPORANEIDADE

Gostaríamos de convidá-la a participar da pesquisa intitulada “A interlocução adulto-criança e a cultura infantil: cenas da contemporaneidade”, que faz parte do curso de Mestrado em Educação sob responsabilidade da pesquisadora Layla Mariana Maiante Pinto que é orientada pelo Prof^a. Dr^a. Verônica Regina Müller da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é analisar a relação adulto-criança e suas responsabilidades sociais de forma a aprofundar o conhecimento sobre a cultura infantil local. Para isto sua participação é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: serão realizadas observações da sua relação com seu filho e participará de atividades culturais desenvolvidas para a pesquisa, que consiste em assistir filmes que abordam as relações familiares e comunitárias. Estas atividades culturais servem apenas para a finalidade da pesquisa, que tem como foco a relação adulto-criança e a cultura infantil. Após as intervenções, as informações obtidas dos registros das observações contidas no diário de campo, as vozes das crianças e de seus pais e a fundamentação teórica da pesquisa serão cruzadas para subsidiar a análise e interpretação. As imagens e falas serão gravadas e estas gravações serão destruídas após o término da pesquisa.

Informamos que poderão ocorrer desconfortos decorrentes da utilização de câmera filmadora e gravador, entretanto salientamos que as informações serão utilizadas somente para fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Os benefícios esperados são a conscientização da relação

adulto-criança e suas responsabilidades sociais na família e na comunidade bem como a necessidade de discussões e estudos referentes ao tema em questão, visto que estamos em constatare relação seja na família e/ou na comunidade.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu, _____ (nome por extenso do sujeito de pesquisa) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar **VOLUNTARIAMENTE** da pesquisa coordenada pelo Prof^a. Dr^a. Verônica Regina Müller.

_____ Data: _____
Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, _____ (nome do pesquisador ou do membro da equipe que aplicou o TCLE), declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ Data: _____
Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço:

Nome: Layla Mariana Maiante Pinto

Telefone: (44)9991-9650

e-mail: laled_fdj@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444

E-mail: copep@uem.br

ANEXO C – Termo de consentimento livre e esclarecido para as crianças participantes da pesquisa (Assinado pelos responsáveis pela criança).

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA AS CRIANÇAS

A INTERLOCUÇÃO ADULTO-CRIANÇA E A CULTURA INFANTIL: CENAS DA CONTEMPORANEIDADE

Gostaríamos de solicitar sua autorização para a participação de seu filho(a) na pesquisa intitulada “A interlocução adulto-criança e a cultura infantil: cenas da contemporaneidade” que faz parte do curso de Mestrado em Educação sob responsabilidade da pesquisadora Layla Mariana Maiante Pinto que é orientada pela prof^a. Dr^a. Verônica Regina Müller da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é analisar a relação adulto-criança e suas responsabilidades sociais de forma a aprofundar o conhecimento sobre a cultura infantil local. Para isto a participação de seu filho(a) é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: seu filho(a) será observado(a) enquanto se relaciona com outras crianças e com adultos, participará de atividades culturais desenvolvidas para a pesquisa, que consiste em assistir filmes que abordam as relações familiares e comunitárias. Estas atividades culturais servem apenas para a finalidade da pesquisa, que tem como foco a relação adulto-criança e a cultura infantil. As imagens e falas serão gravadas e estas gravações serão destruídas após o término da pesquisa.

Caso ocorra algum desconforto na participação da criança na pesquisa, os educadores responsáveis pela aplicação das atividades estarão preparados para minimizar qualquer desconforto causado na criança.

Gostaríamos de esclarecer que a participação de seu filho(a) é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a autorizar tal participação, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa ou à de seu filho(a). Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade, sua e a de seu (sua) filho(a). Os benefícios

esperados são a conscientização da relação adulto-criança e suas responsabilidades sociais na família e na comunidade.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços a seguir ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu, _____ (nome por extenso do responsável pela criança) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar **VOLUNTARIAMENTE** da pesquisa coordenada pela Prof^a Dr^a. Verônica Regina Müller.

_____ Data: _____

Assinatura ou impressão datiloscópica

Campo para assentimento do sujeito de pesquisa (para crianças escolares e adolescentes com capacidade de leitura e compreensão):

Eu, _____ (nome por extenso do sujeito de pesquisa /criança) declaro que recebi todas as explicações sobre esta pesquisa e concordo em participar da mesma, desde que meu pai/mãe (responsável) concorde com esta participação.

_____ Data: _____

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, _____ (nome do pesquisador ou do membro da equipe que aplicou o TCLE), declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ Data: _____

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Layla Mariana Maiante Pinto

Telefone: (44) 9991-9650

e-mail: laled_fdj@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444

E-mail: copep@uem.br

ANEXO D – Autorização enviada à direção da escola para realização da pesquisa nas dependências da escola.



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado e Doutorado em Educação



Ofício nº 094/2011-PPE

Maringá, 10 de novembro de 2011.

Prezada Senhora:

Solicitamos autorização para a acadêmica de Mestrado **LAYLA MARIANA MAIANTE PINTO** colher dados para a pesquisa intitulada "**A INTERLOCUÇÃO ADULTO-CRIANÇA E A CULTURA INFANTIL: CENAS DA CONTEMPORANEIDADE**". Esta coleta de dados contempla entrevistas semi-estruturadas – Metodologia de Grupo Focal.

O estudo ora proposto integra o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, e é orientado pela professora Dra. Verônica Regina Müller.

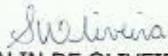
Os dados colhidos serão eticamente tratados, seguindo as normas prescritas pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Assim, além dos cuidados com a coleta de dados, a identidade dos alunos, professores e da escola serão preservadas.

Agradecemos a atenção e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Atenciosamente,


Prof.ª Dra. Verônica Regina Müller
Orientadora


Prof.ª Dra. Rosângela Célia Faustino
Coordenadora do PPE/UEM

Ilma. Sra. 
SILVANA VALIN DE OLIVEIRA - *autorizada em 22/11/11*
Diretora da Escola Municipal Benedita Natália Lima
Maringá-PR

Escola Municipal
Professora Benedita Natália Lima
Educação Infantil e Ensino Fundamental
Av.: Guadner, 3476
Conj. Santa Felicidade Tel.: 3901-1807
CEP.: 87053-280 - Maringá-PR
email: esc_benedita_natalia@maringa.pr.gov.br

Campus Universitário – Av. Colombo, 5790 – Bloco I-12 – Sala 11 – Fone: (44) 3011-4853 – 3041-5076
CEP 87020-900 – Maringá – Paraná – E-mail: sec-ppe@uem.br – www.ppe.uem.br

ANEXO E – Roteiro de entrevista semi-estruturada para o trabalho de campo

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA AS CRIANÇAS E ADULTOS

DADOS PESSOAIS

Possui _____ quantos
filhos:_____

Reside _____ em _____ qual _____ bairro: _____

Há _____ quanto _____ tempo _____ reside _____ no _____ bairro: _____

O que o filme faz pensar?

Quais as cenas do filme que vocês acham parecidas com o seu dia-a-dia?

Quais as atividades que as crianças realizam no seu no dia-a-dia?

Vocês acham que as atividades para crianças tem que mudar/modificar?

Quais as atividades que vocês acham corretas para as crianças?

Quando podemos dizer que a criança faz tudo certo? (comunidade, família)

Em qual sentido podemos dizer que o adulto faz tudo certo? (comunidade, família)

Qual o acesso que vocês têm à cultura? E ao cinema?

Quais as atividades que vocês realizam com as crianças no seu dia-a-dia?

PERGUNTAS ESPECÍFICAS PARA OS PAIS

Fale sobre sua infância?

Vocês consideram que sua infância é parecida com a de seu filho (a)? Em quais aspectos?

Há coisas que seus pais ou responsáveis diziam ou faziam que agora vocês repetem com seus filhos?

Vocês acham que vocês fazem mais atividades agora com suas crianças do que seus pais ou responsáveis fizeram com vocês? Essas atividades são coisas que seus pais ou responsáveis fizeram com vocês?

ANEXO F – Sinopses dos filmes utilizados na pesquisa

- O menino maluquinho

GÊNERO	CLASSIFICAÇÃO	ANO	DURAÇÃO	DIRETOR
Infantil/ Aventura	Livre	1994	83 min	Helvécio Ratton

Sinopse

Maluquinho é um garoto tão menino quanto qualquer outro de sua idade. Brincalhão, esperto e levado, ele teve a sorte de nascer numa família que lhe dá carinho e permite realizar todas as suas fantasias e diversões da infância. Isso não impede que ele também passe por alguns sustos daqueles que tiram os pais do sério e às vezes os fazem saírem correndo do trabalho para acudir um filho que "aprontou alguma daquelas".

Fonte: <http://www.cineplayers.com/filme.php?id=3152>

- Fantástica fábrica de chocolates

GÊNERO	CLASSIFICAÇÃO	ANO	DURAÇÃO	DIRETOR
Aventura	Livre	2005	115 min	Tim Burton

Sinopse

Charlie Bucket é um menino pobre, que acha um dos cobiçados "bilhetes dourados" que dão direito a um carregamento vitalício de chocolates Wonka, além de poder conhecer a misteriosa fábrica de chocolates. Ele e mais quatro crianças passeiam pelo lugar, mas Willy Wonka, o dono da fábrica, não é um tio gente-bom e sim uma figura manipuladora. As crianças, ao mesmo tempo em que mergulham de cabeça nos seus desejos, pagam um preço por isso, pois pensando melhor a analogia mais perfeita não é com a Terra de Oz, mas com o Jardim do Éden: encantador, mas território da serpente.

Fonte: http://www.interfilmes.com/filme_14937_a.fantastica.fabrica.de.chocolate.html

- Animais unidos jamais serão vencidos



GÊNERO	CLASSIFICAÇÃO	ANO	DURAÇÃO	DIRETOR
Animação	Livre	2010	93 min	Reinhard Klooss, Holger Tappe

Sinopse

Um grupo de animais vive em paz em território africano. Até que um dia a água simplesmente desaparece. Eles investigam o que possa ter ocorrido e descobrem que os homens construíram uma imensa represa que deixou o local onde vivem totalmente sem água. Para reverter esta situação, os animais resolvem se unir e partir para a guerra contra os humanos.

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/animais-unidos-jamais-serao-vencidos/>

ANEXO G – Convite entregue aos participantes da pesquisa para o 1º encontro

CONVITE

Senhores pais ou responsáveis

Convidamos vocês para participar neste domingo dia 15/04/2012 das 14:00h às 17:30h da realização do 1º Encontro da pesquisa “A interlocução adulto-criança e a cultura infantil: cenas da contemporaneidade” organizado pela pesquisadora Layla Mariana Maiante Pinto. O encontro será na Escola Municipal Professora Benedita Natália Lima durante o evento “Escola Aberta”.

Contamos com a presença de vocês.

Atenciosamente

Layla Mariana Maiante Pinto

Contato: 9991-9650

ANEXO H – Convite entregue aos participantes da pesquisa para o 2º encontro

CONVITE

Senhores pais ou responsáveis

Convidamos vocês para participar neste domingo dia 29/04/2012 das 14:00h às 16:30h da realização do **2º Encontro** da pesquisa “A interlocução adulto-criança e a cultura infantil: cenas da contemporaneidade” organizado pela Professora e pesquisadora Layla Mariana Maiante Pinto. O encontro será na biblioteca da Escola Municipal Professora Benedita Natália Lima.

Contamos com a presença de vocês juntamente com as crianças.

Atenciosamente

Layla Mariana Maiante Pinto

Contato: 9991-9650

ANEXO I – Agradecimento das pesquisadoras aos adultos e crianças participantes da pesquisa (Entregue no encontro de socialização dos resultados da pesquisa realizado em 11/12/2012).

QUERIDOS PARTICIPANTES:

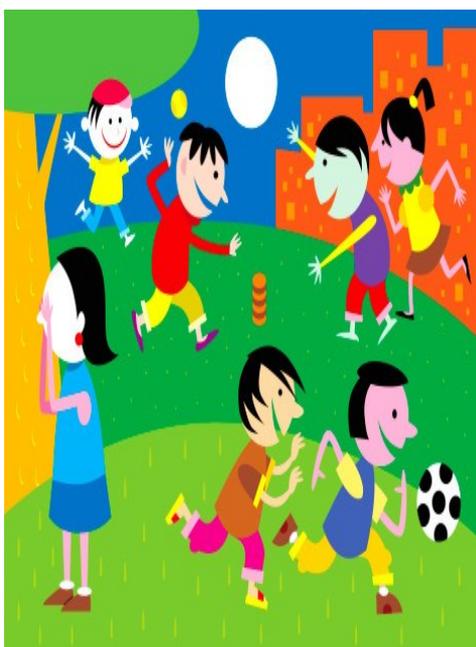
Gostaríamos de agradecer a vocês pela participação na Pesquisa: “A interlocução adulto-criança e a cultura infantil: cenas da contemporaneidade”. As informações coletadas durante os nossos encontros na escola serão utilizadas somente para este trabalho e o seu nome nunca será divulgado.

O trabalho estará disponível para consulta na forma impressa no PCA (Programa Multidisciplinar de Estudos e Pesquisa e Defesa da Criança e do Adolescente), no endereço: Av. Colombo, 5790, Bloco 03 – Biblioteca da UEM. Também estará à disposição via internet no site: <http://www.pca.uem.br>.

Nosso sincero agradecimento:

Mestranda: Layla Mariana Maiante Pinto (UEM)

Orientadora: Prof. Dra. Verônica Regina Müller (UEM)



ANEXO J – Agradecimento pela participação no encontro de encerramento da pesquisa no cinema no dia 15/12/2012.



**MUITO OBRIGADA
PELA PARTICIPAÇÃO
NA PESQUISA**

ANEXO K – Fotos dos encontros realizados



